

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA **conexão**
Literatura

Nº 61



JACKMICHEL

A ESCRITORA 2 EM 1

CONFIRA
ENTREVISTAS
CONTOS, CRÔNICAS
E MUITO MAIS

AINDA NESSA EDIÇÃO
TRINTA ANOS SEM CAZUZA
POR MARISTELA PRADO



www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

JULHO DE 2020

- Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Especial: Entrevista com JackMichel - A escritora 2 em 1, por Ademir Pascale, pág. 05
Dicas de livros, pág. 10
Ecos de Poesia (Português Amoroso), por Mayanna Velame, pág. 11
Artigo científico: Para bem escrever (sub)títulos, objetivos e parágrafos textuais de trabalhos científicos usando expressões terminológicas enunciativas: dicas úteis e exemplos práticos, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 14
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 27
Poema: Covid-19, por Emmanuel M. A. Moreno, pág. 28
Poema: Aspectos Assassinos, por Emmanuel M. A. Moreno, pág. 30
Resenha: (Livro) VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue, por Rafael Botter, pág. 33
Artigo: Romance: A música do seu coração - Cap. 5: Eu queria dizer que te amo, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 35
Artigo: Trinta Anos Sem Cazuza, por Maristela Prado, pág. 41
Entrevista com a autora Cecília Lorca, pág. 44
Entrevista com o autor Eduardo Cardoso, pág. 47
Entrevista com o autor Giovani Miguez, pág. 52
Entrevista com o autor Hélio Bacelar, pág. 56
Entrevista com a autora Jéssica Larissa, pág. 61
Entrevista com o autor João Bernardo Oliveira, pág. 65
Entrevista com o autor Léo Silva, pág. 69
Entrevista com o autor Marcelo Carlos Dias, pág. 74
Entrevista com a autora Márcia Dias, pág. 79
Entrevista com o autor Mauro Felipe, pág. 85
Entrevista com a autora Michele Franzini Zanin, pág. 89
Entrevista com o autor Policarpo, pág. 93
Entrevista com a autora Pris Magalhães, pág. 96
Entrevista com os autores Will e Kiko Zampieri, pág. 99
Galeria de Arte Roberto Schima, pág. 103
Conto: "A Coisa do Centro da Terra", por Roberto Schima, pág. 110
Conto: "Olha a Barca! Já Vai Partir", por Míriam Santiago, pág. 126
Conto: "Um Dia na Vida de um Amanuense", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 131
Poema: "Ad Vitam Aeternam", por Roberto Schima, pág. 136
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 138

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com
Mayanna Velame - Colunista
Rafael Botter - Colunista

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa e Arte: Ademir Pascale. Foto: JackMichel.

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição.

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe



*Não deixe que as pessoas te
façam desistir daquilo que você
mais quer na vida. acredite.
Lute, conquiste. E acima de tudo
SEJA FELIZ*

EDITORIAL

Nossa edição de julho destaca JackMichel - A Escritora 2 em 1, confira entrevista exclusiva que fizemos nas próximas páginas.

Mayanna Velame, nossa nova colunista, fala sobre Castro Alves, no artigo Ecos de Poesia.

O leitor também poderá conferir várias entrevistas com escritores, artigos, resenhas, dicas de livros, contos e até uma galeria de arte com ilustrações do artista Roberto Schima.

Participe da nossa edição de Agosto. Saiba como: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

Visite o nosso site

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



*Ademir Pascale
Editor-chefe*

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



JACKMICHEL

A ESCRITORA 2 EM 1

JackMichel é o primeiro grupo da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline “Jack” Ramos e Micheline “Michel” Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado visto que tem livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Tem 14 livros publicados, premiados e com menções honrosas. Também foi destaque em diversos jornais e revistas de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Conquistou o IV Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros na categoria Infantil/Infantojuvenil, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura “Prix ALALS de Littérature” e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é “A Escritora 2 Em 1.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

JackMichel: Isso aconteceu por acaso. Quando eu, Michel, comecei rascunhar meus primeiros manuscritos, Jack, minha irmã e parceira literária, já pegava na pena. Anos depois, haja vista termos acumulado muito material escrito, decidimos unir os calhamaços; e criamos JackMichel, cujo slogan é “A escritora 2 em 1”.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Fadastafadasbumpel” (Drago Editorial). Poderia comentar?

JackMichel: A ideia de escrever esta obra veio com a necessidade de mostrar às pessoas que as fadas, estes seres encantados tão dotados de poderes especiais, existem de fato.

Conexão Literatura: por que o título “Fadastafadasbumpel”?

JackMichel: Na verdade este título surgiu da junção da palavra Fadas com o final do nome do famoso conto de fadas Rapunzel, dos Irmãos Grimm; ou seja,

brincando com as palavras fizemos um trocadilho e criamos este lugar mágico.

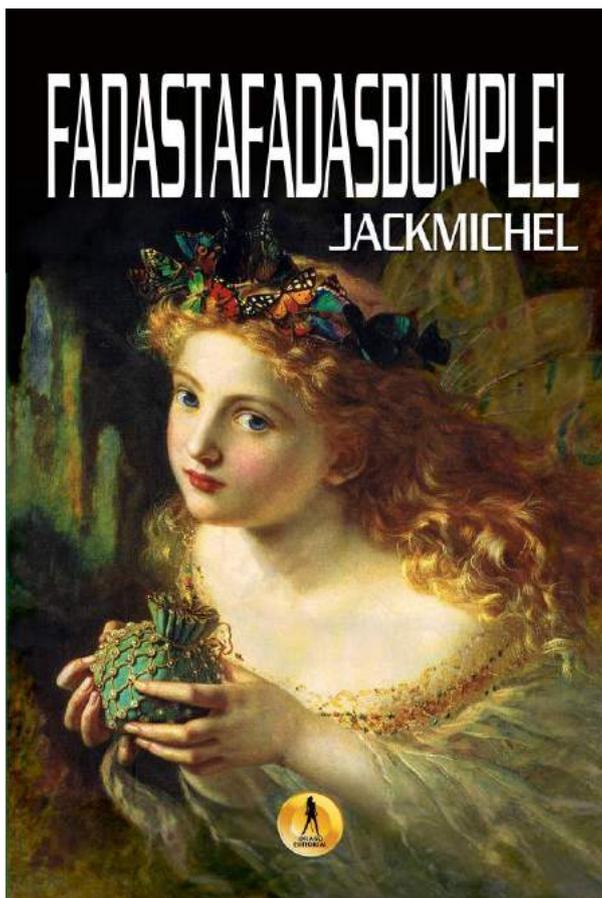
Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

JackMichel: Tudo correu por conta do movimento psicodélico surgido nos Anos 60, que deu vazão ao abstrato fabuloso; isso nos fez criar personagens como as 12 fadas, as Droslnferas, o chão de pérolas, as Dunas Purpurinadas, a chuva de miçangas, os Ratutus Aniladus que viviam em volta do Rio de Pão, os Pés Alaranjados que não paravam de pisar, o Túnel Rosado Cru, a Corda da Guitarra de Bife, o Labirinto dos Pirulitos que não

paravam de girar, o Gigante Kykyky e sua tesoura Maga KKK que não parava de recortar as folhas de papel celofane fantásticas-psicodélicas, dentre outras. A obra foi concluída em cerca de um mês.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

JackMichel: “Priiiiiimmm! Proooooommm!... Fadastafadasbumpel!”



Fadastafadasbump!le!...” Soou a voz gravada do alarme-sirene pisca-pisca.

“Depressa, magiquetas, precisamos trocar a lâmpada da tarde do dia da noite! Fadastafadasbump!le não pode ficar no escuro!” Disse Ukby, mascando um cacho dos seus cabelos de chiclete mascado.

“Oi. Isso vai ser legal, fadastas!” Disse, por sua vez, Dowdow.

“Mas e se o dia ficar transparente na noite da tarde de Fadastafadasbump!le?” Perguntou a transparente Tchbytch.

“Aí, você experimentará o gosto das flores fadarescas!” Respondeu Delpercing, cuspiendo flores.

“Isso vai ser melhor do que voar por todo o mundo bump!le fadaresco!” Comentou Babyba, batendo suas asas irreais.

“Eu preferiria continuar tocando tabla, ao invés de trocar uma lâmpada!” Reclamou Seeteese batendo em seu tambor bengalês, fazendo-o percutir completamente.

“Ora, deixe de floreio e diga apenas ‘sim!’” Gritou Affresh, pronunciando sua palavra preferida.

“Huummm!” Fez Zoxrain, dando língua com sua azulácea língua blue.

“Será que antes de trocar essa lâmpada eu poderia assistir A Pantera Cor-de-Rosa?... É que o Peter Sellers está no papel principal!” Pediu Jayday.

“Então, deixe primeiro eu acabar de cigarrar!” Sugeriu Pappymiss, tragando sua erva.

“Eu preferiria transar livremente.” Comentou Mykyky, com cara de transa livre.

“Que chato que a luz da lâmpada do dia-tarde-noite de Fadastafadasbump!le não é lilás!” Disse Kandafanda, que era maníaca por lilás.

Aí as fadastas foram... foram... foram...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

JackMichel: Acessando a livraria Drago Editorial

<https://www.dragoeditorial.com/p/p-style-text-align-justify-span-style-font-size-16px-span-style-font-family-trebuchet-ms-helvetica-sans-serif-doze-eres-confeitados-rodam-no-olhar-psicotropico-do-mago-tweentween-durante-o-sonho-do-seu-eu-louco-abstrato-fabuloso-ukby-tem-cabelos-de/>

e nosso website oficial

<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

JackMichel: Agora em Julho estaremos lançando mais um livro pela Drago Editorial: O Mundo Vítreo-Plástico Papelar dos Telurpianos X653.

Perguntas rápidas:

Um livro: Wuthering Heights (Jack) / Scomparsa D’Angela (Michel)

Um (a) autor (a): Emily Brontë (Jack) / Alessandro Pavolini (Michel)

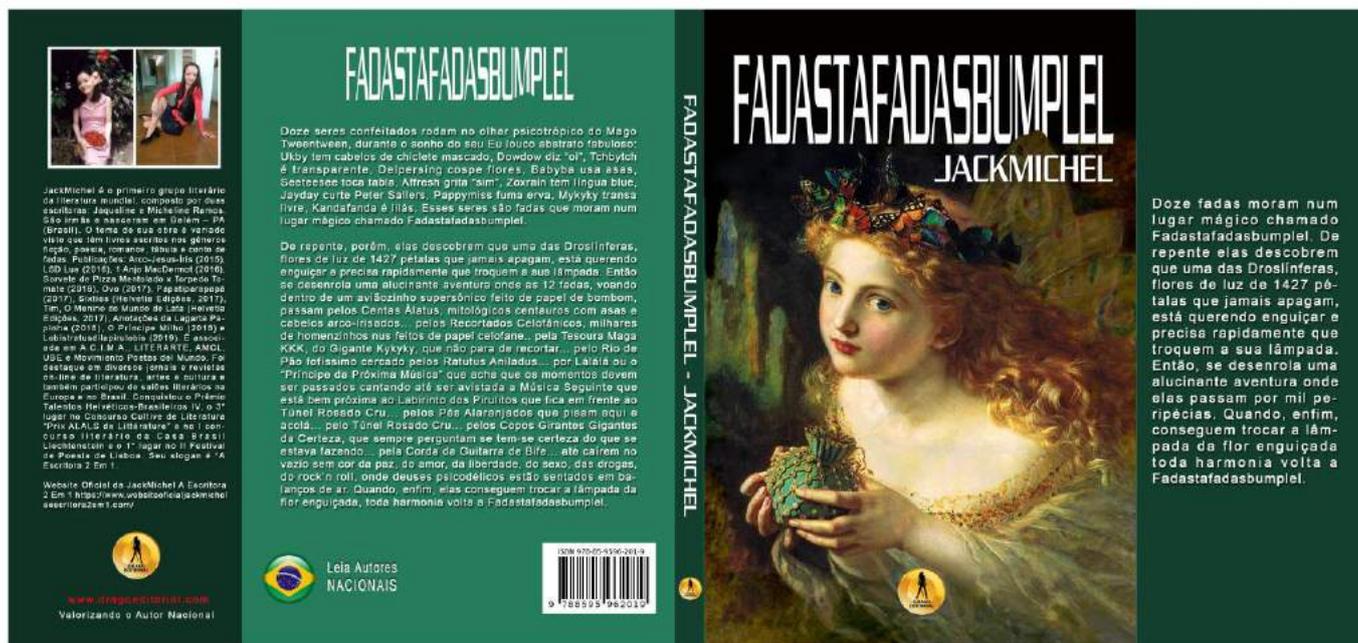
Um ator ou atriz: Gary Cooper (Jack) / Yul Brynner (Michel)

Um filme: Noon (Jack) / The Magnificent Seven (Michel)

Um dia especial: Dia de Natal (Jack) / Dia de aniversário (Michel)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

JackMichel: Citarei uma de minhas frases: “ESCRITOR NÃO É VAGABUNDO!”



Snopse:

Doze seres confeitados rodam no olhar psicotrópico do Mago Tweentween, durante o sonho do seu Eu louco abstrato fabuloso: Ukby tem cabelos de chiclete mascado, Dowdow diz "oi", Tchbytych é transparente, Delpersing cospe flores, Babyba usa asas, Seeteeseec toca tabla, Affresh grita "sim", Zoxrain tem língua blue, Jayday curte Peter Sallers, Pappymiss fuma erva, Mykyky transa livre, Kandafanda é lilás. Esses seres são fadas que moram num lugar mágico chamado Fadastafadasbumpel.

De repente, porém, elas descobrem que uma das Droslínteras, flores de luz de 1427 pétalas que jamais apagam, está querendo enguiçar e precisa rapidamente que troquem a sua lâmpada. Então se desenrola uma alucinante aventura onde as 12 fadas, voando dentro de um aviãozinho supersônico feito de papel de bombom, passam pelos Centas Àlatus, mitológicos centauros com asas e cabelos arco-irisados... pelos Recortados Celofânicos, milhares de homenzinhos nus feitos de papel celofane.. pela Tesoura Maga KKK, do Gigante Kykyky, que não para de recortar... pelo Rio de Pão fofíssimo cercado pelos Ratutus Aniladus... por Lálalá ou o "Príncipe da Próxima Música" que acha que os momentos devem ser passados cantando até ser avistada a Música Seguinte que está bem próxima ao Labirinto dos Pirulitos que fica em frente ao Túnel Rosado Cru... pelos Pés Alaranjados que pisam aqui e acolá... pelo Túnel Rosado Cru... pelos Copos Gigantes Gigantes da Certeza, que sempre perguntam se tem-se certeza do que se estava fazendo... pela Corda de Guitarra de Bife... até caírem no vazio sem cor da paz, do amor, da liberdade, do sexo, das drogas, do rock'n roll, onde deuses psicodélicos estão sentados em balanços de ar. Quando, enfim, elas conseguem trocar a lâmpada da flor enguiçada, toda harmonia volta a Fadastafadasbumpel.

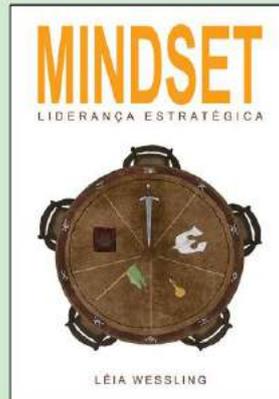


"A IDEIA DE ESCREVER ESTA OBRA VEIO COM A NECESSIDADE DE MOSTRAR ÀS PESSOAS QUE AS FADAS, ESTES SERES ENCANTADOS TÃO DOTADOS DE PODERES ESPECIAIS, EXISTEM DE FATO." - JACKMICHEL



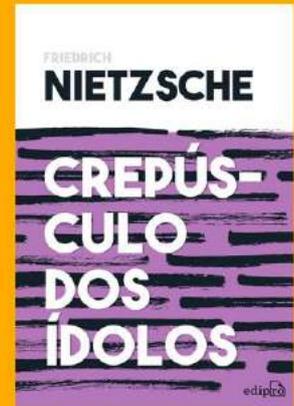
Mulheres além do óbvio
Sylvia Bellio (org)

Acesse



Mindset
Léia Wessling

Acesse



Crepúsculo dos Ídolos
Nietzsche

Acesse



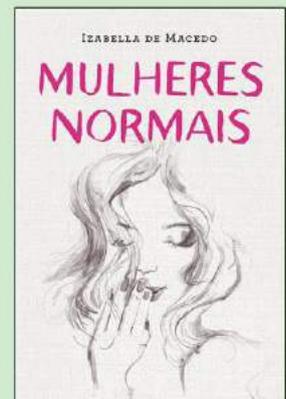
O Diário do Capitão Arsênio
Pablo Bernasconi

Acesse



Entre Cabul e a dança das borboletas
Karina Manassek

Acesse



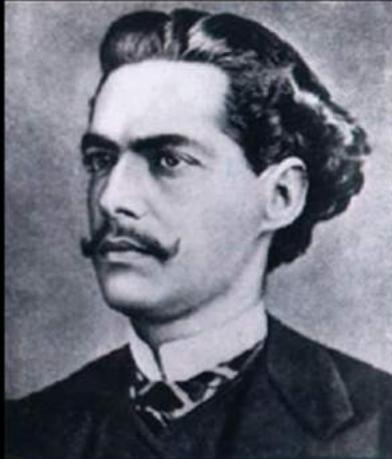
Mulheres normais
Izabella de Macedo

Acesse

*“Os erros são os portais da descoberta.”
– James Joyce*

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Écos de Poesia

PORTUGUÊS AMOROSO, POR MAYANNA VELAME

CASTRO ALVES

Artigo

A liberdade é poesia que ecoa nos porões do Navio Negreiro...

Literatura e sociedade sempre andam de mãos dadas, impossível dicotomizar essa relação. Todo período literário, ou melhor, tendência como assim os críticos classificam, sofre intervenção dos fatos sociais, políticos e econômicos. Em tempos tão nebulosos e incertos, o homem mais do que nunca necessitou da Arte.

A poesia ganha um sentido especial, sempre foi assim e sempre será. Porque de fato, ela é uma voz de resistência aveludada de amor e coragem. Em pleno século XXI, ainda assistimos a episódios de racismo que eclodem no mundo. A cor da pele vista com grau de superioridade e também de inferioridade demonstra que estamos distantes do respeito mútuo.

Como um grito que ecoa, a poesia é luz, chama que incendeia os ideais de uma sociedade mais justa e amistosa. Como exemplo disso, temos o poeta da 3ª geração romântica, Castro Alves, conhecido como o “poeta dos escravos”. Principal ícone da fase denominada de condoreira, Alves fez dos seus poemas um ato de protesto e força. Crítico e engajado, diante da realidade de seu tempo, escreveu poesias líricas e de cunho social.

Épico em suas estrofes, *O Navio Negreiro* expressa em seus versos, a dor, a solidão e o sofrimento dos escravizados durante o tráfico África – Brasil. Embora tenha sido escrito no ano de 1868 (dezoito anos, após a Lei Eusébio de Queirós). Alves recriou através de metáforas, comparações e hipérboles, cenas que descrevem a dramaticidade de um dos fatos históricos mais tétricos da sociedade. Pontuando os porões escuros e quentes, o céu noturno e o mar como uma única dimensão existente.

*“Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.*

*‘Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...”*(Trecho de *O Navio Negreiro*)

O *Navio Negreiro* é a representação da denúncia do tráfico dos escravizados. Além disso, simboliza a liberdade, frente à imensidão do oceano, testemunha poética das barbaridades dos homens. Poema dividido em seis partes, cada qual a descrever as situações vividas em alto-mar, ele é um legado para nossa Literatura. Já que Castro Alves é considerado pelos críticos, como o primeiro poeta brasileiro, munido de expressivo comprometimento social, um verdadeiro condor das letras brasileiras.

Português Amoroso LXXIII

O condor sobrevoa

Tuas estrofes...

É a palavra liberdade que retumba,

Declamada, entre as correntes

do *Navio Negreiro*.

Esta é uma das poesias que fazem parte do primeiro livro de Mayanna Velame, *Português Amoroso* lançado pela Editora Madrepérola em Maio /2020.

PORTUGUÊS AMOROSO, POR MAYANNA VELAME



Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, *Português Amoroso*, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame no Instagram e Facebook no @portugues_amoroso.

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

conectando autores e leitores desde 2015

Divulgamos o seu livro

1

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira rápida e eficaz: seus leitores.

2

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES POR R\$100

GARANTA JÁ

A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro conosco.

DIVULGUE PARA

+ DE 150 MIL LEITORES



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademirpascale@gmail.com





PARA BEM ESCREVER (SUB)TÍTULOS, OBJETIVOS E PARÁGRAFOS TEXTUAIS DE TRABALHOS CIENTÍFICOS USANDO EXPRESSÕES TERMINOLÓGICAS ENUNCIATIVAS: DICAS ÚTEIS E EXEMPLOS PRÁTICOS

POR MARCOS PEREIRA DOS SANTOS

Artigo Científico

1. DE ANTEMÃO, ALGUMAS PALAVRAS MÍNIMAS

Pesquisar ... In(ve)stigiar ... Ler ... Escrever ...

Mas, para quê? Como? E para quem?

Partindo destas perquirições preliminares, sendo algumas delas outrora efetuadas a saber por Follari (2001) e Soares (2001), optamos em elaborar o presente artigo científico, de abordagem qualitativa de pesquisa e aportes teóricos essencialmente bibliográficos, tendo em vista trazer a lume dicas úteis e exemplos práticos para bem escrever títulos, subtítulos, objetivos e parágrafos textuais de trabalhos acadêmico-científicos (resumos/sinopses, resenhas, fichamentos, relatórios em geral, ensaios e artigos científicos, *papers*, portfólios, artigos de opinião, monografias de cursos de graduação e especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado) usando diferentes expressões terminológicas enunciativas.

Além do motivo explicitado, este texto acadêmico-científico também é resultante de nossa longínqua trajetória escolar, acadêmica e profissional como docente na Educação Básica e na Educação Superior junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e pós-graduação *lato sensu* (especialização) desenvolvidos nas modalidades de educação presencial, semipresencial/híbrida e a distância *on-line*, quando,

salvaguardadas raras exceções, observamos e vivenciamos experiências práticas inquietantes de alunos(as) oriundos(as) de diversos níveis e modalidades de ensino apresentarem muitas dificuldades no que tange à escrita acadêmica de trabalhos científicos em geral, principalmente no que concerne ao uso (correto e adequado) de expressões terminológicas enunciativas para redigir títulos, subtítulos, objetivos e parágrafos textuais em tais trabalhos.

Dentre outras questões norteadoras, essas dificuldades são decorrentes da falta de entendimento acerca do fato de que *pesquisar, instigar, investigar, ler e escrever* são todas ações práticas que se estabelecem de modo conjugado (SANTOS, 2017). Elas caminham aladas, estando sinergicamente conectadas e umbilicalmente relacionadas. São constructos e processos indissociáveis. Há, portanto, uma mútua interdependência entre eles; cujo elo de ligação não deve ser rompido.

Sobre este assunto, mais especificamente acerca da relação existente entre os atos de escrever e pesquisar, Marques (2006, p.18-26) chama a atenção para o fato de que “escrever é preciso, e tal atitude é o princípio da pesquisa científica, tanto no sentido de por onde deve ela se iniciar sem perda de tempo, quanto no sentido de que é o escrever que a desenvolve, conduz, disciplina e faz fecunda. [...] O escrever é isso aí: interlocução”.

2. A ARTE-MAGIA DE (BEM) ESCREVER CIENTIFICAMENTE: AVENTURA DE INTELLECTUAIS?

“Escrever é o começo dos começos. Depois é a aventura” (MARQUES, 2006, p.30), aventura desvairada; conforme assinalam Barreto e Mesquita (1997). Escrever é uma dádiva divina. Puro e autêntico dom! É processo, produto e processo-produto. Diz respeito a um ato de doação e amor, a si mesmo e a outrem; concomitantemente. Consiste, grosso modo, em uma aventura mágica sem igual, a qual traz em seu bojo arte, magia, fantasia, imaginação e criatividade. Escrever é poder, força, ousadia, informação, conhecimento e saber. Tudo junto e misturado!

Todavia, a ação de escrever exige do(a) escrevente – escritor(a), poet(is)a, contista, cronista, indrisonista, aldavianista, haicaísta, romancista, etc. – algumas peculiaridades, tais como: abnegação, vocação, escolhas, sacrifícios, tempo, dedicação, compromisso, responsabilidades, vontade, valores ético-morais, capacidades, habilidades, competências, técnicas, métodos, dinâmica, persistência, estudos, pesquisas científicas, leituras de textos de diferentes estilos/gêneros literários e muito mais ...

Embora seja uma atividade prazerosa e complexa que, juntas, se fundem de forma simultânea, o ato de escrever não é algo de incumbência apenas de pessoas consideradas “eruditas” ou “intelectuais”, de pesquisadores(as) e estudiosos(as) de uma ou outra área do conhecimento científico.

Trata-se de uma tarefa possível e acessível a qualquer homem ou mulher que se veja interessado(a) em colocar na folha de papel as suas ideias, ideologias, crenças, opiniões, valores, saberes, conhecimentos, subjetividades, visões de mundo, “filosofias de vida”, análises, críticas (construtivas), reflexões e interpretações acerca de fatos,

fenômenos ou acontecimentos da realidade objetiva existencial concreta ou de uma realidade imagética, ficcional ou surreal criada pelo(a) escrevente – amador(a) ou profissional –, porém com objetivos claros e definidos, com propósitos, em relação à(s) mensagem(ns) a ser(em) transmitida(s).

Dizemos isto, porque ninguém escreve a esmo; simplesmente por escrever. O escrever pelo escrever não tem valor algum. É uma prática insossa, sem “cor”, sem “sabor”, sem “vida”, sem “corpo” e sem “alma”. Quem escreve, escreve para outrem, tendo alguma finalidade na prática dessa atitude, uma vez que escrever, assim como ensinar,

[...] não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto *direto* – *alguma coisa* – e um objeto *indireto* – *a alguém*. [...] Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa [...]. (FREIRE, 2000, p.25-26)

Afinal de contas, de que adianta escrever algo belo e deixar essa escrita primorosa engavetada, trancada a “sete chaves”, sem publicá-la, publicizá-la?

Todo conhecimento e saber científico deve ser socializado, democratizado entre as pessoas para o aprimoramento individual, coletivo e profissional, bem como para o desenvolvimento das sociedades. Conhecimentos e saberes científicos produzidos existem para serem disseminados, compartilhados entre os pares. Devem ser úteis, significativos, eficazes e eficientes.

Por meio das palavras escritas e grafadas, o(a) escrevente se eterniza e se imortaliza na história, “(sobre)vivendo” pelos séculos dos séculos sem fim. Daí corroborarmos com Ditzel Martelo (2009) ao postular que na hora da derradeira despedida a gente vai (...), mas as palavras ficam.

3. ENUNCIÇÃO: O QUE É? COMO E QUANDO SE FAZ?

Para Amora (2009, p.266), enunciar significa “expor, exprimir, declarar”. Consiste em “[...] manifestar, demonstrar sentimentos, [...], falar” (BRASIL, 2017, p.108). Refere-se ao ato ou a ação de apresentar concepções, valores, opiniões, conceitos, definições e ideologias. Diz respeito a algo que está por vir, que está *a posteriori*, a ser desvelado ou revelado.

Em outros termos, enunciar quer dizer o seguinte: efetuar declaração por escrito ou oralmente acerca de pensamentos, ideias, etc.; indicar; dar sinais de; anunciar; boquejar; colocar; comentar; contar; descrever; emitir; expressar; conceber.

De modo geral, podemos afirmar que enunciar é um verbo transitivo e bitransitivo, cujo significado é o de expor com clareza e exatidão uma definição conceitual, uma teoria, uma questão. Portanto, em Linguística, na Língua Portuguesa, esta ação é assim entendida por Flores (2018, p.402):

Enunciado é um substantivo masculino. É a exposição simplificada que explica ou demonstra uma proposição: o *enunciado* de uma teoria. Outrossim, se refere ao segmento ou todo de um discurso que, sendo oral ou escrito, está relacionado com o seu contexto. Também pode ser entendido como um pedido, uma petição; a explicação ou a definição que se pede numa determinada questão, ou num texto, para você explicar ou determinar a resposta ou a solução. Enunciado pode ser expresso por meio de frase, texto ou imagem. Na análise da linguagem falada, um enunciado é a menor unidade de fala. É um discurso contínuo, começando e terminando com uma pausa clara.

Enfim: segundo Saleh (2016), o termo enunciação refere-se à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um(a) enunciator(a) – aquele(a) que fala ou escreve –, tendo em vista um(a) enunciatário(a) – aquele(a) para quem se fala ou se escreve. O produto da enunciação é chamado, então, de *enunciado*.

4. ESCRREVENDO QUALIQUANTITATIVAMENTE: MACETES E EXEMPLOS PARA BEM ESCRIVER TRABALHOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS UTILIZANDO EXPRESSÕES TERMINOLÓGICAS ENUNCIATIVAS

Rodrigues (2015) assevera que a escrita escolar tem suas particularidades, identidades e especificidades próprias, sendo direcionada a determinado público-leitor e realizada segundo padrões/parâmetros de língua e linguagem bastante delineados. E isto é tautológico.

Com efeito, a escrita acadêmico-científica, no âmbito da Educação Superior, seja em cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia), seja em cursos de pós-graduação *lato sensu* (especialização e MBA) e *stricto sensu* (mestrado acadêmico, mestrado profissional, doutorado acadêmico, doutorado profissional, pós-doutorado (PhD), livre-docência e notório saber), também apresenta peculiaridades, levando a maioria dos(as) estudantes universitários(as) a apresentarem dificuldades para escrever textos literários e não literários de cunho narrativo, descritivo e dissertativo-argumentativo (ou texto em prosa); bem como redigir títulos, subtítulos, objetivos (gerais e específicos) e parágrafos textuais de trabalhos acadêmico-científicos em geral (resumos/sinopses, resenhas, fichamentos, relatórios técnicos e de estágios curriculares supervisionados, ensaios e artigos científicos, *papers*, portfólios, artigos de opinião,

monografias de cursos de graduação e especialização/MBA, dissertações de mestrado e teses de doutorado) usando diferentes expressões terminológicas enunciativas.

No intuito de dirimir, ou ao menos minimizar, tais dúvidas e problemas, seguem abaixo alguns comentários, macetes e exemplos teórico-práticos atinentes ao processo de como bem escrever trabalhos acadêmico-científicos no que tange aos:

4.1 Títulos

Como o próprio nome o diz, um título serve para titular, intitular, nominar ou denominar objetos e pessoas em geral. E é esta também a sua função primordial no contexto dos diferentes trabalhos acadêmico-científicos existentes.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam (erroneamente), jamais se deve atribuir um título, dar um nome, a um texto, seja ele literário ou não literário, em primeira instância, de antemão, de forma abrupta, aligeirada. Essa ação de colocar título em um texto deve ocorrer depois que o *corpus* textual já estiver todo redigido e logicamente estruturado, pois assim é possível ter uma visão panorâmica, abrangente, do assunto abordado.

O que o(a) autor(a) deve ter clareza, *a priori*, é sobre a temática ou o tema (aspecto generalístico) e o assunto (aspecto específico, que é o excerto temático ou a partição do tema) a ser abordado(a) no texto. É muito comum os(as) alunos(as) confundirem tema (ou temática) com assunto. Não são palavras sinônimas, e, por isso, possuem diferenças conceituais que devem ser levadas em consideração no momento da escrita textual. A *temática ou o tema* é de maior amplitude e tem característica mais global, ao passo que o *assunto* é mais específico, de menor amplitude e está contido na temática (FEITOSA, 1997; GRANATIC, 2005). O assunto consiste, pois, num determinado recorte ‘dentro do tema’. Exemplificando e comparando: o tema ou a temática seria uma espécie de “oceano” (amplo, enorme, imenso, gigantesco), enquanto o assunto, por analogia, pode ser entendido como um “mar, rio, riacho, lago, lagoa ou poça d’água” que faz parte desse “oceano”, e, portanto, está contido(a) dentro dele.

Sendo assim, o título de um texto, livro, capítulo ou trabalho acadêmico-científico precisa, obrigatoriamente, ser claro, conciso, objetivo e se referir à temática e ao assunto em foco, visando dessa maneira informar e comunicar aos leitores e às leitoras sobre o que se pensa, fala e escreve. Às vezes, é necessário realizar um “jogo de palavras” que melhor se encaixam para trazer a lume, no título, a temática-assunto que se almeja *enunciar*.

Portanto, na visão de Pescuma e Castilho (2006, p.31), o título em trabalhos de pesquisa científica “deve apresentar de maneira fiel, clara, objetiva, sugestiva e direta o conteúdo do trabalho, sintetizando o problema ou a hipótese”.

4.2 Subtítulos

De modo geral, o subtítulo de livros, capítulos ou textos de trabalhos acadêmico-científicos (in)titulados é, na verdade, uma extensão pormenorizada do título. Deve, outrossim, servir de complemento ou suplemento ao título, devendo também fazer direta alusão ao tema-assunto abordado.

Num trabalho acadêmico-científico já titulado, o subtítulo precisa ser apresentado em separado do título por meio de dois pontos (:) ou um traço de hifenização (–). Assim: Título: subtítulo. Ou ainda: Título – subtítulo. E também: Título: subtítulo – subtítulo consequente (que é derivado ou decorrente do subtítulo anterior). Este último modelo, por exemplo, é utilizado quando o título e o subtítulo do trabalho científico forem um tanto quanto extensos, porém extremamente relevantes nesse contexto.

Em livros, capítulos de obras literárias e trabalhos acadêmico-científicos em geral, ora titulados, o subtítulo (e mesmo o subtítulo consequente) não é de uso obrigatório. Trata-se de uma condição opcional, sugestiva apenas. Tudo vai depender da temática-assunto apresentada, das reais necessidades e das preferências pessoais, estéticas e estilísticas de cada autor(a).

No *corpus* textual de um trabalho acadêmico-científico, os subtítulos funcionam como divisões/partições e subdivisões do mesmo, visando destacar tópicos e subtópicos, bem como estratificar lógica, didática e metodologicamente os assuntos trazidos a lume. E é isto o que ocorre no caso do presente artigo científico, por exemplo.

Vale frisar ainda que os subtítulos no contexto do *corpus* textual dos trabalhos acadêmico-científicos em geral podem ser apresentados em forma de palavras, expressões terminológicas ou frases – todas com função prioritariamente *enunciativa*.

Os subtítulos podem ser redigidos com o mesmo estilo e tamanho de letra do título (caixa baixa ou caixa alta), **negritados** ou não **negritados**, em *itálico* ou não. Via de regra, segundo as próprias determinações estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), atualmente em vigor, os termos em *itálico* somente devem figurar no caso da existência de verbetes estrangeiros ou ‘estrangeirados’. (ISKANDAR, 2005; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, 2018; UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 1992)

Sobre esta questão, pode-se dizer, em suma, que:

O uso de formatação textual como o **negrito** e o *itálico* deve manter uma padronização desde o início do trabalho. Utiliza-se o **negrito** para: 1) títulos de livros e periódicos, no texto e nas referências; 2) letras ou palavras que mereçam destaque ou ênfase, quando não for possível dar esse realce pela redação. O *itálico* pode ser empregado para: a) palavras e frases em língua estrangeira; b) nomes de espécies em Botânica, Zoologia e Paleontologia. (CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE, 2005, p.24; ressaltos nossos)

Vejamos os seguintes exemplos:

Quadro 1: Formas possíveis de apresentação de subtítulos textuais.

CORONAVÍRUS (COVID-19): A PANDEMIA DO MOMENTO
CORONAVÍRUS (COVID-19): A PANDEMIA DO MOMENTO
CORONAVÍRUS (COVID-19): a pandemia do momento
CORONAVÍRUS (COVID-19): a pandemia do momento
<i>CORONAVÍRUS (COVID-19): A PANDEMLA DO MOMENTO</i>
<i>CORONAVÍRUS (COVID-19): a pandemia do momento</i>
Coronavírus (COVID-19): a pandemia do momento
Coronavírus (COVID-19): a pandemia do momento
<i>Coronavírus (COVID-19): a pandemia do momento</i>

Fonte: O autor (2020).

4.3 Objetivos (gerais e específicos)

Outro grande empecilho quando da elaboração de textos e trabalhos acadêmico-científicos em geral é a formulação de objetivos, sejam eles de ordem geral ou específica.

Grosso modo, objetivo significa finalidade, função, intento, intenção, propósito, meta a ser alcançada ou atingida a curto, médio ou longo prazo; seja em termos de segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos ou milênios.

Os objetivos devem ser claros, concisos, entendíveis, compreensíveis e possíveis de serem efetivamente realizados. Eles dão um norte, orientam, direcionam e encaminham o(a) escrevente ou o(a) pesquisador(a) acerca do itinerário e do rumo a seguir. Objetivos funcionam como bússolas que delineiam, delimitam o trajeto ou o caminho a ser seguido pelo(a) escrevente-pesquisador(a).

Na vida pessoal, familiar, social, escolar, acadêmica e profissional, os objetivos são fundamentais, basilares, imprescindíveis. Sem eles, ficamos totalmente perdidos, à deriva, sem saber *o que, como, onde, por que, para que e quando* fazer. Os objetivos também são muitíssimo importantes na elaboração de planejamentos, planos de ensino, planos de aulas, pré-projetos, anteprojetos e projetos de pesquisa acadêmico-científica. E também em “projetos de vida”, projetos político-pedagógicos, projetos educativos e projetos inter/multi/pluri/transdisciplinares.

Os objetivos sempre devem ser redigidos iniciando-se por um verbo no infinitivo, cujo indicativo é o de ação futura almejada, desejada, idealizada, passível de ser executada. Uma dica bastante fácil, útil e prática é o(a) escrevente pensar nas seguintes frases para bem formular os objetivos, sejam eles gerais ou específicos: *Meu objetivo é ...* ou *Fulano(a) será capaz de ...* ou ainda *Eles(as) serão capazes de ...*

Dizemos isto, porque:

É fato que os objetivos mostram onde se pretende chegar com o trabalho de pesquisa. Apontam os resultados teóricos e práticos a

serem alcançados. Para serem atingidos, devem ser poucos e modestos em suas pretensões. Devem ser sempre perseguidos pelo pesquisador, orientando seu trabalho. (PESCUMA; CASTILHO, 2006, p.31-32)

Neste contexto, faz-se mister destacar que os *objetivos gerais* são mais amplos e abrangentes, passíveis de serem alcançados a médio ou longo prazos, e dizem respeito às *competências* inerentes ao processo. Por outro lado, os *objetivos específicos* são estritos, exatos e precisos, sendo possíveis de serem atingidos a curto prazo de tempo. Fazem alusão às *habilidades e capacidades* atinentes ao processo. Num texto ou trabalho acadêmico-científico, os objetivos (gerais e específicos) devem ser escritos em frases curtas, esclarecendo diretamente o que se pretende alcançar, atingir. *Dica importante:* o número de objetivos específicos elencados num trabalho de pesquisa científica determina exatamente a quantidade de capítulos a serem redigidos pelo(a) escrevente pesquisador(a). Exemplo: três objetivos específicos (padrão normal) correspondem a três capítulos, partes ou seções do texto científico.

Para as pessoas que não têm muita prática com a elaboração de objetivos (gerais e específicos), vale a pena recorrer à chamada *Taxonomia de Bloom do Domínio Cognitivo* ou *Taxonomia dos Objetivos Educacionais de Bloom*, que é estruturada em níveis de complexidade crescente – do mais simples ao mais complexo –, quais sejam: conhecimento → compreensão → aplicação → análise → síntese → avaliação (níveis de domínios cognitivos do ser humano ou categorias taxonômicas dos objetivos educacionais de Bloom).

Eis, portanto, o esquema taxonômico dos objetivos educacionais proposto pelo psicólogo americano Benjamin Samuel Bloom (1913-1999) em face aos domínios cognitivos:

* Conhecimento: o aluno irá recordar ou conhecer informações, ideias e princípios na forma (aproximada) em que foram aprendidos. Visa identificar e evocar informação; verificar o que o indivíduo já sabe. Exemplos: *definir, reconhecer, recitar, identificar, rotular, compreender, examinar, mostrar, coletar, listar*, etc.

* Compreensão: o aluno traduz, compreende ou interpreta informações com base em conhecimentos prévios. Consiste em organizar e selecionar fatos e ideias, bem como ajudar a organizar o que já é conhecido e a esquematizar novos fatos de forma organizada. Exemplos: *compreender, traduzir, interpretar, explicar, descrever, resumir, demonstrar*, etc.

* Aplicação: o aluno seleciona, transfere e usa dados, fatos, regras e princípios para completar um problema ou uma tarefa com um mínimo de supervisão. Exemplos: *aplicar, solucionar, experimentar, demonstrar, construir, mostrar, fazer, ilustrar, registrar*, etc.

* Análise: o aluno distingue, classifica e relaciona pressupostos, hipóteses, evidências ou estruturas de uma declaração ou questão.

Busca-se separar algo (o todo) em partes e encorajar os educandos a estudar a informação em detalhes para identificar as partes e entender a relação entre elas. Exemplos: *analisar, conectar, relacionar, diferenciar, classificar, arranjar, estruturar, agrupar, interpretar, organizar, categorizar, retirar, comparar, dissecar, investigar*, etc.

* Síntese: o aluno cria, integra e combina ideias num produto, plano ou proposta, a fim de formar um novo conjunto e construir conhecimento sobre o conhecimento existente, de forma original. Exemplos: *sintetizar, projetar, reprojeter, combinar, consolidar, agregar, compor, formular, construir, traduzir, imaginar, inventar, criar, inferir, produzir, predizer*, etc.

* Avaliação: o aluno aprecia, avalia ou critica com base em padrões e critérios específicos; bem como desenvolve opiniões, julgamentos e decisões. Constitui-se em verificar se o problema foi resolvido ou se o objetivo foi atingido. Exemplos: *avaliar, interpretar, verificar, julgar, criticar, decidir, discutir, disputar, escolher*, etc. (RODRIGUES JÚNIOR, 1993, p.55-56; destaques nossos)

4.4 Parágrafos textuais

Outra grande problemática enfrentada pela maioria dos(as) estudantes de todos os níveis e modalidades de ensino diz respeito à produção de parágrafos textuais quando da elaboração de redações (produções textuais) e trabalhos acadêmico-científicos em geral.

Além da falta de domínio da Língua Portuguesa (Gramática e Ortografia, principalmente – acentuação gráfica, pontuação, concordância verbal e nominal, e regência verbal e nominal), há também dificuldades na construção de parágrafos textuais, cuja linguagem formal seja adequada; bem como na organização de ideias, pensamentos e argumentos plausíveis apresentados, e no uso de expressões terminológicas enunciativas que deem coerência didática, lógica e metodológica aos parágrafos redigidos.

Os parágrafos textuais – que contêm orações, períodos e frases (SAVIOLI, 1983) devem ser claros, objetivos, entendíveis e compreensíveis a cada leitor(a). Não se pode fazer uma espécie de “balaio de gato”, juntando e misturando teorias e concepções controversas de qualquer modo, ao seu bel prazer. Eles precisam estar interligados, conectados, concatenados e sinergicamente correlacionados uns aos outros, dando continuidade de pensamentos trazidos a lume de forma argumentativa e fluxo/fluidez à leitura científica; haja vista que a mesma necessita ser agradável, prazerosa, não exaustiva e nem insossa.

Elaborar parágrafos textuais não é uma tarefa fácil e nem tampouco simples de ser executada. Requer do(a) escrevente: atenção, concentração, técnicas, métodos, linguagem científica, conhecimento de causa (domínio de conteúdo argumentativo) e utilização correta de expressões terminológicas enunciativas para dar “ligação” entre os parágrafos textuais.

Todo texto acadêmico-científico necessita, obrigatoriamente, ter início/começo (introdução), meio (desenvolvimento) e fim (conclusão/considerações finais); partições estas que podem figurar no *corpus* de um texto único ou em separado, a depender do tipo de produção textual, das necessidades, das normatizações solicitadas e das preferências de cada autor(a).

Para dar suporte teórico, técnico, didático-pedagógico e metodológico aos(as) escreventes, seguem abaixo algumas sugestões de *expressões terminológicas enunciativas* que podem ser usadas para (in)titular introduções e considerações finais de textos, bem como para iniciar parágrafos textuais em trabalhos acadêmico-científicos em geral:

Quadro 2: Expressões terminológicas enunciativas para trabalhos acadêmico-científicos.

<p>Expressões terminológicas enunciativas para (in)titular introduções de trabalhos acadêmico-científicos:</p>	<p><i>introdução; introito; prólogo; prefácio; apresentação; preâmbulo; preliminares; palavras a priori; notas introdutórias; de antemão; algumas palavras; primeiras palavras; palavras mínimas; palavras iniciais; de antemão, algumas palavras; palavras iniciais mínimas; para início de conversa; para começo de conversa; à guisa de introdução; ponto de partida; primeiras palavras para início de conversa; a questão é começar; palavras preliminares; introduzindo o bate-papo; iniciando a conversa; contextualizando a situação-problema; contextualizando a problemática; situando a temática; elucidando a problemática; contextualizando a temática; situando a problemática; desvelando a temática; desvelando a problemática; desvelando o tema gerador; abrindo as cortinas; trazendo a lume a problemática situacional; trazendo à baila a temática; explicitando o tema; explicitando o problema; explicitando algumas questões norteadoras; à guisa de introito; a título de introdução; etc.</i></p>
<p>Expressões terminológicas enunciativas para iniciar parágrafos textuais de trabalhos acadêmico-científicos:</p>	<p><i>inicialmente; de início; num primeiro momento; em primeira instância; em seguida; a seguir; na sequência; a posteriori; por fim; em última instância; nesta linha de pensamento; seguindo esta mesma linha de pensamento; coadunando com; corroborando com; na concepção de; na visão de; nesta perspectiva; neste intuito; diante do exposto; face ao exposto; diante do panorama delineado; face ao panorama delineado; sem mais</i></p>

	<p><i>delongas; sem a pretensão de; sem o intuito de; sem a intenção de; sem a pretensão de fazer apologia exclusiva ao; com base nestas assertivas; com base em tais afirmações; baseado em tal afirmação; baseado em tais afirmativas; parafraseando “fulano”; fazendo nossas as palavras de; concordamos com os(as) autores(as) ao postularem que; conforme assevera “fulano”; em conformidade com o que postula “fulano”; “fulano” assinala que; “fulano” pontua que; “fulano” adverte que; ao demonstrar que; ao conjecturar sobre; o(a) autor(a) traz a lume que; os(as) autores(as) trazem à baila que; “fulano” e “fulano” trazem à tona que; logo de início; no artigo científico intitulado; dando continuidade a; dando prosseguimento a; no texto científico de; de forma subsequente; de modo subsequente; de maneira subsequente; neste diapasão; elucidando esta questão; desvelando tal questão; respondendo a este questionamento; as indagações expostas; as inquirições apresentadas; as perquirições mencionadas; referente a isto; concernente a tais fatores; atinente ao fato de; fazendo alusão a; os(as) autores(as) mencionados(as); o(a) autor(a) supracitado(a); o(a) autor(a) supra aludido(a); neste contexto; neste sentido; somando contributos a; agregando ainda mais valor a; por fim, sem menos ordem de importância; a escolha desta temática; a opção pela metodologia; o objeto de estudo em foco; o objeto de investigação em pauta; o tema/ assunto abordado; os debates em questão; as discussões ora apresentadas; etc.</i></p>
<p>Expressões terminológicas enunciativas para (in)titular considerações finais de trabalhos acadêmico-científicos:</p>	<p><i>conclusão; epílogo; desfecho; considerações finais; notas finais; para concluir nunca; à guisa de considerações finais; a título de considerações finais; finalizando as considerações; palavras finais; finalização sim, conclusão não; à guisa de palavras finais; a título de palavras finais; “conclusões” inconclusas; finalizando; finalizando sem concluir; finalizando, mas sem concluir; finalizando, mas não concluindo; últimas palavras; fechamento; para não concluir, mas finalizar; palavras a posteriori; ponto de chegada; encerrando as discussões; encerrando a</i></p>

	<i>conversa; encerrando o bate-papo; a título de finalização; à guisa de finalização; à guisa de encerramento; a título de encerramento; a título de desfecho; à guisa de desfecho; a posteriori, algumas palavras; algumas palavras a posteriori; despedir sem concluir; etc.</i>
--	--

Fonte: O autor (2020).

5. RESPIRANDO ... SUSPIRANDO ... FINALIZANDO ...

Ufaaaa, até que enfim! Chegamos à parte final deste artigo científico. Fizemos uma longa trajetória até aqui: teorizando, argumentando, exemplificando, debatendo, analisando, refletindo e interpretando.

Escrever ... Escre(vi)ver ... Escrever é uma atividade cansativa, porém muito prazerosa e gratificante. É preciso escrever sempre, continuamente, ininterruptamente. Para tanto, é preciso saber bem articular as letras, sílabas, palavras, orações, frases e expressões terminológicas enunciativas.

Longe de ser um “receituário”, guia ou manual didático-pedagógico e técnico-metodológico, ‘pronto e acabado’, almejamos sinceramente que o presente estudo investigativo possa contribuir, de maneira direta ou indireta, para a ampliação do arcabouço teórico-prático existente nas áreas de Didática, Metodologia Científica, Práticas de Pesquisa Científica, Redação Instrumental, Produção Textual, Métodos e Técnicas de Escrita Acadêmica, Redação de Textos Científicos, dentre outras correlatas; bem como servir de valiosa fonte orientadora de estudos (individuais e coletivos) e pesquisas científicas para o desenvolvimento de trabalhos acadêmico-científicos em geral.

6. REFERÊNCIAS

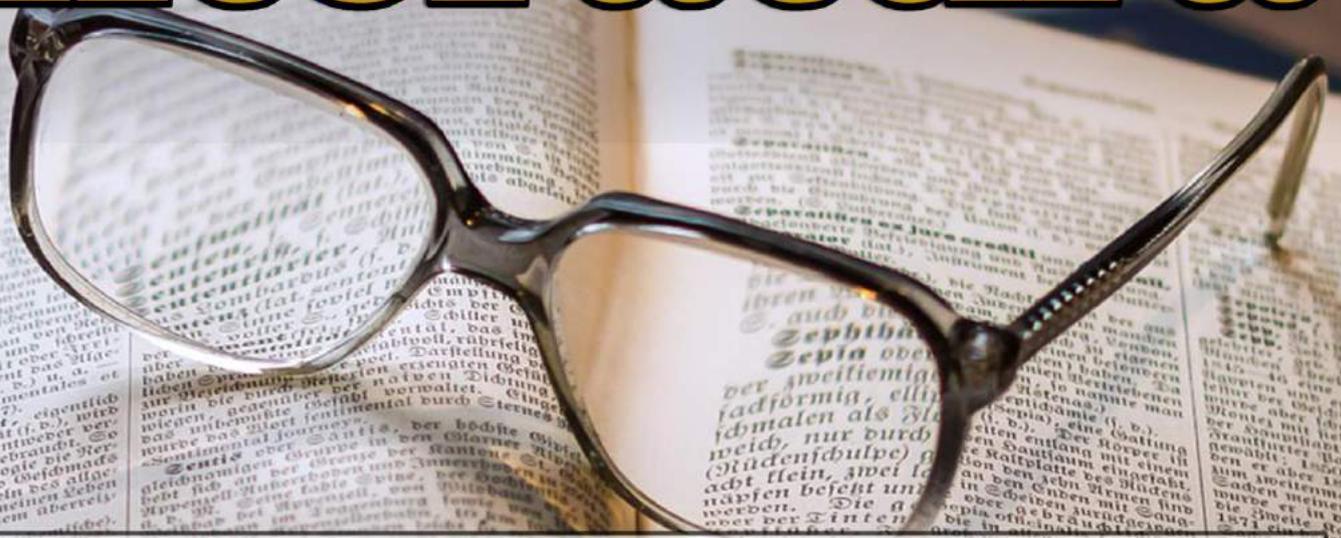
- AMORA, A. S. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- BARRETO, J. A. E.; MESQUITA, J. V. C. **A escrita acadêmica: acertos e desacertos**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1997. (Coleção Alagadiço Novo – v.145).
- BRASIL. **Minidicionário escolar: língua portuguesa**. 2.ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2017.
- CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE. **Sistema de Bibliotecas UNIANDRADÉ. Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Editora da UNIANDRADÉ, 2005.
- DITZEL MARTELO, S. M. **Ramalhetes princesinos**. Ponta Grossa: Editora e Gráfica Planeta, 2009.
- FEITOSA, V. C. **Redação de textos científicos**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 1997.

- FLORES, V. N. A enunciação escrita em Benveniste: notas para uma precisão conceitual. In: **Revista Delta**. São Paulo: Editora da PUC-SP, v.34, n.1, p.395-417, jan./mar., 2018.
- FOLLARI, R. A. Para quem investigamos e escrevemos?: para além de populistas e elitistas. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. São Paulo: Cortez, p.37-64, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época – v.88).
- FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).
- GRANATIC, B. **Técnicas básicas de redação**. 4.ed. São Paulo: Editora Scipione, 2005.
- ISKANDAR, J. I. **Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos**. 3.ed. Curitiba: Juruá, 2005.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5.ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. (Coleção Mario Osorio Marques – v.1).
- PESCUMA, D.; CASTILHO, A. P. F. **Projeto de pesquisa: o que é? como fazer? – um guia para sua elaboração**. 3.ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- RODRIGUES, S. A. M. Uma breve reflexão sobre a escrita escolar. In: SANTOS, M. P. (Org.). **Oito olhares sobre a escola: formação docente, processo ensino-aprendizagem, políticas e gestão da educação**. Ponta Grossa: Inter Art Gráfica e Editora Ltda – ME, p.71-92, 2015.
- RODRIGUES JÚNIOR, J. F. **A taxonomia de objetivos educacionais**. 2.ed. Brasília: Editora da UnB, 1993.
- SALEH, P. B. O. A pontuação enunciativa e as instâncias narrativas em textos infantis de diferentes gêneros. In: **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: Editora da USP, v.18, n.2, p.357-389, ago./dez., 2016.
- SANTOS, M. P. **Tópicos elementares de educação escolar: o eterno e o provisório na medida certa**. Ponta Grossa: Inter Art Gráfica e Editora Ltda – ME, 2017.
- SAVIOLI, F. P. **Gramática em 44 lições**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1983. (Série Compacta).
- SOARES, M. Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? In: GARCIA, R. L. (Org.). **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. São Paulo: Cortez, p.65-90, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época – v.88).
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Biblioteca Central “Professor Faris Michaelle”. **Manual de normalização bibliográfica para trabalhos científicos**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2018.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para apresentação de trabalhos: teses, dissertações e trabalhos acadêmicos**. 2.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1992. (Coleção ABNT – v.2).

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador em Educação. Literato profissional. Professor universitário em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Endereço eletrônico: mestrepedagogo@yahoo.com.br

conexão

Literatura



VISITE NOSSOS PARCEIROS

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

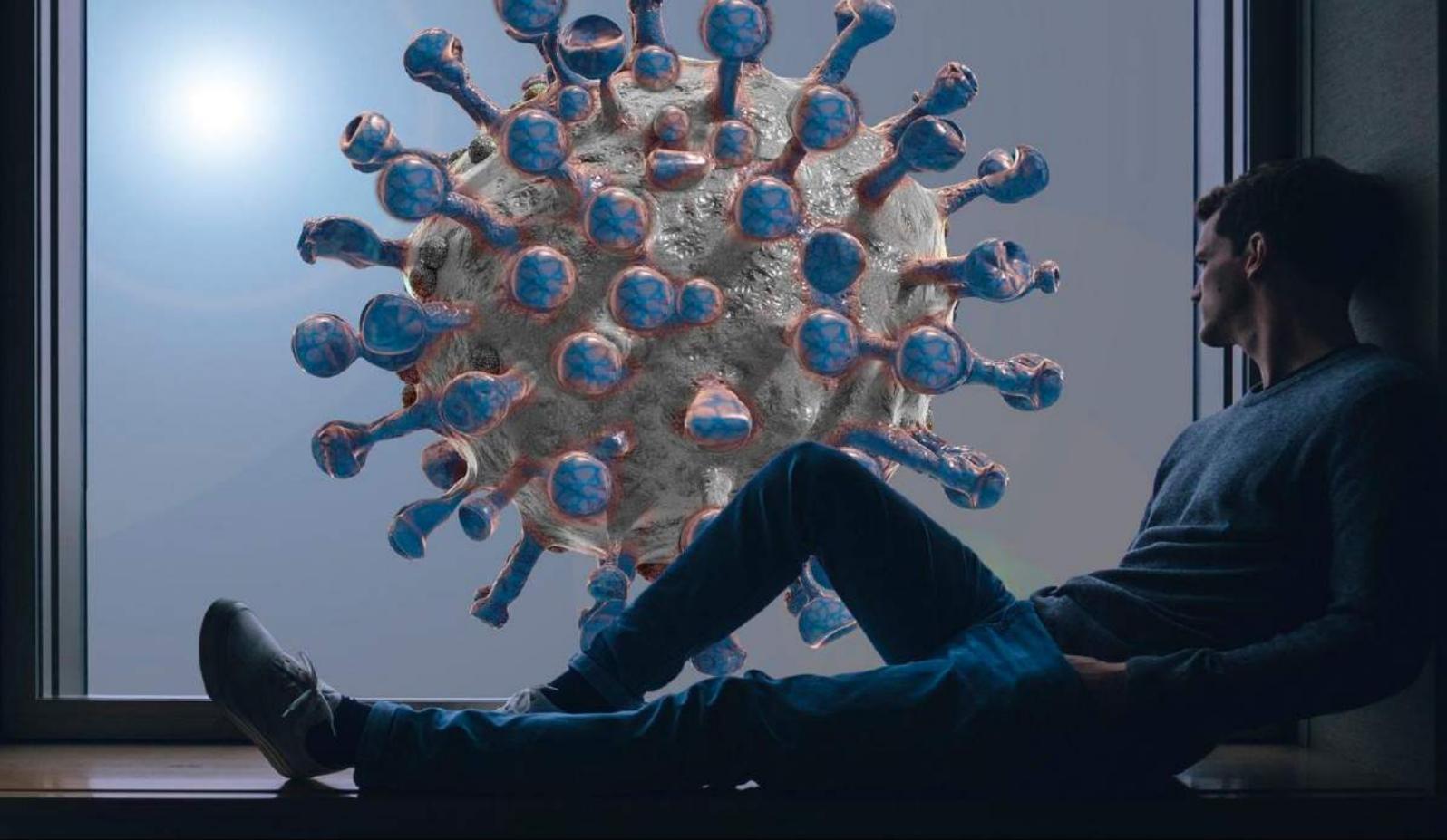
www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



COVID-19 POR EMMANUEL M. A. MORENO

Poema

E se não houvesse a pandemia?
Você teria beijado
Abraçado
Se declarado
Ao grande amor de sua vida?

E se não houvesse a pandemia?
Você teria estado
Ido
Ou viajado
Para o país ou estado que queria?

E se não houvesse a pandemia?
Você supriria suas necessidades
Criatividades
Suas animosidades
Naquilo que realmente lhe importaria?

Sim?
Tem certeza?
Jura?
Mesmo?
Não sei não...

Olhe bem onde você está:
Em casa
No apartamento
No vazio
Em você mesmo

E agora...
Quando pôde amar não amou
Quando pôde viajar não viajou
Quando pôde se realizar não o fez...
A pandemia só escancarou o problema.

E agora você está entediado?
O seu vizinho está com fome
Àquela senhorinha ali está com medo
Enfermeiros, médicos e doentes, desesperados...



Emmanuel M. A. Moreno é Formado em História e pós-graduando em Ciências Humanas, Emmanuel M. A. Moreno tem 36 anos, é porto-alegrense de nascimento, mas já vive a mais de duas décadas em Gravataí na região metropolitana. “Intempestivo William” é a sua obra de estréia. Ele ama a literatura desde a adolescência quando pegou gosto pela leitura dos clássicos da literatura mundial. Tem como autores preferidos Edgar Allan Poe, Franz Kafka, Johann Wolfgang Von Goethe, George Orwell, William Golding, entre outros tantos autores maravilhosos, e seu estilo literário é fortemente influenciado por eles.



George Floyd (1973-2020)

ASPECTOS ASSASSINOS

POR EMMANUEL M. A. MORENO

Poema

"Não consigo respirar", dizia
O pobre homem humilde ao chão,
Diante da vil materialização
Que o autoritarismo fazia

Da regular rigidez da exclusão.
Daquele cidadão que ali jazia
Sob o joelho do atroz que lhe feria
Cessando sua vital respiração,

Sacaram-lhe os direitos humanos!
Melanina, etnia, classe social,
Orientação sexual e outros

Tantos preconceitos... Irracional

É a naturalidade! Aspectos
Preconceituosos matam, afinal...

Descanse em paz, George Floyd.



Emmanuel M. A. Moreno é Formado em História e pós-graduando em Ciências Humanas, Emmanuel M. A. Moreno tem 36 anos, é porto-alegrense de nascimento, mas já vive a mais de duas décadas em Gravataí na região metropolitana. “Intempestivo William” é a sua obra de estréia. Ele ama a literatura desde a adolescência quando pegou gosto pela leitura dos clássicos da literatura mundial. Tem como autores preferidos Edgar Allan Poe, Franz Kafka, Johann Wolfgang Von Goethe, George Orwell, William Golding, entre outros tantos autores maravilhosos, e seu estilo literário é fortemente influenciado por eles.

FAÇA JÁ

A SUA
ASSINATURA

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES



CLUBE DO LIVRO

U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESE O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

ACESE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS

WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA



[LIVRO] VHS: VERDADEIRAS HISTÓRIAS DE SANGUE POR RAFAEL BOTTER

Sinopse: Em *VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue*, Bravo guia os leitores amaldiçoados até os cantos mais sombrios de nossas mentes. E a cidadezinha de Três Rios, localizada no noroeste paulista, é o palco principal — um ponto de encontro de todas as coisas estranhas que acontecem nas redondezas. O inferno corre por essas águas e lança suas sementes nessa terra. Um lugar vivo e pronto para devorar o próximo filho que renegar sua origem.

Resenha

VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue se passa em um período especial e repleto de esquisitices, entre 1985 e 1995, e tem início em uma videolocadora peculiar capaz de alugar os sonhos e as vidas de seus clientes. Quem viveu nessa época vai ter para sempre suas lembranças com textura de VHS. Bravo

constrói a narrativa de seu novo romance de horror fragmentado com base em registros orais, casos sinistros e uma porção de detalhes que rodeiam a vida dos moradores de Três Rios — mandingas macabras, crimes brutais, animais soturnos e inúmeros mapas, notícias de jornais e anúncios compõem

o imaginário de um local esquecido pelo tempo.

Impressões:

Nossa literatura nacional está bem representada com inúmeros autores de qualidade e talento, hoje vamos falar do autor Cesar Bravo, responsável pelo mais novo sucesso da Editora DarkSide Books.

VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue, é uma coletânea de 16 contos de puro terror. O leitor vai conhecer de perto uma cidadezinha da região do estado de São Paulo, Três Rios, uma pacata cidade que abriga lendas e fatos bizarros.

Publicado pela DarkSide, ou seja, dispensa comentários, edição de capa dura de alta qualidade, possuindo inúmeras gravuras em cada conto, deixando uma leitura nível Dark!

Os contos vão se ligando e fechando inúmeros elos, o leitor vai entender todo o assombro e terror que paira sobre à cidade Três Rios. Vale ressaltar, são

inúmeros personagens, por isso o leitor não fica preso ou imerso em apenas um único protagonista.

Cesar Bravo possui uma escrita intensa e envolvente, deixando os leitores incomodados com toda situação envolvendo a trama.

Sendo um livro de contos é impossível mencionar apenas um em questão, outro ponto em destaque é do autor reviver algumas lendas urbanas, por exemplo: a loira do banheiro.

Muitas respostas serão encontradas em VHS, sendo exposta de forma nua e crua toda maldição que está amedrontando os moradores de Três Rios e seus reais responsáveis. Acima de tudo! Passem longe do matadouro.

Título: VHS: Verdadeiras

Histórias de Sangue

Autor: Cesar Bravo

Editora: DarkSide Books

Páginas: 288

Ano Lançamento: 2019



Rafael Botter vive em Ibitinga (interior de São Paulo). Escreve para o blog Livreando: www.livreando.com.br. E-mail: botter.rafael@gmail.com.



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO *POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

CAPÍTULO 5: EU QUERIA DIZER QUE TE AMO

Artigo

Custa nada lembrar os bons serviços que o Correio Aéreo Nacional, nos anos sessenta, prestou ao Município de Tefé. Nessa época, os malotes com cartas e encomendas chegavam, na maioria das vezes, por meio de navios ou embarcações de menor porte. Em muitas ocasiões, porém, pelos aviões “Catalina”, que prestaram inestimáveis serviços à Amazônia, haja vista a carência de infraestrutura aeroportuária na quase totalidade de suas localidades.

Pois bem, quando o “Catalina” da Força Aérea Brasileira cruzava os céus da “Corte do Solimões”, anunciando sua chegada, ficávamos, os moradores, na expectativa de novas correspondências. Deslocávamos, então, à Rua Duque de Caxias e acompanhávamos a descida do “Catalina” nas águas negras do lago, em frente à cidade. Nós, a garotada, não escondíamos nossa alegria com a chegada do hidroavião.

No desembarque, em canoas possantes, não deixavam de vir, junto aos passageiros e tripulantes, os malotes tanto esperados. Em terra, íamos, meio em procissão, acompanhando o funcionário dos Correios, que carregava os ditos malotes até o prédio da empresa.

Na repartição, o carteiro preocupava-se, primordialmente, após a abertura dos malotes, em colocar as cartas em ordem alfabética de destinatários. Feito isso, pedia silêncio e, em voz alta, começava a ler, um por um, os nomes das pessoas que, estando presente, gritavam um “oi”, um “aqui”, um “alô”, ou, simplesmente, estendiam uma das mãos para receber a correspondência. Para os atrasados, o carteiro dava “colher-de-chá” e fazia uma nova chamada. Era, dessa forma, o Correio Aéreo Nacional em Tefé, na década de sessenta.

Há, hoje, o conforto de recebermos as cartas e encomendas em nossas casas, mas, creiam, isso é verdadeiro, existe um pouco de saudade da corrida à Duque de Caxias, para ver o “Catalina” pousar nas águas escuras do lago... da quase procissão acompanhando o carteiro até o prédio dos Correios... da “Corte” desse tempo maravilhoso.

– No fundo musical: I LOVE TO LOVE. Essa música, que tocou muito nas discotecas tupiniquins, ficou, durante três semanas, em primeiríssimo lugar na parada britânica. Isso no ano de 1976. Quem a interpreta é Tina Charles. Ressalto que a cantora em destaque, Tina Charles, nasceu em Londres, na Inglaterra. Entre os discos que lançou menciono: I Love To Love (1976), Dance Little Lady Dance (1976), Rendezvous (1977), Heart 'N' Soul (1977), Tina Charles With Wild Honey And Heritage (1977), Greatest Hits (1978) e Just One Smile (1980).

.....

– Bom dia com alegria pra você que está nos sintonizando agora. Esta seleção musical, temos certeza, está trazendo lembranças de momentos felizes de nossas vidas. Estão gostando? Então, permaneçam na nossa companhia, porque, neste exato momento, sem muito blábláblá, A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO anuncia mais um grande sucesso. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– Já estou com a ficha em mãos. Aos nossos queridos ouvintes, lembro que todos podemos ter vida iluminada. Para isso, basta entregarmos a DEUS os nossos corações. Vamos aos versos:

*Esse amor que trago em mim
Eu não sei se é certo
Encontrei o meu jardim
Em pleno deserto
Toda vez que tento te falar
Não contenho minha emoção
Eu queria dizer que te amo
Numa canção
Já não posso controlar...*

– O disco que tenho em mãos foi lançado, em 1979, pelo selo EMI. A música, estou conferindo no LP, é uma composição de Iracema Pinto, Mendes e Miguel. A interpretação magistral fica por conta do cantor que estourou nas paradas musicais com “*numa tarde tão linda de sol, ela me apareceu...*” Ele mesmo: Fernando Mendes!!!

Nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, vestido de camisa branca, calça social branca, tênis branco e chapéu panamá branco, encontrava-se, em minha frente, outro dos nossos prestigiados colaboradores, o Kevin, que indicou mais uma linda canção, com sucesso reconhecido em todo o Brasil.

O Kevin era professor de História na rede estadual de ensino. Havia concluído o curso superior na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Chegou na cidade com a turma de professores que foram aprovados em Manacapuru, para fazer o curso de licenciatura em Tefé. Gostou tanto da “Corte” que pediu transferência. Aos seus colegas de magistério e alunos, desejou um Ano Novo repleto de boas oportunidades e realizações. A mensagem que encaminhou à coordenação do programa musical estava, assim, redigida:

Eu deveria ter indicado “A Desconhecida”, a sua música de maior sucesso, pois, logo que foi lançada, o desejo de todos os jovens que tocavam violão, inclusive eu, era aprender a dedilhar a sua introdução. Simplesmente, maravilhosa e emocionante!!! Nas serenatas que fazíamos pelas ruas da minha cidade, não podiam faltar “A Desconhecida” e outras músicas de Fernando Mendes, entre elas EU QUERIA DIZER QUE TE AMO NUMA CANÇÃO, que me deixa extremamente emocionado. Parabenizo, desde já, a seleção A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Tenho acompanhado os programas e sou conhecedor do bom gosto musical da produção. Essa música é pra você, Regina. Eu queria dizer que te amo nessa canção.

– EU QUERIA DIZER QUE TE AMO NUMA CANÇÃO é a música indicada pelo Kevin, ouvinte da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Na época em que o Kevin estudou na Universidade Federal de Juiz de Fora, aqui em Tefé, onde funcionava um Campus Avançado, chegavam centenas de professores dos municípios vizinhos e até mesmo de Manaus. Isso acontecia nas férias escolares, na década de 1970. A cidade ficava agitada e a alegria dominava. Em frente aos nossos estúdios, o Grupo Escolar Eduardo Ribeiro abrigava dezenas de mestres – professoras e professores. À noite, haja serenata de tefeenses para as professoras novinhas e solteiras!!! Ainda existe o Campus? Pelas informações que tenho, o projeto de licenciaturas em Ciências Sociais, Estudos Sociais e Letras aconteceu graças a convênio firmado entre a Secretaria de Educação do Amazonas, Fundação Projeto Rondon e Prefeitura de Tefé, na administração do prefeito Armando Retto. Amigos, todos nós amamos essa música, não é mesmo? Seu intérprete é popular e muito querido. Quem não se lembra do Fernando Mendes? Você lembra Kátia?

– Claro que lembro!!! Em minhas anotações, o cantor Fernando Mendes nasceu em Conselheiro Pena, no Estado de Minas Gerais. Em 1972, gravou um compacto simples

com a música “A Desconhecida”, que se tornou no seu primeiro grande sucesso. Três anos depois, sua carreira chegou ao auge com a música “Cadeira de Rodas”, tendo vendido mais de 250 mil cópias do LP, o que lhe valeu o Disco de Ouro. Em 1976, outros dois grandes sucessos marcaram sua trajetória artística: “A Menina da Calçada” e “Sorte Tem Quem Acredita Nela”.

O melhor do cancionário brasileiro continuava a tocar na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. A música EU QUERIA DIZER QUE TE AMO NUMA CANÇÃO era êxito absoluto na voz de Fernando Mendes. Na sequência, o sonoplasta disponibilizou-nos outros dois inesquecíveis sucessos que o Brasil cantou e não esqueceu: SEMPRE TU, composição de E. Ghinazzi e P. Barabani, na interpretação do cantor italiano Pupo, e LEMBRANÇAS com a cantora Katia.

A respeito da cantora Katia, a assistente de locução pesquisou e anotou que ela nasceu na Cidade do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro. Em 1978, com o selo CBS, lançou um compacto simples com as canções “Tão Só” e “Sensações”. Também fez grande sucesso com a música “Lembranças”, gravada em 1979, que deslanchou nas rádios de todo o País. Em 1982, entregou a seu público o álbum “Sabor”, com dez músicas: “Até Quando”, “História de Amor”, “Sabor”, “Mais Uma Vez”, “Amigo Volta”, “Que Loucura”, “Fantasia”, “De Improviso”, “Esse Cara” e “Estrada”. Artisticamente, é afilhada do “rei” Roberto Carlos.

SONOPLASTIA:

Músicas: EU QUERIA DIZER QUE TE AMO NUMA CANÇÃO (1), SEMPRE TU (2) e LEMBRANÇAS (3)

– Voltamos!!! No fundo musical: LEMBRANÇAS, composição do “rei” Roberto Carlos e Erasmo Carlos, na voz da cantora Katia. Fique ligado nesta notícia: Produzido em 1979, pelo selo CID, o LP “As Supernovas – Sucessos Maravilha”, Volume 6, exibe as músicas “Ring My Bell”, “Não Chore Mais”, “Pequenina”, “Por Muitas Razões Eu Te Quero” e “Café da Manhã/Explode Coração”, no Lado A; “Até Parece Que Foi Sonho”, “Emoções”, “Cuba”, “Para Esquecer/Às vezes Tu, às vezes Eu”, “Tu” e “Gosto de Maçã”, no Lado B.

.....

– Você ouve I LOVE TO LOVE com Tina Charles. Olá, meus amigos, amantes da boa música, no quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, a nossa querida ouvinte Lucilene, moradora da Travessa Porto Alegre, no Bairro do Abial, indicou o álbum da cantora RITA LEE, lançado, em 1981, pela gravadora Som Livre. O LP é composto por oito faixas. No Lado A: “Saúde”, “Tatibitati”, “Mutante” e “Tititi”. No Lado B: “Banho de Espuma”, “Atlântida”, “Favorita” e “Mother Nature”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa da cantora Rita Lee!!!

A assistente de locução, que também recepcionava os participantes do programa, acenava com mais um cartão de boas festas encaminhado à Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Ao tempo certo, leu a sublime mensagem, que estava escrita em cartão personalizado, com letras douradas. À mão, de forma tradicional, com caneta de tinta azul, a dedicatória. Acompanhemos:

Felizes os que promovem a paz porque serão chamados filhos de DEUS. Para Ele, vale mais praticar a justiça e o direito do que lhe oferecer sacrifícios. Grandes coisas fez o SENHOR por nós, por isso estamos alegres. (Salmo 123,3) Que o Ano Novo seja completamente de paz, de regozijo e de muito amor. De coração, amo todos vocês!!!

A nossa ouvinte Raissa, que enviou essa mensagem abençoada, é moradora da Rua Olavo Bilac, no Centro, e mereceu os agradecimentos e retribuição de votos de boas festas.

– Não dá pra desligar!!! Continuem ligados na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Todos estamos adorando este grande musical intitulado A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. Na sequência, mais um grande sucesso: SONHOS com Peninha. Agora, por favor, mostrem a vinheta espetacular do programa.

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

Visite o autor no TWITTER:

<https://twitter.com/ColaresRibeiro>



DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**SOLUÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE
LIVROS E AUTORES**

**REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**



ademirpascale@gmail.com

**CONHEÇA O PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA ESCRITORES E DIVULGUE HOJE
MESMO O SEU LIVRO**

PROMOÇÃO. APENAS: R\$100
(UMA ÚNICA PARCELA)

ESCREVA PARA: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM
E SOLICITE MAIS INFORMAÇÕES

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

TRINTA ANOS SEM CAZUZA

POR MARISTELA PRADO



Artigo

“Eram seis horas da manhã do dia 7 de julho de 1990 quando a enfermeira Edinha, que cuidava de Cazuzza em casa, num quarto adaptado a uma UTI, iria fazer uma nebulização, mas ele não se mexeu nem abriu os olhos, sua respiração estava pesada. Atordoada chamou João, que me acordou. Às seis e meia ligou para o doutor Paulo Lopes. Logo que chegou deram uma injeção, mas estavam agitados. Entrei no quarto e não acreditava no que estava vendo, não me lembro da hora da morte do meu filho, estava paralisada, hipnotizada. Alguém me perguntou se queria me despedir do meu filho, entrei no quarto correndo, o abracei e pedi perdão por tudo o que fiz de errado, por toda a incompreensão, pela impaciência, por amar demais, em voz alta, como se fosse me ouvir melhor. Senti a sensação naquele abraço como se estivesse querendo levá-lo novamente ao útero, que voltasse pra dentro de mim.”

O livro é uma entrevista com a mãe de Cazuzza à jornalista Regina Echeverria, na qual conta um pouco da sua história, como conheceu o marido, João Araújo, e a vida intensa que seu filho viveu, desde o nascimento até a morte. Um livro de lembranças de uma mãe que fez de tudo pelo único filho, como ela mesma diz. “Querida que ele fosse o melhor em tudo: o mais inteligente, o mais bem vestido, o mais estudioso e comportado.” “Teve carinho demasiado e controle demasiado.” Uma superproteção que teve momentos conturbados por isso.

Cazuzza era aquele moço irreverente que falava o que pensava, fazia o que queria e viveu tudo o quis, sem censura. Tinha um gênio difícil, ao mesmo tempo em que era explosivo era sensível e carinhoso, muito brincalhão. Cazuzza foi uma criança tímida, mas levada, e

um adolescente rebelde. Estudou nos melhores colégios do Rio de Janeiro, mas não era um bom aluno, escondia da mãe as notas baixas, até rasgava os boletins. Chegou a entrar na faculdade, mas desistiu, não era o que queria.

Em 1981, o cantor Léo Jaime teve ideia de apresentar Cazuzza para a banda do Barão Vermelho. Léo Jaime tinha sido convidado, mas não quis. Cazuzza falou que essa não era a dele e nem conhecia os meninos; embora tenha sido criado em uma família musical, sua mãe cantava e seu pai era presidente da Som Livre, por isso sua casa recebia muitos artistas. A empatia com o grupo foi imediata, tornou-se o melhor amigo e parceiro de Frejat, uma parceria que durou até 85, quando Cazuzza decidiu fazer carreira solo.

Descobriu a Aids em abril de 1987, no início de sua carreira solo. O disco 'Ideologia' foi gravado em 88, já na fase de sua doença. A crítica o consagrou como seu melhor trabalho. Também fez parte desse disco 'Brasil', estava no seu melhor momento da carreira. Na turnê de 'Ideologia', em Belém, suportou um mal-estar até o final do show, depois do último verso de "o tempo não para" caiu desmaiado no palco. Em agosto de 89 foi lançado o álbum duplo 'Burguesia', que havia sido gravado no começo do ano. Em outubro do mesmo ano foi para sua última internação em Boston, nos Estados Unidos, onde passou cinco meses. Sua última Ceia de Natal foi no hospital.

Em março de 1990 voltou ao Brasil e foi montado um quarto de UTI para cuidar da sua saúde em casa. Nesses últimos meses ainda passou 15 dias na casa de Petrópolis que Cazuzza gostava muito. Em maio foram para a casa em Angra dos Reis, fez alguns passeios de barco, sempre carregado por três seguranças.

Um mês antes de morrer fez um passeio de Veraneio com os amigos e as enfermeiras que cuidavam dele, foi a última vez. Cazuzza disse que queria ir no show de Renato Russo no dia 7 de julho. Não foi possível, Renato Russo fez o show em homenagem a ele.

“Mãe, aconteça o que acontecer, eu vou estar sempre junto de você”
- Cazuzza

Crítica do livro Cazuzza

Sua vida foi rápida e intensa, fez tudo o que queria fazer, viveu tudo o que tinha para viver, parece que sabia que seria curta sua passagem, curta mas brilhante, deixou sua história, suas poesias; embora não se considerasse um poeta e sim um letrista, um sábio da geração dos anos 80, falava o que pensava, se defendia, escandalizava, mas sobretudo, vivia!

Seus pais foram o esteio da sua vida louca, teve uma família que acima de tudo o amava, não desistiram dele nem um minuto. Chegou ao topo do sucesso, respirava vida, liberdade e alegria de viver, lutou até o fim, até onde conseguiu fazer o que mais amava, cantar e compor.

Nos deixou sua obra, sua inteligência musical, seu olhar para a vida. Hoje sua mãe ajuda crianças e adolescentes com soro positivo na Sociedade Viva Cazuzza, fundada por ela. A ajuda vem dos direitos autorais dele, doações, leilões, shows e eventos que promovem. Foi uma forma que encontrou para se manter viva, ajudar outras pessoas a lutarem por

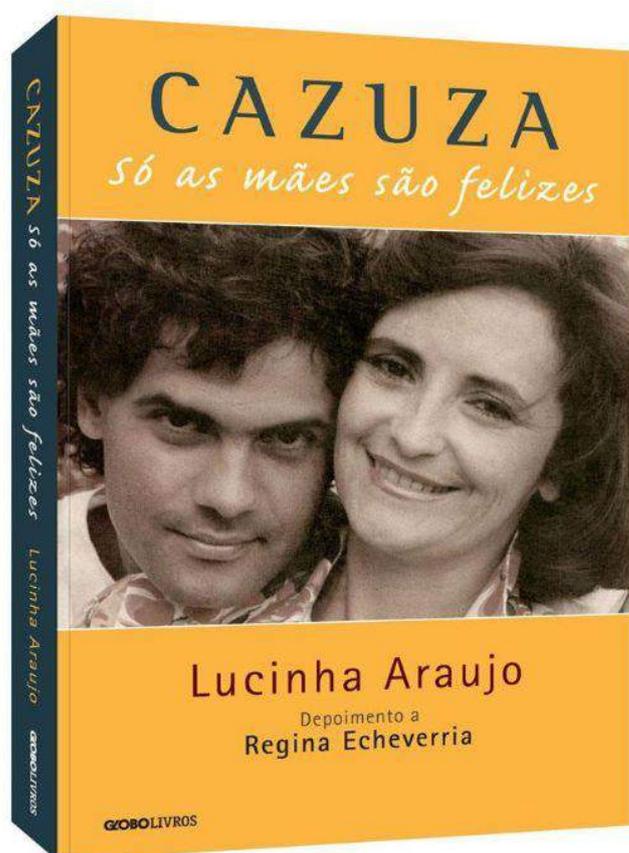
essa doença tão cruel, que mata aos poucos, até as últimas forças. Cazuza não morreu, ainda vive com sua história.

Um livro para os fãs que fazem Cazuza vivo. Numa história contada pela sua mãe desde o seu nascimento, ela abre o coração e fala sobre as angústias e alegrias dos trinta anos da vida de seu filho. O carinho, a rebeldia, os devaneios, mas, acima de tudo, um livro que revela que só o amor salva, que a família, que a presença dos pais são alicerces jamais perdidos; que mesmo sendo artista, Cazuza sempre voltava pra casa.

Cazuza disse: “Espero que, no futuro, não se esqueçam do poeta que sou. Que as pessoas não se esqueçam de que, mesmo num mundo eletrônico, o amor existe. Existem o amor e a poesia. Que mais crianças venham a nascer e é fundamental o amor dos pais.”

“Nem todas as mães são felizes”

Lucinha Araújo



Maristela Prado é escritora, biógrafa e crítica de biografia musical.
Redes sociais: site: www.asletrasda vida.online
Instagram: @blog da Maristela
Facebook: Blog da Maristela

ENTREVISTA COM A AUTORA

CECÍLIA LORCA

POR ADEMIR PASCALE



Cecília Lorca é paulistana, bióloga, pedagoga e é professora aposentada, após lecionar por mais de 30 anos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Cecília Lorca: Sempre gostei de escrever. Na adolescência escrevia poesias, poemas e guardava em minhas gavetas. Aos 14 anos comecei a escrever um livro: O Destino de Elizabeth Montclair, contudo depois de finalizá-lo perdi meu manuscrito o que me deixou frustrada por décadas.

Em 2017 decidi reescrevê-lo e publicá-lo na Amazon, assim como uma coletânea de poesias. Assim começou a minha vida literária.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Muito além do Palácio Vermelho”. Poderia comentar?

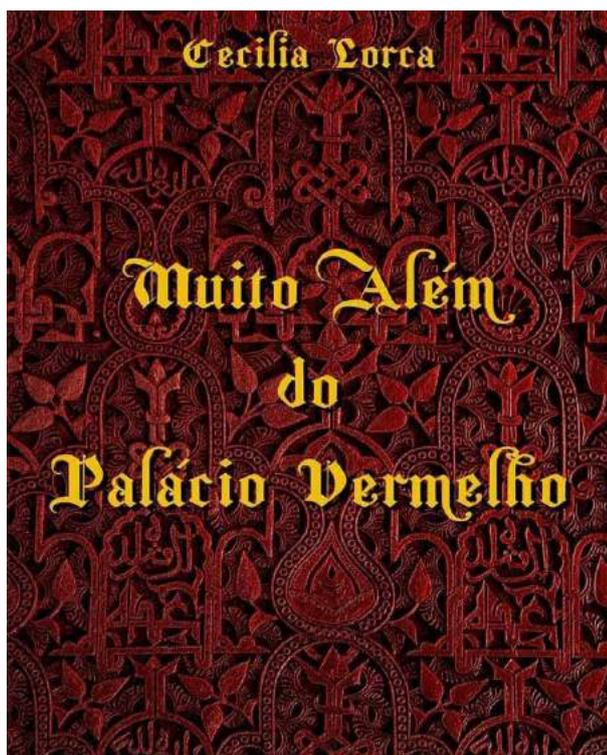
Cecília Lorca: O livro foi publicado em 2018 e o tema é Memória Genética. Trata-se de um romance histórico e se

inicia em Granada, em 1517 no período da Inquisição espanhola. Um amor impossível entre um cristão-novo e uma moura, que se tornará imortal, rompendo as barreiras do tempo e do espaço e se perpetuando através de seus descendentes.

É uma saga com quatro gerações que percorre Espanha, Portugal e Brasil em várias épocas.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Cecília Lorca: Foram feitas incansáveis pesquisas bibliográficas sobre os períodos que se passam as narrativas: A Espanha e a reconquista de Granada; A Inquisição espanhola e as agruras de judeus e mouros na época. A Guerra de Restauração portuguesa de 1640; o Golpe Civil Militar de 1964 no Brasil. Outras histórias foram brevemente



contadas, como a Revolução de outubro de 1908 em Portugal e a Revolução de 1924 em São Paulo.

É imprescindível uma vasta pesquisa histórica para se poder passar autenticidade à obra, e assim o livro demorou sete meses para ser concluído.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Cecília Lorca: “... Nuno a olhava com o rosto molhado de suor e lágrimas. Ela chorava com sofreguidão. Pensou nunca mais ver seu amado. Eles ficaram de mãos dadas. Mercedes perguntou:

- Vossa mercê não está ferido?
- Não estou, minha linda dama.
- Aprendeu a lutar. É um cavaleiro. Um herói de seu povo.
- Talvez herói, contudo não sou cavaleiro. Um herói anônimo.
- Para mim será sempre meu herói!

Eles se beijaram delicadamente e em seguida fitaram-se prolongadamente. Procuravam prender na memória as suas feições, como num lindo quadro de Velásquez. A luz do Sol ajudava a dar um brilho especial para aquele momento único. ... Ficaram a prostrar, de mãos dadas, vivendo uma gota de paixão. Sabiam que logo se separariam de novo, agora para sempre. Porém, hoje podiam se despedir”.

Conexão Literatura: Você também é autora de outros livros. Poderia comentar?

Cecília Lorca: Sou autora de outros cinco livros:

O destino de Elizabeth Montclair, um western; Alma, véus e colinas, coletânea de poesias; A morte só vem para quem tem vida, um conto dramático; Dhoruba e outras histórias, uma coletânea de contos curtos; e Mamluk, a cruzada dos esquecidos, um romance medieval.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Cecília Lorca: Posuo uma página no Facebook, Cecilia Lorca, onde se pode encontrar a propaganda e os links de meus livros. Os ebooks podem ser adquiridos na Amazon.com.br assim como os livros impressos de Alma véus e colinas e O destino de Elizabeth Montclair. Já o livro Muito além do Palácio Vermelho, está disponível em versão física na Amazon, no Clube de Autores, Mercado Livre, Lojas

Americanas, Submarino e em outras boas lojas.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Cecília Lorca: Sim. No momento há um livro para ser publicado brevemente, um romance histórico que se passa na época do Brasil colonial.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Morro dos Ventos Uivantes.

Um (a) autor (a): Jane Austen
Um ator ou atriz: Meryl Streep
Um filme: A Casa dos Espíritos.
Um dia especial: São dois dias auspiciosos: os nascimentos de meus dois filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Cecília Lorca: Agradeço imensamente pela entrevista e espero que tenha sido útil aos leitores da Revista Conexão Literatura.



Para adquirir o livro, acesse: https://www.amazon.com.br/Livros-Cecilia-Lorca/s?rh=n%3A6740748011%2Cp_27%3ACecilia+Lorca

ENTREVISTA COM O AUTOR

EDUARDO CARDOSO

POR ADEMIR PASCALE



Eduardo Cardoso é formado em Letras pela Universidade do Grande ABC. É professor de Língua Portuguesa da prefeitura do município de São Paulo. Especialista em Filosofia e Pensamento Político Contemporâneos pelo Centro Universitário Assunção e graduando em Filosofia pela Universidade Paulista, além de pós-graduando em Educação Transformadora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e psicanalista em formação pela Escola de Psicanálise de São Paulo. Na área literária, participou da “1ª. Antologia Literária do Grupo de Escritores da UniABC” (livro organizado por Adriano Calson e Sérgio Simka, publicado pela Editora da UniABC, em 2006) e da coletânea “Contos (para Ler) na Universidade” (livro organizado por Sérgio Simka e Ítalo Bruno, publicado pela Editora Iglu, em 2009). “Corpo-luto” é o seu romance de estreia (publicado pela Editora Todas as Musas, em 2020).

Entrevista

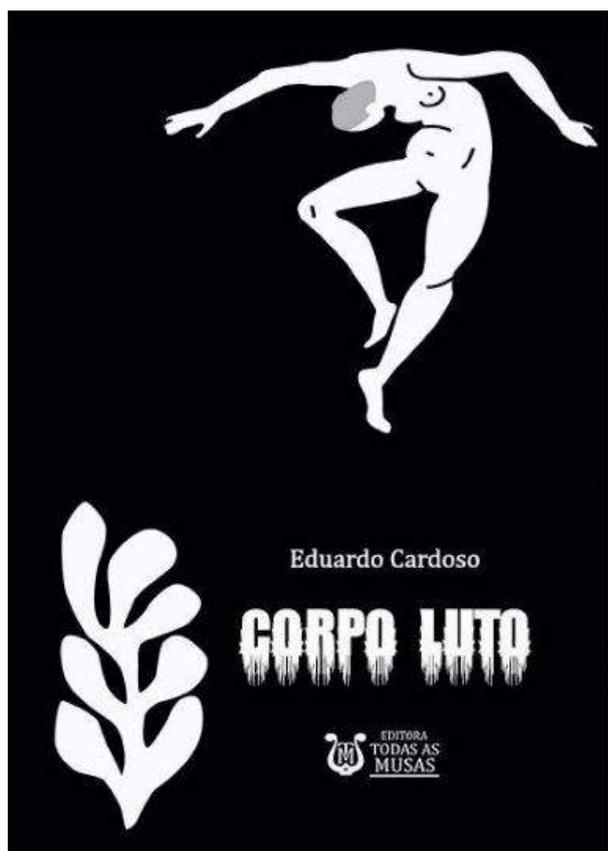
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Eduardo Cardoso: O meu processo de escrita, começou mesmo, quando iniciei a minha Licenciatura em Letras. Antes, eram apenas rascunhos, crises existenciais, poemas escritos na fase da adolescência etc. Comecei no meio literário em termos de escrita e publicações (pois desde cedo, sempre fui um leitor assíduo) – quando fui convidado pelo professor Sérgio Simka a participar da Primeira Antologia Literária

do grupo de escritores da Universidade do Grande ABC e depois da coletânea: Contos para ler na Universidade. Daí em diante não parei mais de escrever.

Conexão Literatura: Em seu romance de estreia, você dá voz a um personagem próximo do momento da morte. Como ocorreu essa escolha?

Eduardo Cardoso: A morte está a todo o momento nos rodeando, porém não sabemos o que é a morte, e principalmente, quando ela aparecerá para nós. O que vemos é a materialização



da morte, representada na figura do cadáver alheio – temos uma ideia de que “ali jaz” – entretanto, sentimos essas perdas. A morte pode vir subitamente, ou aos poucos, maltratando o corpo. O meu processo de escrita, também foi baseado em perdas de pessoas queridas e familiares.

Outro motivo que me levou a escrever a obra *Corpo-luto* foi a questão de que parte dos jovens e idosos estão desistindo de viver. Por que isto está acontecendo? Por que adolescentes simplesmente não querem mais viver? Por que há uma taxa altíssima de suicídios entre os idosos? Diante destes fatos, passei a fazer leituras sobre o assunto. Além disso, vejo o descaso de parte da sociedade em como trata as pessoas de idade avançada - um objeto envelhecido, obsoleto que não serve mais para nada. Sendo assim, a escrita de *Corpo-luto* é social - foi direcionada para

as relações de afetos que estão ocorrendo entre as pessoas, cujas amizades ou relacionamentos terminam por apenas um clique - o quanto essas relações no fundo são vazias. E as plataformas digitais? Elas nos dão a ideia de que temos realmente cinco mil amigos - olha que loucura? No máximo, conhecemos umas cinquenta pessoas de forma não virtual - as relações se tornaram “líquidas”, como escreveu o sociólogo Zygmunt Bauman (infelizmente já falecido). Obviamente, que fiz um recorte, pois não posso escrever ou determinar que todas as pessoas pensam ou agem desta forma.

A personagem principal Domenico é um acadêmico em idade avançada, com grandes perdas em sua vida, que passa a se questionar “o que é o morrer?”. Portanto, o fluxo narrativo ocorre com o processo narrador-personagem que apresentam ao leitor as suas angústias, seus medos, suas ausências e seus amores - e são seus questionamentos que podem levar os leitores e leitoras a refletir um pouco mais sobre suas próprias vidas.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Eduardo Cardoso: O meu processo de escrita e pesquisa foram frutos de minhas leituras. Basicamente, um dos livros que me inspiraram a escrita de *Corpo-Luto* foi: *Vivo até a morte* – Paul Ricoeur – o filósofo pensava no auge dos seus oitenta anos, na época – em como seria a sua morte. O que o seu corpo ainda teria a dar ao mundo? Será que sua crença em um plano divino realmente se concretizaria? – em suma, o processo do envelhecer e a proximidade de uma

existência física. Além de outros livros ou autores, como Milan Kundera, José Luís Peixoto e Evandro Affonso Ferreira – que ajudaram a refletir sobre o processo existencial da personagem principal, o senhor Domenico.

Em relação à conclusão da obra, entre revisões e processo de publicação, aproximadamente um ano, A Editora Todas As Musas trabalhou de forma primorosa na confecção do meu livro. Tenho certeza de que outra editora não daria a atenção necessária que esta obra merece.

Conexão Literatura: O que é Corpo-Luto para você?

Eduardo Cardoso: Corpo-Luto é social. É preciso fazer este adendo, porque o enredo não está apenas nas personagens que compõem a narrativa – isto é importante, logicamente, mas o que elas carregam é uma mensagem: por que as pessoas estão desistindo de viver? Por que jovens, com doze ou treze anos, dizem – “eu não tenho mais vontade de viver?” – Por que eles sentem este vazio? Em suma, por que as relações se tornaram mais fluidas ou líquidas – pegando emprestado a metáfora do filósofo Zygmunt Bauman? E os chamados “idosos” ou pessoas da terceira idade? – quando querem falar com jeitinho, usam este termo. Uma hipocrisia social! Além disso, o que a obra pretende trazer para a reflexão, é o número altíssimo de suicídios entre os jovens – porque em suma, não veem sentido no presente, e principalmente no futuro, e os mais velhos – em alguns casos, vão justificar – “se não fui feliz até agora, já chega. Obviamente o que trago é um recorte social e isto está implícito e

explícito em Corpo-Luto – as personagens apresentam a angústia, a dor, mas também, uma bela história de amor que resiste ao tempo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Eduardo Cardoso: (...), “Mas a morte é o fim de todas as peças. É a música que encerra o ato. Ou, em outros termos, uma música que pode terminar, como nos antigos bolações (mais conhecidos como discos de vinil), quando a música vai diminuindo até ficar somente o chiado da agulha. Em outras palavras, a morte é a música que encerra a vida. Ora, então a morte é a metáfora da vida e não o contrário?”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Eduardo Cardoso: O meu romance Corpo-Luto pode ser adquirido no site da Editora Todas As Musas pelo link: https://www.todasasmusas.com.br/livro_corpo.html

Minha rede social é: Facebook/Eduardo Cardoso e a minha página é: Eduardo Cardoso Escritor
e-mail para contato: cardoso.edu@gmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Eduardo Cardoso: Sim. Está em processo de lançamento uma coletânea realizada pela Editora Todas As Musas, intitulada: Histórias do Isolamento –

contos, crônicas e desabafos – da qual faço parte como um dos autores.

Em breve, pretendo escrever a continuação de Corpo-Luto, se possível, ainda no ano de 2020

Perguntas rápidas:

Um livro: Sidarta – Hermann Hesse

Um (a) autor (a): José Luís Peixoto

Um ator ou atriz: Wagner Moura

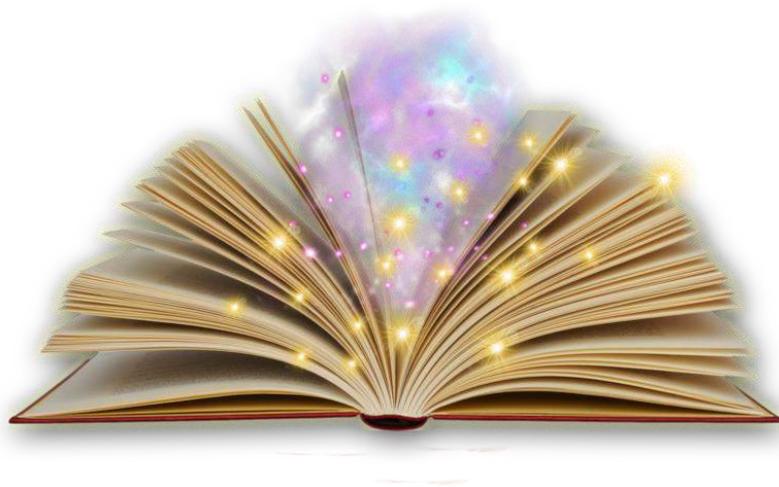
Um filme: Laranja Mecânica (1971) – Stanley Kubrick

Um dia especial: Essa resposta é difícil, pois um dia especial, desconsidera todos os outros dias que foram especiais – se me permite, gostaria de destacar um dia que se dividiria em duas partes, o

nascimento dos meus filhos: Fernanda e Henrique.

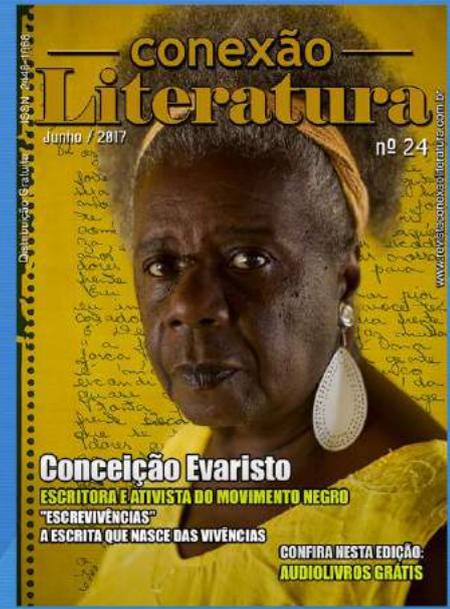
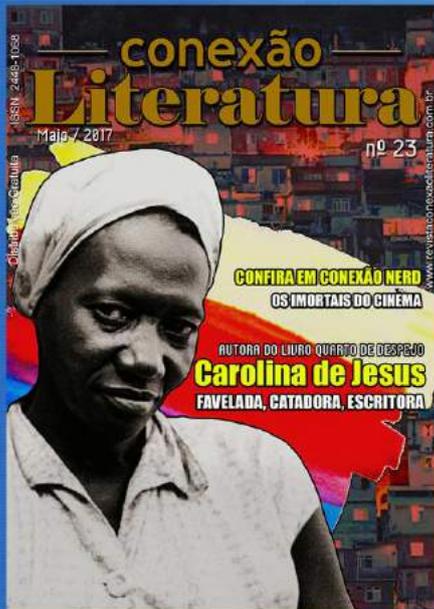
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Eduardo Cardoso: Gostaria de encerrar, com uma citação do escritor uruguaio Eduardo Galeano - que pode nos ajudar a seguir em frente: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”



Para adquirir o livro, acesse: https://www.todasasmusas.com.br/livro_corpo.html

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

ENTREVISTA COM O AUTOR

GIOVANI MIGUEZ

POR ADEMIR PASCALE



Giovanni Miguez, 41 anos, é poeta por imposição existencial. Nascido em Volta Redonda, atualmente sobrevive na cidade do Rio de Janeiro. Formado em Gestão Pública, especialista em Sociologia e mestre em Ciência da Informação. Servidor público federal, casado com Carolina, pai de dois meninos, Benjamin e Leonardo, escolheu a expressão poética como forma de realizar-se est(ética)mente no mundo. Define-se como um poeta filosofante e caminhante.

Entrevista

Conexão Literatura: Você é autor do e-book “Sobre(viventes) - Emancipação Poética”. Poderia comentar?

Giovanni Miguez: Sobre(viventes) é um projeto de continuidade est(ética) que nasceu na escrita do meu primeiro livro, Quase Histórias: Est(éticas) Existenciais. Um projeto que nasceu como um diário intelectual em 2017 e onde registrei alguns aforismos filosóficos e que aos poucos foi ganhando uma linguagem poética. Comecei a escrever poemas sem querer. Deste trabalho, eclodiu uma necessidade de expressão poética que rendeu, em 2019, uma atividade poética intensa. Esse atividade culminou no meu segundo trabalho, Animal Poético (Ed. Multifoco, 2020, no prelo). Sobre(viventes) é consequência desta

trajetória. Escrito no verão de 2020, resolvi disponibilizar em e-book, uma vez que a pandemia atrasou a edição e o lançamento de Animal Poético.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu e-book?

Giovanni Miguez: Como disse, o livro foi um projeto decorrente de uma trajetória. Escrito como um diário no verão de 2020, a partir de observações psicossociológicas, ou seja, do meu transitar entre dois mundos, o interno e o externo. É um trabalho intuitivo, sem pretensões literárias, bem marginal mesmo. Faço poesia por necessidade existencial, como refugio mental e exercício espiritual. O livro está inserido neste contexto de continuidade, como

um diário, como parte de um esboço de auto-análise, quase biográfico.

Conexão

Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu e-book?

Giovani Miguez: O poema "Reconstrução" sintetiza bem essa minha necessidade de emancipação poética expressa pela ideia central de "Sobre(vivente)":

Acaso
por acaso
eu me construo.
Aos poucos,
por descaso,
eu me destruo.
Nesse mundo
de loucos
eu me afundo
e aos trancos
minha destruição
é transformada
em reconstrução.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Giovani Miguez: O e-book está disponível no site da Amazon por R\$ 12,90, mas gratuitamente para assinantes

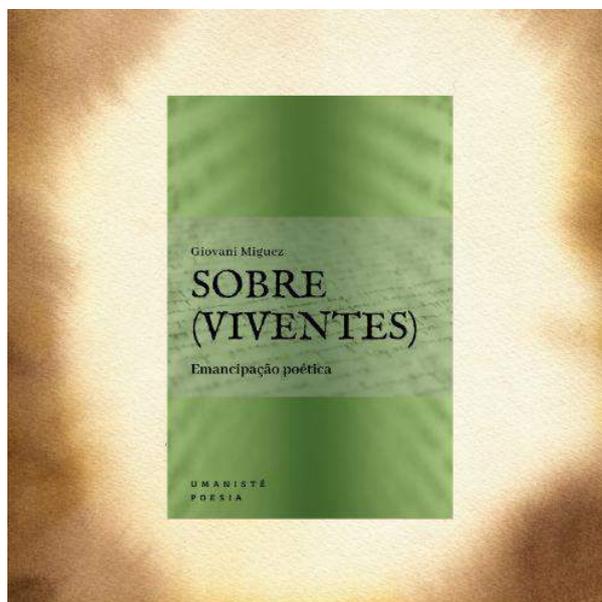
do Kindle Unlimited. Meu trabalho poético pode ser acompanhado basicamente no meu blog www.Umaniste.blog e mais intensamente no meu perfil no instagram: [/GiovaniMiguez](https://www.instagram.com/GiovaniMiguez).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Giovani Miguez: Atualmente estou finalizando um trabalho em parceria com poeta de rua Ricardo Garcia, o poeta da paulista. Garcia é um poeta intenso e estamos, juntos, realizando um diálogo poético, uma ponte poética entre Rio de Janeiro e São Paulo. Estou finalizando, ainda, a escrita de "Em terceira pessoa", um livro escrito nos dias de quarentena, que segue a mesma linha existencial (quase sempre melancólica) e engajada (às vezes panfletária) do que produzi até agora.

Perguntas rápidas:

Um livro: Uau! São tantos. Mas acho que se eu fosse forçado a ser isolado com um único volume seria "O livro do Desassossego", de Fernando Pessoa. Nunca é o mesmo livro ao ser relido.



Um (a) autor (a): Apesar de Fernando Pessoa ser genial, meu coração está dividido entre Mario Quintana e Manoel de Barros, não teria coragem de escolher apenas um entre os dois.

Um ator ou atriz: Matheus Nachtergaele

Um filme: Cinema Paradiso, eternamente!

Um dia especial: O nascimento dos meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

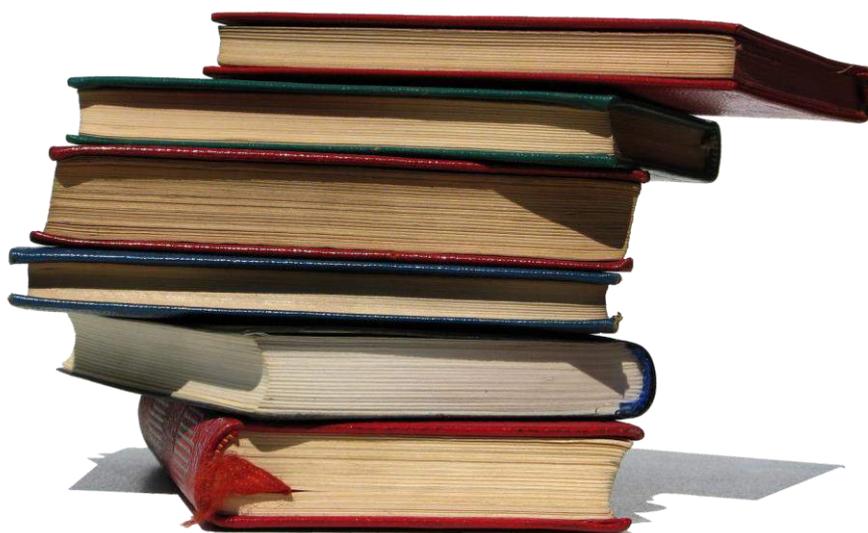
Giovani Miguez: Sou um poeta da circunstância, do contexto psicossociológico em que estou inserido

como observador e participante. Não pretendo fazer poesia literária, mas marginal, intuitiva e, por que não dizer, espasmática. Trata-se de uma poesia em movimento, curta, direta, insistente e autobiográfica.

Falo de mim, de minhas inquietações existenciais, de minhas preocupações sociais.

O leitor perceberá que a minha obra faz um diálogo entre um eu-lírico angustiado e um filosofante inquieto, engajado e afiado.

Sou um poeta engajado que escreve compulsivamente e que busca no ato poético o encontro est(ético) entre o homem e o mundo.



Para saber mais sobre o autor e o livro, acesse: www.Umaniste.blog e mais intensamente no perfil no instagram: /GiovaniMiguez

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Tudo começou com uma ideia do escritor Ademir Pascale, em julho/2015, sendo lançada de forma experimental a edição de nº 01, tendo como destaque o escritor Oscar Wilde. A Revista Conexão Literatura tornou-se um grande canal digital de entretenimento e informação para autores, leitores, editores, blogueiros e profissionais do meio literário e cultural.

**PORQUE AMAMOS LIVROS
LEIA E VIAJE CONOSCO**

**150 mil
seguidores**



E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM
www.revistaconexaoliteratura.com.br

**APROVEITE
JÁ SÃO DEZENAS DE
EDIÇÕES DA NOSSA
REVISTA GRATUITAS
PARA DOWNLOAD**

LITERATURA E CULTURA AO ALCANCE DE TODOS:

A pontualidade, seriedade e profissionalismo da equipe da Revista Conexão Literatura, permitiram que suas edições chegassem até milhares de internautas por meio das redes sociais Facebook, Twitter e Instagram, que somam mais de 150.000 seguidores. Nossas edições são mensais. Os leitores poderão baixar e ler a revista digital gratuitamente.



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



ENTREVISTA COM O AUTOR

HÉLIO BACELAR POR ADEMIR PASCALE

Hélio Bacelar Viana nasceu em uma fazenda no município de Teofilândia, Sertão da Bahia, vivenciou a cultura popular desta região até a adolescência e as peculiaridades deste ponto do Brasil lhe aguçaram a criatividade. Destaca-se no plano da composição musical: prêmios e publicações nos gêneros orquestral e didático; transita com fluência na Música, Teatro, Artes Plásticas e Literatura.

Atualmente, com atividades na área de composição musical em suspensão, se dedica a Literatura e Fotografia – é professor de fotografia em projetos de Oficinas da Escola Parque – Salvador.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Hélio Bacelar: De maneira muito surpreendente. Sempre gostei de ler, principalmente ficção científica, mas a oportunidade de publicar um livro me cativou quando estava construindo um

roteiro para Ópera. A temática era interessante e versava sobre Antônio Conselheiro na Guerra de Canudos. Daí saiu um livro, publiquei em Portugal e dei continuidade às minhas criações literárias com poesia, romances e, a título de exercícios fui escrevendo contos, que são “romances menores”. Cheguei a trabalhar com micro contos: contos com

no máximo 25 linhas e mesmo buscar contar uma história em uma ou duas frases, no máximo.

Gosto de diversificar meus trabalhos e, tal como acontece na composição musical, trabalho simultaneamente diferentes textos, em distintos tamanhos, desiguais nos conteúdos.

Conexão Literatura:
Você é autor do livro “Aguarrás”. Poderia comentar?

Hélio Bacelar: São contos que escrevo e vou guardado. Finalizei este livro “Aguarrás”, com 14 histórias diferentes entre si, no estilo e no contextual. Os contos vão de lendas urbanas a histórias da literatura popular oral, vulgarmente conhecida como “estórias de mentirosos”: Em “Aguarrás” um pintor hiper-realista, excêntrico e viciado em cheirar aguarrás, mata a namorada misteriosamente; em “O Espelho” um bêbado encontra um portal para outra dimensão temporal; “Corpo-Seco” é uma história contada por um grande amigo meu, morador de uma fazenda em Teofilândia, de uma garota que de tão bonita, morreu e o corpo não se decompôs..., virou corpo-seco.

E outras muitas histórias de fantasmas e assombrações em ficção cordelista estilizada, ou elaborada com o jocoso ao tempo que assombroso: ficção fantástica, como prefiro denominar

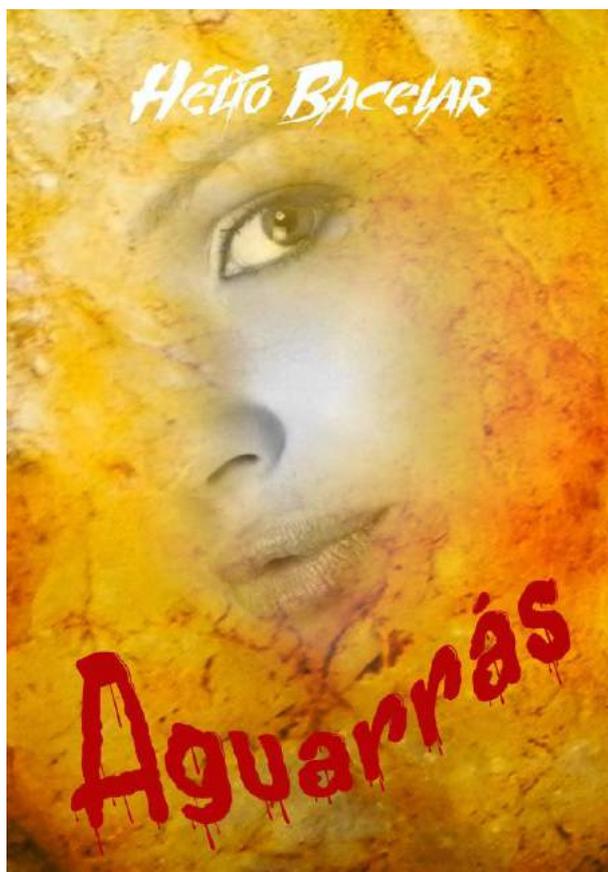
Conexão Literatura:
Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Hélio Bacelar: Ouvir histórias contadas por “mentirosos contadores de lorotas”, livros de autores da ficção

científica e da literatura nordestina, internet para detalhamentos..., são as fontes de pesquisas que uso.

Nasci em uma fazenda e até os 15 anos tinha meu tempo dividido entre uma cidade pequena e a fazenda que nasci. O contato com pessoas do povo, com a literatura de cordel, com os cordelistas-repentista de Serrinha – Sertão baiano –, contato com autores de diferentes estilos..., me estimularam a criar e criar uma literatura mais nossa; com nossos próprios entes místicos; com nossa própria gente; com nosso próprio tempero!

Devo ter levado anos construindo esses textos. Guardava um pedaço de



história..., umas palavras bêbadas em frases desconexas..., uma ideia de jerico – tal como fala o nordestino – e, como bom colecionador de palavras que sou, uma história ouvida na infância. Desta maneira acabei por colecionar contos ao longo de muito tempo.

Tem outro livro de contos que estou organizando “Pedra-Semente”. Título de um dos contos que são as confissões de um Cangaceiro de Lampião que, ferido de morte, viu-se obrigado a se “aposentar”, precocemente, da vida de bandidagem.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Hélio Bacelar: Um dos contos, “A Família de Padecentes”, é uma história baseada em falas da minha avó que viveu a seca de 1930 na Fazenda Abóboras, local onde nasci. Meu bisavô, coronel de patente comprada, abriu os paióis de mantimentos para ajudar os que vagueavam pela região, em busca de comida e água.

Muito me emocionei ao escrever esse conto. A história é curta, mas tem significativa forte. Tal como nos romances que escrevo, com temática nordestina, busco retratar a vida sertaneja até mesmo nas suas falas: “O Sertão dos Curibocas” em três livros e “do Barro ao Santo” e nas histórias que transformo em contos.

“– Se acheque, homem de Deus! – Pronuncia-se Benício, compadecido pela aparente indignação do grupo, e continua a fala: – Parece que tão vindo de muito longe. As criança tão, que é só cara de fome e canseira.

– Sim sinhô! Tâmo carecido de um di cumê. – Um tanto apoucado, o homem fala os outros todos apenas espiam. Os olhares são de muita aflição e de parecer mendicantes.

No fim da comitiva insólita de retirantes, Benício vê uma menina, de pouco mais de três anos, escabreada e muito. Ele dá para a criança um largo sorriso e ela apenas uma carantonha que ele não sabe se é de fome ou de repulsa”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Hélio Bacelar: Direto com a Editora Uiclap –
<https://loja.uiclap.com/titulo/ua1097/>
 ou
<https://clubedeautores.com.br/livro/aguarras> (versão e-book)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Hélio Bacelar: Dois novos livros finalizados, um outro sendo finalizado e, provavelmente, em 2021 um romance sobre um período da história Torre

Garcia D'Ávila “As senhoras da casa da Torre”. Mas será ficção. Já tenho a estrutura base e já iniciei as pesquisas.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Barca dos Homens – Autran Dourado

Um (a) autor (a): Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Morgan Freeman

Um filme: 2001 Odisseia no Espaço

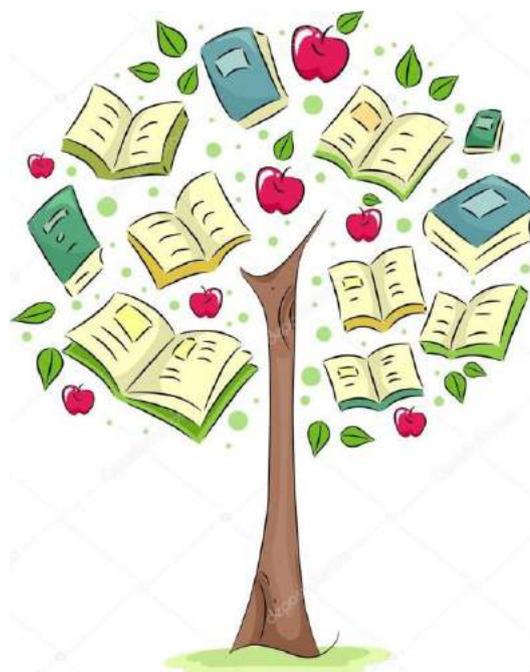
Um dia especial: O dia do nascimento da minha filha

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Hélio Bacelar: É quanto a Literatura Brasileira. Estávamos em uma fase difícil, que se tornou mais difícil ainda depois dessa pandemia do Covid-19.

Temos poucos leitores e o nossos leitores terão mais dificuldade no acesso a livros, pois as livrarias estão fechando. Acredito que seja necessário união e mais união para que o livro se torne mais e mais acessível, seja no papel, seja no e-book, ou mesmo em PDF, em especial nas escolas. Nas escolas é que se inicia e se estimula, ou deveria estimular a leitura.

Um comentário que julgo pertinente: sou professor, de escola pública, trabalho com projetos especiais e fiz a doação de livros meus para alunos. Acontece que alguns voltaram a mim para tirar dúvidas e esclarecimento quanto a algumas palavras que não estavam em seus vocabulários. Mas uma aluna me devolveu o livro, meses depois, pois não conseguiu entender...



Para saber mais ou adquirir o livro, acesse: <https://loja.uiclap.com/titulo/ua1097/> ou <https://clubedeautores.com.br/livro/aguarras> (versão e-book)

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees us

really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place

the art we create we're too afraid to show the world
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend

"I'm not sleeping."
the white door
die

all night

ENTREVISTA COM A AUTORA

JÉSSICA LARISSA

POR ADEMIR PASCALE



Aos 24 anos, **JÉSSICA LARISSA** é uma escritora baiana, fascinada pela literatura, principalmente pelos gêneros de romance hot e dark, aos quais tem dedicado sua escrita. Mãe, esposa e dona de casa, atualmente cursa Engenharia Civil e fez da escrita seu mais feliz passatempo. Recentemente, publicou seus romances em plataformas on-line que, juntos, alcançaram mais de 20 milhões de leituras.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Jéssica Larissa: Foi um início incerto. Comecei publicando meu primeiro romance de forma gratuita na plataforma Wattpad no fim de 2017, eu só queria ser lida de alguma forma.

O livro foi bem aceito, cresceu na plataforma e eu fiz algumas amizades na época. Essas pessoas me aconselharam a publicar na Amazon.

Em novembro de 2018 eu finalmente publiquei o livro Yellow, e o mesmo alcançou o top dez de mais vendidos na loja kindle, desde então não parei mais.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Presente Perfeito”. Poderia comentar?

Jéssica Larissa: Presente Perfeito é na verdade um Spin-off do livro “A Menina do CEO”. Retrata o dia a dia dos protagonistas, com muitas cenas cômicas e engraçadas, e como o casal está lidando com a chegada do primeiro filho.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir o livro?

Jéssica Larissa: Minhas pesquisas se basearam no dia a dia de um casal, e pais de primeira viagem. Selecionei algumas pessoas do meu convívio para entrevistá-

las, também aproveitei a minha experiência como mãe e os conhecimentos adquiridos no Curso de Engenharia, já que o protagonista tanto do livro “A menina do CEO” quanto do Spin-off, é o dono e CEO de uma construtora.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Jéssica Larissa: O protagonista, Carlos Eduardo cuidando do filho recém nascido.

Trecho: — Oi, garotão — chamei e toquei sua barriga.

Os grandes olhos azuis me fitaram e ele levou as duas mãozinhas à boca, fazendo barulhinhos estalados. Chupou o punho e voltou a chorar, irritado. Esse era o meu garoto, já queria mamar de novo.

— Será que você pode dividir a mamãe com o papai só um pouquinho? Aqueles peitos também são meus.

Ele não pareceu gostar muito da minha sugestão, pois abriu o berreiro. Sorri, orgulhoso da pessoinha que eu havia feito junto com a mulher que eu amava. O garoto tinha personalidade. Já

imaginava o brilhante CEO que ele seria no futuro.



— Vem aqui, filho, o papai vai tirar essa bombinha de você.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jéssica Larissa: Todos os meus livros estão disponíveis no site da amazon.com.br, basta procurar pelo meu nome de autora: Jéssica Larissa e

também na plataforma Wattpad: @Larissa1995Reis. Para falar comigo pode me contatar pelas seguintes redes.

Email: jessicalarissa1995@gmail.com

Instagram: @jessicalarissa59

Facebook: Jéssica Larissa ou Autora Jéssica Larissa

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jéssica Larissa: Sim muitos projetos na verdade. Livros únicos, triologias, outro spin-off Meu próximo livro será postado na plataforma Wattpad em breve. Trata-

se de um Dark Romance, intitulado como FÚRIA: Contrato de Vingança

Perguntas rápidas:

Um livro: O Melhor de Mim

Um (a) autor (a): Judith McNaught

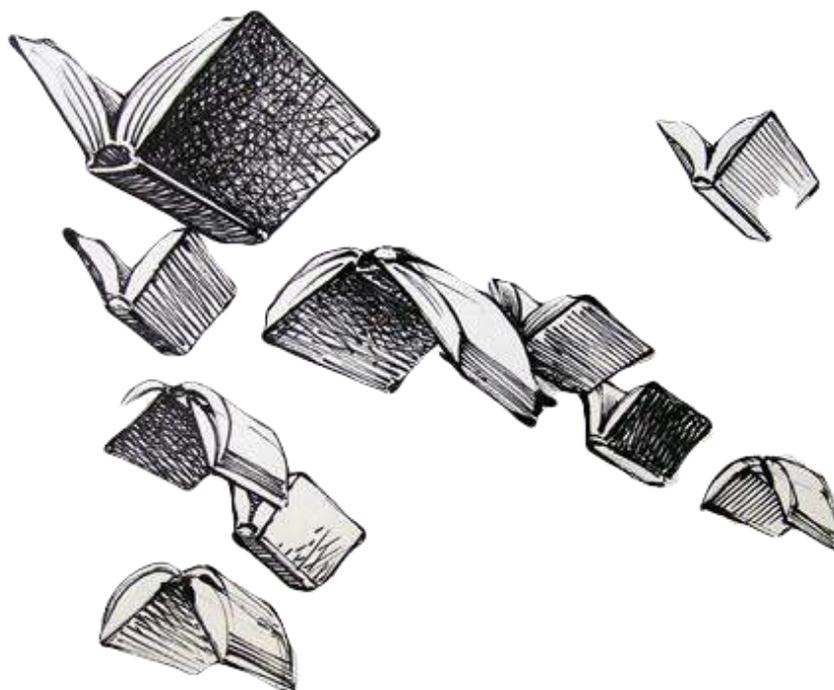
Um ator ou atriz: Jason Momoa

Um filme: O Senhor dos Anéis

Um dia especial: Bienal do Rio 2019

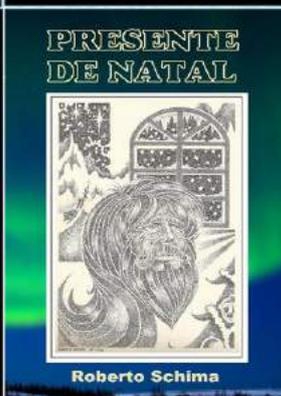
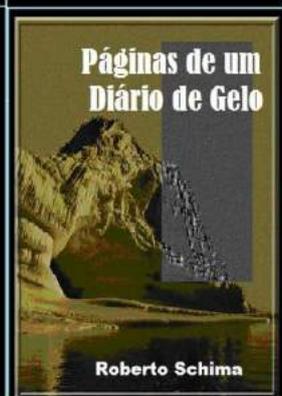
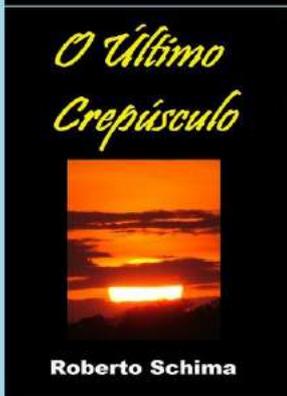
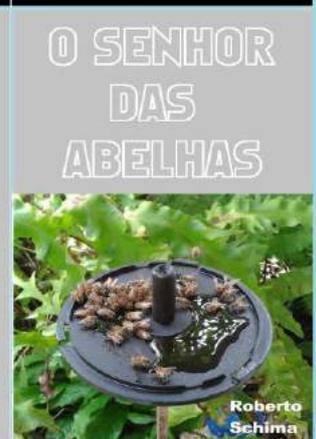
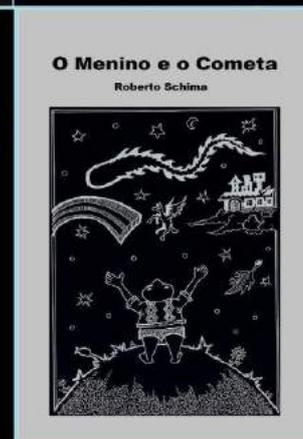
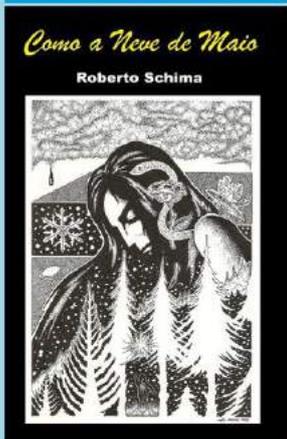
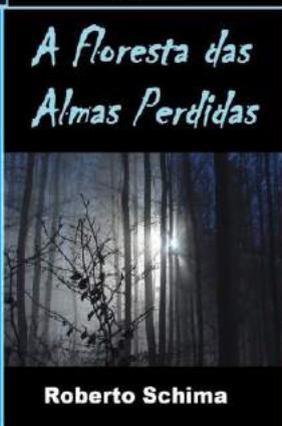
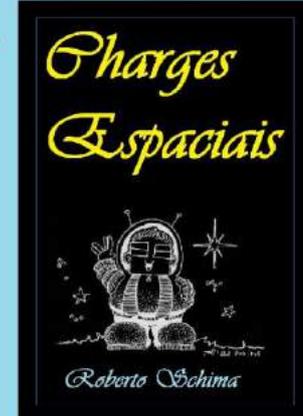
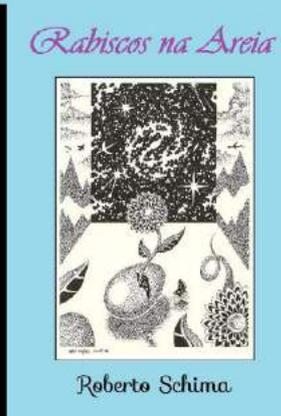
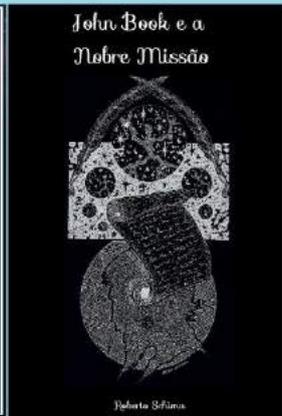
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jéssica Larissa: Obrigada pelo espaço Revista Conexão Literatura. Foi um prazer para mim. A você leitor(a), desejo do todo o coração que Cadu e Bia os encante cada dia mais. Minhas redes sociais estão abertas para conversar, sintam-se bem-vindos.



Para ler no smartphone, tablet ou laptop:

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



wattpad 

ROBERTO SCHIMA - rschima@bol.com.br

Obs: Também no Clube de Autores, agBook, Amazon, Conexão Literatura, EFuturo, Marcianos como no cinema.

Maiores informações: Google.

ENTREVISTA COM O AUTOR

JOÃO BERNARDO OLIVEIRA POR ADEMIR PASCALE



João Bernardo Oliveira, 41 anos, autor, terapeuta holístico e roteirista, formado pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Carioca, torcedor do Botafogo (embora prefira o remo e rúgbi a futebol), é amante de um bom café e de música barroca, além de mate (do galão antigo) com biscoito globo na Praia do Leme, onde espera mergulhar outra vez quando tudo isso passar.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

João Bernardo Oliveira: A literatura invadiu-me antes mesmo de eu percebê-la. No fundo de algum armário entulhado, escondem-se vestígios do que escrevia freneticamente aos garranchos, ainda nas primeiras séries do antigo primeiro grau. Naquela época, quase tudo era livremente “inspirado” em filmes, séries e HQs. Poderia mencionar as gravações em cassetes ou os primeiros rabiscos do que se pretendiam histórias em quadrinhos, não irei tão longe.

Seria difícil precisar minhas motivações na época. Um pouco de timidez ou o fato de o livro fazer-se presente em minha vida desde sempre. O lar não era daqueles super cultos onde as crianças mal nascem

e já recitam grego, porém tive bastante incentivo à leitura por parte de minha mãe, que lia muito para mim. E quando eu ficava doente, era certo, lia algumas crônicas do Febeapá, de Stanislaw Ponte Preta. A solidão e a falta de opções recreativas foram outras grandes incentivadoras. Só em plena adolescência tive acesso aos meios de lazer doméstico da época, como videocassete e videogame. De algum modo, aquela vida, até certo ponto restrita, empurrou-me para a leitura e a imaginação. Reinações de Narizinho, por exemplo, longe de sugerir um programinha de TV, jogou-me em um cinema 4D trilionário. Seria impossível mencionar todos os tipos de incentivos que me conduziram à paixão pela escrita, um livro da série vagalumes emprestado por um primo mais velho aqui, livros intrigantes presenteados pela madrinha ali,

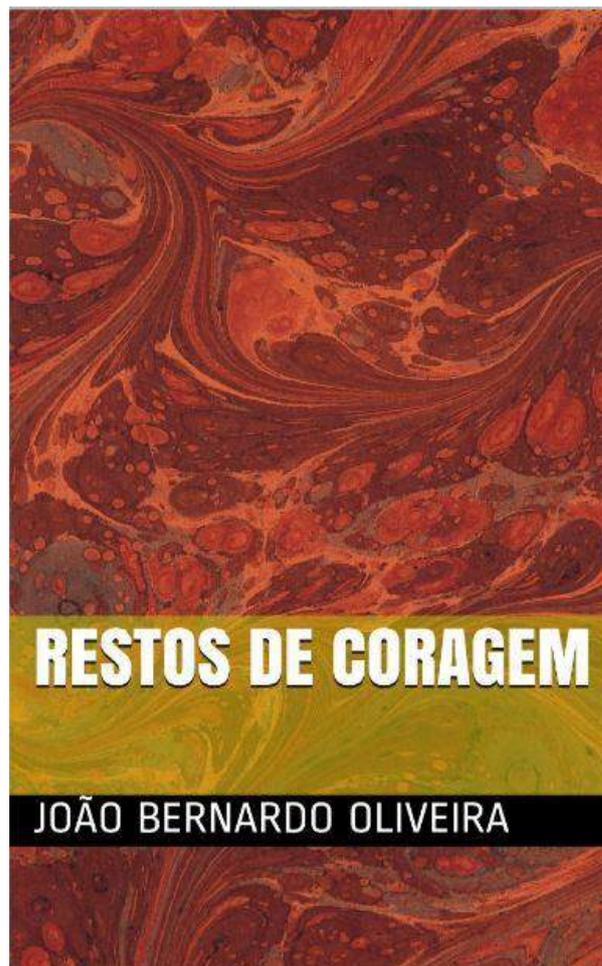
a biblioteca de escola pública, os passeios pelo CCBB... Só para não deixar citar alguns.

Embora o desejo de publicar estivesse sempre lá, somente com uns vinte e três anos, em plena faculdade de Direito, escreveria seriamente com esse fim. Período no qual publiquei alguma coisa. Só voltaria a publicar quase uma década depois na atual fase da vida.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Restos de Coragem”. Poderia comentar?

João Bernardo Oliveira: A trama de Restos de Coragem acontece num futuro, no qual o Rio Amazonas é povoado por colônias navegantes, embarcações que abrigam cidades inteiras. Brazil Novo (z mesmo) é a colônia onde transcorre toda ação do livro assim como os demais seis volumes da série inaugurada em Sol Enviesado. Todavia não há ordem obrigatória de leitura.

A ideia geral da hexalogia surgiu enquanto escrevia Sol Enviesado. Pretendi trabalhar a questão se, no futuro, as máquinas inteligentes seriam capazes de julgar o ser humano na dimensão dos sentimentos, no caso, se um juiz cibernético seria capaz de saber do arrependimento ou não de alguém. Isso, somente por meio de dados fisiológicos e bioquímicos. Na construção da trama, abriram-se algumas questões que, em resumo, abordam a timidez do bem contra a proatividade do mal, a tecnologia a favor e contra o ser humano. E no embate das perguntas veio a necessidade de explorar tal universo em uma série, que, no macro, englobam o mesmo ambiente e período. Cada história acontece no mesmo ano, podendo pegá-lo todo ou residir em uma pequena fração de



dias ou em lapso ainda menor. Tudo isso dentro do ano em que Brazil Novo colapsou e foi invadida por selvagens.

Restos de Coragem, narra as aventuras de Rebeca em busca de socorro médico para uma jovem acometida de um mal misterioso, ninguém consegue acordá-la. Acompanharemos como Rebeca, jovem assessora parlamentar, se comportará em mundo onde tudo o que conhecia está corrompido. Se até poucos dias havia civilização, reinam agora a lei do mais forte e o caos.

Enquanto isso, em uma outra região, Jorge deve escoltar uma caravana debilitada para longe da batalha cruelíssima de raios desintegradores contra lanças e flechas. Ele precisa redimir-se de um desvio fortuito que pode custar a honra da família. Jorge sobreviveu a missão suicida

da qual só poderia sair morto ou com o inimigo neutralizado, coisa que nem de longe aconteceu. Não bastasse, o reencontro inesperado com um antigo amor abalará seu juramento.

Rebeca e Jorge são protagonistas proativos, que apesar de alguns momentos de hesitação e acabrunhamento, agem, perseguem suas metas. Isso, mesmo perdidos num labirinto mortal. Aliás enveredar pelo desconhecido, mesmo que de má vontade e empurrado a ferros pelos acontecimentos, é a tônica não só da série como de muitos de meus trabalhos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas?

João Bernardo Oliveira: O livro que me custou mais em pesquisas chama-se Estrela Solidão, não só por ser uma saga de fantasia folclórica, como também inspirado ambientalmente no Brasil dos séculos XVII ao XIX. Nunca gastei tantas horas em pesquisas. Já em Restos de Coragem e Sol Enviesado a pesquisa resumiu-se a observação. Possivelmente, Sol Enviesado foi o mais dispendioso da hexalogia, foi análogo a um parto complicadíssimo ou o ato de fazer a fundação de um arranha-céu, a cada parágrafo o universo da série ia sendo criado. Ficou pronto coisa de ano e meio, já Restos de Coragem, foi rápido, em menos de três meses já estava pronto. Há, sem dúvida, a questão dos protagonistas. No primeiro livro, também há um protagonismo duplo, mas só um dos heróis é proativo qual os de Restos de Coragem, o outro protagonista, pelo contrário, sujeito introspectivo e até medroso, só se mexia fustigado ao extremo. E construir uma história em cima de um personagem quase inerte sem travá-

la é de um esforço hercúleo, é ser obrigado a movimentar uma série de engrenagens para a coisa não parar. Restos de Coragem, pelo contrário, fluiu como se nem sequer eu precisasse digitar que Rebeca e Jorge continuariam sem mim.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em um dos seus livros?

João Bernardo Oliveira: Destaco um trecho curtíssimo, mas que oferece ao leitor a atmosfera de Restos de Coragem.

“Por mais que se fizesse silêncio, os passos ecoavam em crescendo, isso não bastasse o ranger das rodas e de toda estrutura de madeira encharcada. Jonas a empurrava, Sérgio seguia escabreado entre Amanda e Rebeca. Iam todos numa linha.

— Está tudo sossegado demais. — Suspirou ele.

— Silêncio! Disse Amanda. Assim vai atraí-los.

— Onde estarão Júlia e Maíra? Não era para nos orientarem?

— Silêncio, já disse! Quer que... Não se lembra como foi?

Havia outros ruídos. Ruídos soturnos além do crepitar da tocha, dos rangeres da maca, dos passos ou do tremer de frio. Um murmúrio sorrateiro de um perigo que se aproximava num cerco. Máscaras de visão noturna flutuavam em torno deles, num baile de horror. Mas não viam nem ouviam, apenas pressentiam a atmosfera tenebrosa, que nada rememorava os andares atarefados, a gente bonita, os ternos, as blusas de uma sofisticação até sensual, e das sutilezas mais mínimas no bom trato. Não havia local com maior sensação de segurança em Brazil Novo do que Poder. Mas isso foi antes.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

João Bernardo Oliveira: Restos de Coragem e outros livros meus podem ser encontrados na Amazon. Pelo instagram @escritor_jb o leitor poderá acompanhar um pouco do meu dia a dia de autor.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

João Bernardo Oliveira: Minhas atenções estão voltadas para a confecção de um romance tipo realista. Outros projetos aguardam em uma lista caótica de espera, entre eles, o próximo da hexalogia, o segundo livro do universo de Estrela

Solidão, a sequência de Prelúdio..., além de diversos trabalhos em revisão.

Perguntas rápidas:

Um livro: Esaú e Jacó

Um (a) autor (a): Moacyr Scliar

Um ator ou atriz: Fernanda Torres

Um filme: Saneamento Básico, o filme.

Um dia especial: Um mergulho na Praia do Leme domingo de manhã e uma fatia do melhor brownie do mundo à tarde.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

João Bernardo Oliveira: Despeço-me dos leitores da Conexão Literatura desejando que todos nós suportemos da melhor maneira possível esse período escabroso. E que boas leituras tragam algum alívio, como um córrego amaina o calor do deserto.



ENTREVISTA COM O AUTOR

LÉO SILVA POR ADEMIR PASCALE



Léo Silva é Biólogo, Pedagogo, Mestre em Biociências e Biotecnologia e Doutorando em Biotecnologia Vegetal. Autopublicou sete romances (Sob o céu de outono; Entre anjos; Enigmas do amor; Passos na escuridão; Um universo a mais; Céu de inverno e A soma das horas), todos pelo Clube de Autores, além de dois livros de poesia, um de ensaios e um livro para professores de Ciências/Biologia. Foi um dos autores selecionados para a coletânea Laços de amizade, recém-lançada pelo Projeto Apparere. Além da literatura, também é apaixonado por videogames (viciado em Resident Evil) e em séries da Netflix. Acredita que querer é poder, e que cada coisa acontece no momento certo.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Léo Silva: Comecei a escrever muito cedo. Na escola, minhas professoras do Ensino Fundamental se encantaram com um escrito meu, e me incentivaram a escrever mais. Logo descobri uma paixão pela escrita e pela leitura. No começo, era meu único leitor. Um dia, um amigo sugeriu que eu terminasse pelo menos um dos (muitos) romances que iniciava e, assim, concluí Sob o céu de outono. Tentei uma editora que o aceitasse, sem sucesso. Então, uma amiga sugeriu o Clube de Autores, onde autopublicuei

todos os meus livros até hoje. Não parei mais, e só não sou mais prolífico por conta da pós-graduação e do trabalho, que consomem todas as minhas energias.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Um Universo a Mais”. Poderia comentar?

Léo Silva: Um universo a mais é a menina dos meus olhos. Modéstia à parte, não conheço alguém que o tenha lido e não tenha gostado. É meu romance mais elegante, uma história sobre as escolhas difíceis que temos que fazer enquanto crescemos, e os impactos das decisões que tomamos sobre todos à

nossa volta. Sofia Spencer, a protagonista adolescente cuja vida se encontra terrivelmente ligada à ponte Golden Gate, se perde de amores quando conhece Joseph Humfrey, um sujeito atraente e misterioso. Por causa disso, seu vizinho e melhor amigo, Claude Jenks, revela sentimentos não antes revelados e então... está armado o circo! Tentando fugir dos clichês (e acho que consegui, pelo menos da maioria deles) dos livros para jovens adultos, construí uma história de amor com pitadas de aventura, humor e drama, tudo na medida certa. Acho que um texto onde não sobra nenhuma gordura e agora, seis anos depois de publicado, não mudaria uma linha dele.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua trilogia?

Léo Silva: Cronologicamente, Um universo a mais é meu quinto romance, e deve ter levado um ano para ser concluído, mais ou menos. Na maioria das vezes procuro localizar minhas histórias em locações reais, e isso demanda muita pesquisa. Tem que ver fotos, ler guias de viagem etc. Além disso, as informações científicas e referências das minhas histórias também são verdadeiras. Isso dá trabalho! Fui criticado por situar meu livro nos Estados Unidos, e não no Brasil. Mas a Golden Gate, uma ponte de onde as pessoas saltam para morrer, fica lá, e não

aqui! E daria no mesmo se meu romance se passasse no Brasil, pois não o localizaria na minha cidade, que é um ótimo lugar para viver, mas, infelizmente, ninguém quer conhecer. De qualquer forma, o livro se passaria em um lugar diferente daquele que vejo todos os dias. Para complicar um pouco mais a situação, não costumo escrever os capítulos em ordem, de forma que, às vezes, tenho o capítulo 17 escrito e ainda estou trabalhando no 8... Quando terminei o primeiro rascunho de Um universo a mais, deixei-o descansar um pouco por algumas semanas e, então, retornei a ele para a versão final. O processo inteiro deve durar um ano. Se não fizesse tanta pesquisa talvez conseguisse escrever mais de um livro por ano.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em um dos seus livros?

Léo Silva: É muito difícil, pois são muitos trechos interessantes (rs). Vou destacar um trecho do romance Um universo a mais, para que todos fiquem com vontade de lê-lo: “Se eu estivesse certa (e de certa forma estava), Joseph Humfrey tentaria me beijar quando chegássemos à praia. Não um beijo idiota, como o que ele me deu na lanchonete. Mas algo intenso, épico, digno de cinema. Imaginava mais ou menos como seria, nós dois correndo pela areia branca, um na direção do

outro, em câmera lenta, até nos encontrarmos no meio da cena perfeitamente enquadrada. Então, ele pararia por um segundo (tempo suficiente para que olhássemos nos olhos um do outro e tivéssemos certeza não se tratar de dublês ou clones malignos). Depois, ele seguraria minha cabeça meio de lado, e me beijaria como se o mundo estivesse prestes a desaparecer em uma fenda espacial. Foi o que imaginei. Mas, no fim daquela noite, eu meio que queria ver o mundo desaparecer em uma fenda espacial – de verdade (Um universo a mais, p. 61).”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Léo Silva: Convido a todos para visitarem o Clube de Autores (<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/leo-silva>), onde poderão conhecer e adquirir outros livros meus. Lá também encontrarão links para outros sites onde os livros são vendidos, como a Amazon, por exemplo. Também tenho conta no Skoob (<https://www.skoob.com.br/usuario/928163>), onde posto as resenhas dos livros que leio.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Léo Silva: Sempre. No momento estou lutando para terminar mais um romance para jovens adultos (O universo entre nós) e tentando transformar uma fanfic, que escrevo há mais de 4 anos, em um romance e lançá-lo em breve (Nascidos da Noite – Vol.1 – A ascensão de Kassius). Também tenho escrito contos e ensaios para as coletâneas do Projeto Apparere, que, neste momento, tem uma seleção para contos de suspense em aberto, para a qual pretendo submeter um texto. Também escrevo artigos e ensaios sobre literatura.

Perguntas rápidas:

Um livro: Eugénie Grandet, de Honoré de Balzac

Um (a) autor (a): Stephen King

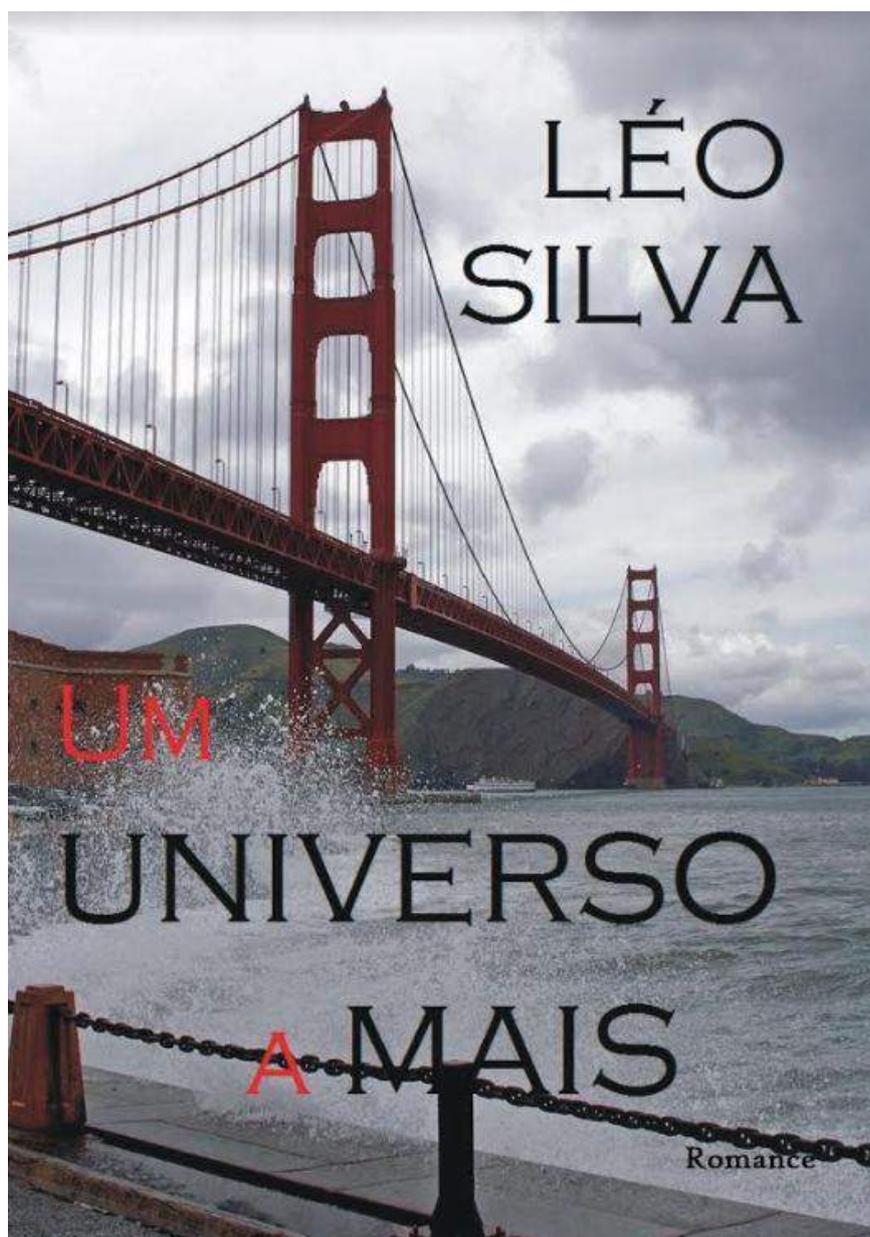
Um ator ou atriz: Matt Damon

Um filme: Jurassic Park

Um dia especial: Quando publiquei meu primeiro livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Léo Silva: Gostaria de agradecer por poder conversar com vocês sobre meus livros. É muito gratificante encontrar espaço para divulgar nossos escritos, e a Revista Conexão Literatura é um destes lugares. Autores independentes precisam estar sempre se movimentando para não desistirem desse árduo desafio que é o de encontrar seus leitores. Obrigado.



Para saber mais ou adquirir o livro, acesse:
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/leo-silva>

POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 100 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA COM O AUTOR

MARCELO CARLOS DIAS

POR ADEMIR PASCALE



Marcelo Carlos Dias nasceu em Imbituba - SC, sendo que foi no bairro de Vila Nova, onde passou boa parte da infância e juventude, o lugar onde deu seus primeiros passos como autor ficcional no ano de 1988, aos 17 anos, ao participar de uma feira literária promovida pela escola onde cursava o ensino fundamental. Para isso, seu pequeno texto do Trullman, que na época só tinha 12 páginas foi transformado num livreto. Após isso, o autor se encantou com o mundo dos livros e o gosto por criar histórias. Foram muitas as dificuldades até aqui, para fazer deste livro um projeto real e tirá-lo da gaveta, o que só se tornou viável por e-book. Atualmente residindo no Rio de Janeiro, é casado, formado em Gestão Ambiental e cursa licenciatura em Geografia pela UFRJ, porém, não deixou a paixão pelas letras de lado, ao contrário, com muita persistência, faz deste livro de ficção e fantasia: Trullman o guerreiro da espada Solara, uma trilogia e o livro I, A invasão, seu pontapé inicial na carreira de escritor, aos 48 anos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

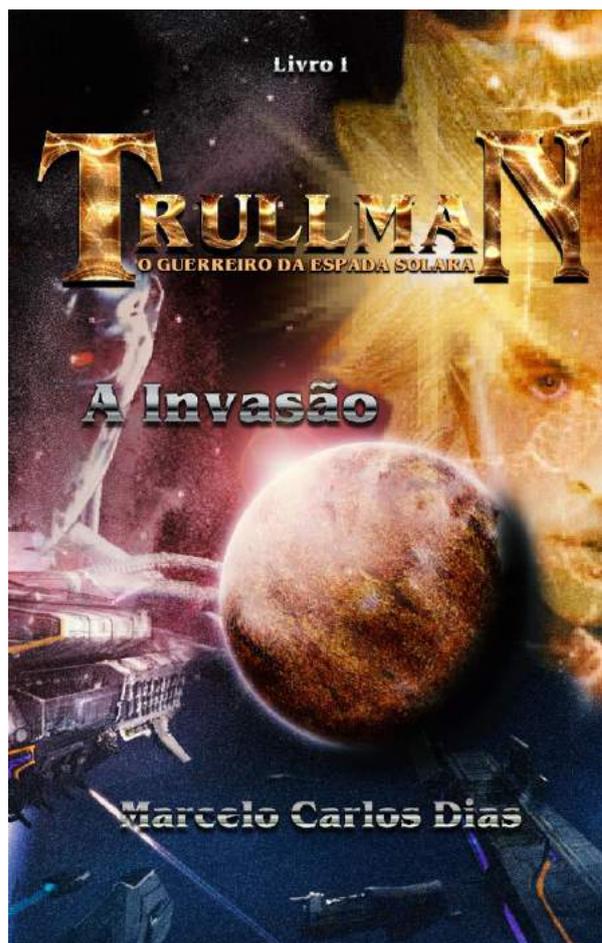
Marcelo Carlos Dias: Bom, tem pouco mais de um mês, que lancei meu primeiro livro exclusivamente em e-book e, que está à venda no site da Amazon. É um trabalho independente e o início não poderia ser mais desafiante, isto porque estamos no meio dessa pandemia e com os mercados de uma forma geral travados. Mas independente das dificuldades que um autor iniciante venha

a ter no início da carreira, digo sem receio: foi com muita oração e confiança em Deus, que meu livro foi publicado, pois havia entaves pessoais, desemprego, problemas de saúde e como sabem, sem saúde tudo estaciona. Para que o e-book tivesse qualidade, precisei investir parte das minhas economias em uma capa profissional, revisão, diagramação e a preparação dos arquivos para o meio digital: MOBI, EPUB. Serviços esses que são essenciais pra poder brigar nesse mercado literário brasileiro tão concorrido e, com muita

coisa boa aí na praça! É como sempre digo para os amigos: invista naquilo que acredita! E eu acredito muito no meu texto, trabalhei incansavelmente na história, nos personagens e claro, na qualidade me colocando no lugar do leitor. Estou feliz por ter realizado esse sonho que iniciou em 10-04-2020 e afirmo, não me arrependo de ter começado agora, afinal... Como diz a música: pra não dizer que não falei das flores, do Geraldo Vandré: quem sabe faz a hora e não espera acontecer! A hora pra mim é o hoje!

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Trullman O Guerreiro da Espada Solara: Livro I - A Invasão”. Poderia comentar?

Marcelo Carlos Dias: Bom, todas as tramas que envolvem o livro I se passam num planeta fictício cujo nome é Vega e para isso, tive que criar: nomes de plantas, animais, de comidas, entre outras coisas, tudo com as características próprias do planeta e das regiões ali habitadas e isso, poderão conferir no livro digital. Entretanto, o tema central da história é a busca desenfreada por poder, suas consequências. Há valores como: lealdade, generosidade e o amor à vida, acima de tudo, custe o que custar, retratados nas ações de certos personagens, que são a meu ver, o ponto alto na história. Por ser grande, resolvi dividir em três, então, temos aí uma trilogia que vai mostrar a saga de



Trullman. Ele é um jovem muito corajoso, que motivado por seu senso de justiça e vingança, se levanta contra um tirano invasor de mundos: o imperador Solonom, que anseia o poder mais que tudo e que detém o direito sobre uma espada poderosa, assim como o herói. Mas, os propósitos são diferentes, pois um almeja o poder para dominar, conquistar e o outro para libertar! Porém, é preciso ressaltar que há uma guerra como pano de fundo em toda a história em torno do herói e do vilão: trata-se da guerra das espadas poderosas e isso ocorre além das fronteiras do nosso mundo, propagada por uma ameaça maior que Solonom: Zantur, o mago das sombras forjador de espadas poderosas.

O maléfico forja espadas com poder devastador e as entrega a seres desleais e gananciosos, para que espalhem a destruição e o caos a muitos planetas e reinos. Para combatê-lo, Gromus o mago da justiça, também forja espadas de poder e escolhe seres de honra, para que sejam capazes de empunhá-las e lutar em pé de igualdade por justiça e liberdade!

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Marcelo Carlos Dias: Bom, apesar de ser ficção e fantasia onde a criatividade e a inventividade rolam soltas na mente, foi preciso pesquisar algumas coisas sobre a questão biônica, tendo em vista que o vilão e seus comandados são ciborgues e li algumas coisas sobre robótica, pois há robôs na trama. Mas o foco maior foi a língua portuguesa, onde estudei bastante ortografia e gramática para não depender só do revisor... Sobre o tempo? Eu diria que esse livro levou trinta e dois anos para ficar pronto. O texto começou pequeno, como já dito anteriormente, pois eram 12 páginas em 1988 e foi crescendo comigo, me acompanhou em muitas fases da vida, sendo aos poucos trabalhado, reescrito, aumentado, mas sem perspectivas de publicar! Em 2009, entre o tira da gaveta e guarda, resolvi fazer algumas alterações... Ainda muito devagar. Foi entre 2014 e 2018, bem decidido, que fiz a reestruturação geral e decidi que queria então publicar, ou seja,

percebi que o texto estava pronto, com mais de trezentas páginas. Mas faltava o dinheiro para os serviços que iriam dar qualidade e trato a obra e essa condição só tive em janeiro de 2020. Vencida essas etapas resolvi então que era a hora, ou seja, de dar o pontapé e foi em abril de 2020.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Marcelo Carlos Dias: Sim, como todo o prazer, é um dos trechos que mais gosto:

Sem delonga, o sábio Wualter foi logo falando:

— Há séculos o justo mago Gromus, conhecido também como o peregrino do universo, atuante em vários planetas e galáxias, criador de uma das espadas mais poderosas do Universo, a espada Solara, aceitou o duelo imposto por Zantur, o mago maléfico, e resolveu que seu escolhido, um dos maiores guerreiros de nossa época, Noron, um ser honrado e justo, duelaria com Galdun, o Cruel, um guerreiro rei que governava o reino de Dalmânia a mão de ferro. Este tirano maléfico não perdoava seus oponentes, pelo contrário, matava-os sem dó nem piedade com as próprias mãos, por isso, agradava aquele que o dominava: Zantur, o mago das sombras. Galdun espalhava a violência e o terror aos reinos vizinhos que se opunham a

seus interesses inescrupulosos e via no duelo a chance de conquistar uma espada de poder arrasador. Ele objetivava destruir seus inimigos e tomar outros reinos e até mundos. Então, escolhidos os lutadores, a espada Solara foi dada para Noron e Gldiamur, que foi forjada por Zantur, para Galdun. Foi decidido por ambos os magos que ao vencedor seria dada uma espada de poder e ao perdedor a morte — de súbito, Wualter fez uma breve pausa para beber um copo de água, deixando Trullman impaciente.

— Mas, e aí, o que aconteceu depois? — perguntou ele.

— Com as espadas empunhadas, e sob o olhar atento e amedrontado de cidadãos comuns, a nobreza toda e os magos, as lâminas se acenderam, uma espécie de raio amarelo bem forte cresceu do interior de Solara e se expandiu a uma altura considerável até ficar do tamanho que seu portador desejou: estava formada a lâmina de raio solar. O mesmo aconteceu com Gldiamur, pois também cresceu de seu interior um raio amarelo, porém, com tons de roxo, e expandiu-se, depois igualou o tamanho da oponente. Os dois então começaram o duelo, olho por olho, dente por dente, espada contra espada. No momento em que as lâminas se cruzaram, ouviu-se um enorme estrondo seguido de fortes relâmpagos. Era como se a noite brigasse com o dia. Depois de algum tempo, um dos adversários começou a fraquejar. Galdun

demonstrava cansaço e mal conseguia se manter de pé. Era o peso da idade. Nisso, impaciente com o que assistia, Zantur gesticulava o tempo todo e fazia cara de reprovação para seu pupilo. Teria este o abandonado? Então, empunhando a poderosa espada Solara com precisão e vigor, pois era muito mais jovem e habilidoso com espadas, Noron atingiu o centro da força de Gldiamur, que fica bem no meio da guarda, e esta se apagou, restava agora destruir Galdun. Mas, numa atitude infeliz, Noron se desviou de seus princípios, se encheu de orgulho e ambição permitindo que sua mente fosse controlada por Zantur. Obcecado por poder, ele desejou arduamente ficar com as duas espadas para si, por isso, aliou-se ao mago das sombras e começou uma grande revolta contra seu mentor, desta vez eram três contra um. Diante do perigo, Gromus gritou:

— Afastem-se todos vocês. Aqui já não há mais um duelo... Afastem-se! — disse ele, causando medo e alvoroço na maior parte da plateia que debandou, ficaram poucos. Com tudo isso, ainda sim, forte e vigoroso como nunca, Gromus se defendeu muito bem, pois emanava de seu corpo um campo de força impenetrável que não permitia que fosse ferido ou golpeado mortalmente. Poderoso, ele estalou os dedos e as espadas se apagaram, ao mesmo tempo, os guerreiros mortais caíram adormecidos. Por fim, a resplandecência do mago Gromus afugentou Zantur, que

de imediato sumiu, estava acabado o perigoso e imprevisível duelo de forças. Ainda muito irado, o mago resolveu punir Noron e o transformou num pássaro denominado Shur, que quer dizer: pássaro que chora quando canta... Chora o amor que lhe falta? Chora de saudade pelo que já foi? Ou chora de ver tanta maldade e destruição da natureza? Ninguém sabe, porém, dizem por aí que este pássaro já foi visto entoando seu canto triste na desolada terra de Gincor. Por estas bandas nunca o vi. Quanto a Galdun? Este foi transformado num monstro de lodo, cujo nome é Lodur, uma criatura horrenda, por causa do seu caráter sanguinário e cruel.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcelo Carlos Dias: Para adquirir o e-book, basta entrar no site da Amazon e escrever na busca: Trullman, que chegará à página do livro, ou então clicando neste Link de venda: <https://www.amazon.com.br/gp/product/B086ZY1XQC>

Contatos comigo:

facebook.com/MarceloCarlosDias.autor
e-mail: marcelomarceld@yahoo.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcelo Carlos Dias: Sim, em julho desse ano, vou iniciar os trabalhos para o livro II, da saga: Trullman o guerreiro da espada Solara, com intuito de lançar ano que vem, entretanto, ainda sobre o livro I, quero publicar em livro impresso, não o fiz agora, por questão mesmo financeira, mas é um projeto para esse ano!

Perguntas rápidas:

Um livro: O clássico nacional: O quinze, de Raquel de Queirós

Um (a) autor (a): Monteiro Lobato

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: vou citar três, pode? O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel.

...E o Vento Levou e o clássico nacional: Os Saltimbancos Trapalhões.

Um dia especial: O dia do meu casamento: 19-03-2011

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcelo Carlos Dias: Quero agradecer ao Ademir e a revista conexão literária pela oportunidade de poder me expor e, desde já aos leitores do hoje e do amanhã... Obrigado! Leiam mais! Deem mais atenção à leitura! Aos livros! À família e sejam mais generosos!



ENTREVISTA COM A AUTORA

MÁRCIA DIAS

POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ



No último dia 11 de junho, na cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, por meio do Grupo de Pesquisa Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste do Brasil, da Universidade Federal de Rondônia-GPFENNCO/UNIR, a poeta Márcia Dias dos Santos lançou a obra "*Onde mora a poesia? Palavrinhas para crianças de todas as estações*" e concedeu esta entrevista ao professor universitário, vice-líder do GPFENNCO/UNIR e doutorando em Estudos Literários-UNEMAT, José Flávio da Paz.

A Márcia Dias dos Santos publicou ainda o livro de poema "*Os (des) ajustes da palavra*". É pesquisadora na área de Literatura brasileira, Literatura indígena contemporânea, Literatura infanto-juvenil, Letramento Literário, Língua, Memória, Fronteiras e Interculturalidades na Amazônia. Graduada em Letras, Especialista em Linguagem e Educação e Mestre em Ciência da Linguagem, pela Universidade Federal de Rondônia - Campus de Guajará-Mirim.

No momento, é professora do magistério superior, exercendo suas funções na Universidade Federal de Rondônia, lotada no Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem-DACL/UNIR - Campus de Guajará-mirim; vice-coordenadora no Projeto de Extensão intitulado " Colóquios de Língua Portuguesa e Literatura", vinculados ao DACL/UNIR. É membro do GPFENNCO/UNIR e da Academia Guajaramirense de Letras-AGL.

O lançamento e a entrevista contaram com a participação do Líder do GPFENNCO/UNIR, Prof. Dr. José Eduardo Martins de Barros Melo, da Diretora do Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia-NCH/UNIR, Profa. Dra. Walterlina Brasil, do Editor Abel Sidney, além de outras dezenas de pessoas, por meio do Meet Google.

Entrevista

José Flávio da Paz (JFP) - Poderia nos contar como foi o seu ingresso no meio literário e, conseqüentemente na Academia Guajaramireense de Letras- AGL?

Marcia Dias(MD): Bem, compreendo que o meio literário é um lugar muito amplo que possui espaços desde os nossos primeiros contatos com a literatura, seja ela oral ou escrita. Assim, como filha de professora, desde cedo tive livros em casa, acompanhava minha mãe à escola e sempre ouvia histórias do meu pai. Como estudante, sempre gostei de ler e fui uma adolescente com uma extensa ficha na biblioteca. Lia Jorge Amado com 13 anos de idade.

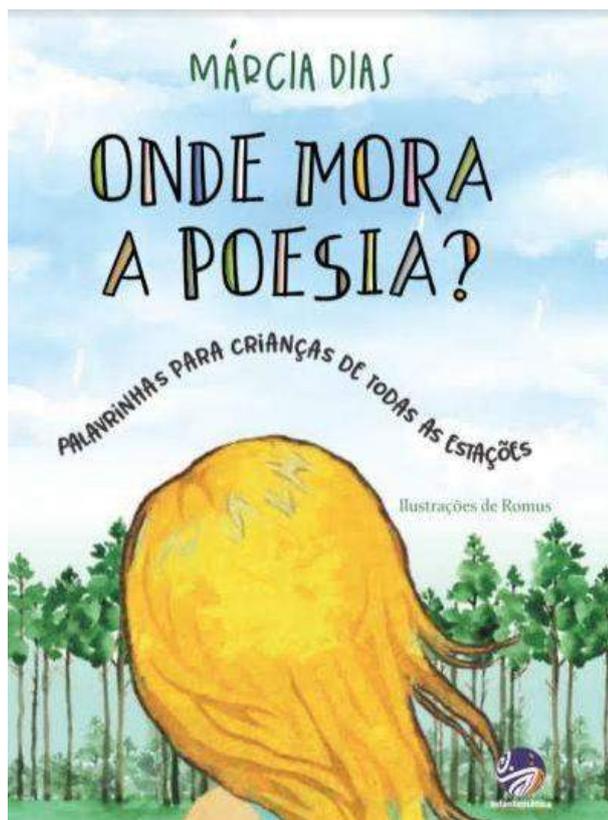
Ao ingressar no curso de Letras, sempre tive muita admiração pelos professores e escrever sempre foi uma prática que tive. De modo mais específico com a escrita, ingressei nesse espaço escrevendo textos para sites locais, artigos de opinião e deu muito certo. A receptividade sempre foi muito boa. Com a obra *Os (des) ajustes* da palavra formalizei-me como escritora e, assim, fui convidada a ingressar na Academia Guajaramireense de Letras-AGL.

JFP - Além de escritora, pesquisadora e poeta, você é professora universitária, certo? Quando e como se deu a sua formação?

MD: Sou mestre em Letras, mas, na verdade, fiz meu primeiro vestibular para pedagogia, e o curso não me aceitou, ou seja, não fui aprovada (risos). No ano seguinte, em 1996, prestei vestibular para Letras, fui aprovada e iniciei o curso, no ano de 1997, no campus de Guajará-Mirim. Um ano antes de obter minha graduação, fui aprovada em um concurso público para professora do Estado de Rondônia, em 2003, tive a aprovação no concurso para professora do município de Nova Mamoré. Ainda no campus de Guajará-mirim, fiz um curso de Especialização, em 2004. Em 2007, ingressei no mestrado. No ano de 2014, fiz o concurso público federal para professor DE (dedicação exclusiva), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e em agosto do mesmo ano, ingressei, como docente, na instituição que me dera toda essa formação. Sou fruto da educação pública e não há como negar que fora desse modo que tive a possibilidade de

JFP - Quais dicas você daria aos autores que anseiam iniciar-se na carreira ou aos que desejam ingressar no cenário literário?

MD: Leiam, leiam, leiam. Talvez isso seja visto como um chavão, mas não é. A leitura é primordial para que escrevamos melhor. E falo de todos os tipos de leitura, inclusive a que Paulo Freire nos



apresenta: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Ler bem é demorar um pouco mais nas coisas/seres, nas coisas/mundo, nas coisas/palavras. E um autor/escritor só consegue

O cenário literário não é um espaço muito fácil, sobretudo, para quem mora nas “marginais”, em meu caso, no interior do Brasil, lugar onde há dificuldades de publicar, vender e divulgar nossos trabalhos. Por outro lado, temos a questão da afetividade que mora no interior, das pessoas e dos territórios, assim, vamos fazendo circular a obra por esses espaços. É preciso coragem e vontade para estar nesse espaço.

JFP - Quantos títulos já publicou e em quantas antologias já participou?

MD: No ano de 2019, publiquei um poema com o título “Amizade é infinitivo de amor”, na obra *Antologia de poesias, contos e crônicas: o construtor de amigos*, pela editora Scortecci. No mesmo ano, publiquei o livro de poemas *Os (des) ajustes da palavra*, pela Temática e agora, em meio ao tempo pandêmico, lanço **Onde mora a poesia? Palavrinhas para crianças de todas as estações**, também pela editora Temática.

JFP - Qual a importância desse envolvimento na/para a projeção dos autores e das autoras poetas, em especial?

MD: É necessário discutir e ocupar os lugares, sobretudo quando se é mulher e como disse, quando escrevemos em lugares longínquos como onde moro, no interior de Rondônia, fronteira com a Bolívia. O cânone literário é indubitavelmente, masculino, branco e ocupado por escritores de regiões mais populosas do país. Em tempos atuais, vemos um redesenho desses espaços, discussões sobre autoria, representação têm surgido e revelado que é preciso “alargar” o campo da escrita, da leitura, e rever os lugares que tem um certo poder institucional para legitimar o texto. Vemos, de modo positivo, um florear de textos, de escritas que confrontam com o que se postula como uma literatura tradicional e intocável. Literatura escrita por mulheres, por indígenas, por negrxs,

ou por pessoas de quaisquer gêneros que querem ver uma democratização nessas produções.

JFP - Qual a sua visão do mercado editorial em relação ao grande crescimento da produção e venda de livros digitais? Há algum projeto nesse sentido?

MD: Penso que “os tempos modernos” exigem uma versatilidade das editoras, isso é bom, promove uma acessibilidade maior, todavia, pensando em mercado editorial, escritor, produto e consumidor, esbarramo-nos em questões muito complexas para quem escreve literatura. É preciso democratizar o acesso, mas também é preciso pensar em quem produz esses livros.

JFP - "*Onde Mora a Poesia? Palavrinhas para crianças de todas as estações*" é o seu livro lançado nesta noite. A obra está disponível na versão e-book ou apenas impressa? Comente.

MD: Por enquanto, a obra está apenas no formato impresso, mas temos planos de ter a versão em e-book para dar mais acessibilidade aos leitores. Também temos planos de pensar nas mídias em vídeos, áudios e ações que possam contemplar todo tipo de leitor.

JFP - Qual a temática central da obra e por que esta escolha?

MD: Posso dizer que é a poesia. As portas se abrem para o tema, quando fazemos a leitura do Título “Onde mora a poesia?”. E eu te pergunto: Onde ela mora? E considerando esse ponto de partida, vamos desenhando os poemas para que o leitor possa ter esse (re) encontro em seus próprios espaços da memória, percebendo que a poesia é nômade, transitória. Eu, por exemplo, poderia ter escolhido o advérbio “aquí mora a poesia”, pelas razões já colocadas, penso que leitor vai revisitando seus espaços, lugares e descobrindo a poesia.

JFP - Por que a escolha pelo gênero poesia?

MD: Ah, poesia para mim é vida. Tenho uma relação muito íntima com ela. Sempre fui muito encantada com esse gênero, passei de mãos dadas com Cecília Meireles, Alice Ruiz, sempre mergulhada na prosa poética de Clarice, discutindo com Pessoa, Drummond, e de um bom tempo para cá e me aninhando em Manoel de Barros, assim, como fui sequestrada por esses poetas, gostaria de fazer o mesmo com meus leitores.

JFP - Aproveitando o ensejo, gostaria que respondesse: por que ler poesia na contemporaneidade?

MD: Porque a poesia, como qualquer outro gênero da literatura é salvífica. Mais do que nunca foi tão necessário entender o papel da literatura na

sociedade e sua ligação com a vida. Essa relação que se estabelece com texto poético, promove uma espécie de oásis. A leitura de poesia nos desalinha, porque ela é provocativa e acompanha, embora de maneira mais velada “o que está acontecendo; sua função é dar forma e fazer visível a vida cotidiana” (PAZ, 1993, p.125).

JFP - Quais foram seus influenciadores nessa trajetória, enquanto poeta, mulher, leitora?

MD: Como já dito, sempre gostei de deitar em berços esplêndidos dos escritores. Costumo dizer que sou polígama quando me colocam para fazer escolhas deste tipo, sempre me acho injusta. Todavia, vou citar três autores que, com seus universos poéticos, têm sido companhia e inspiração para mim. Da leveza de Cecília Meireles, costumo pensar no movimento que a poesia tem. Gosto muito dos poemas “A bailarina” e “Ou isto ou àquilo” da autora, da forma que brinca com as palavras, dos movimentos, das ideias confrontadas. Da profundidade de Clarice Lispector, vou Tateando minhas profundidades também e estabelecendo essa relação íntima com a palavra/coisa e por fim, repito o nome de Manoel de Barros, meu poeta das miudezas, que revisito não para ler poesias, mas para pensar a poesia.

JFP - Por que e para quem você indicaria o livro "Onde Mora a Poesia"?

Palavrinhas para crianças de todas as estações"?

MD: Já respondi no subtítulo do livro (risos): *Palavrinhas para crianças de todas as estações*. Como o livro anterior eu havia pensado em uma poética mais adulta, mais feminina que estabelece um estado de reconstrução, nesse trabalho, eu queria alcançar outro tipo de leitor, as crianças, todavia, sou adepta à ideia de que o texto literário destinado ao público infantil sempre terá ligação ao mundo adulto, às memórias e sentidos de outros tempos, ao imaginário coletivo, assim, queria marcar essa ideia de que esse texto não seria restrito ao leitor infantil e sim, como outras obras infantis que conheço, pode perfeitamente transitar entre tempos distintos.

JFP - Poderia destacar um trecho do seu livro para os que nos veem e ouvem neste momento?

MD: Destaco os poemas Canção de escrever e Minha Tataravó de cima. O primeiro porque possibilita a reflexão sobre a busca pela palavra, o encontro com esse universo da escrita, a forma do eco que encontramos no primeiro verso do poema: “Tem alguém aí?” e o outro por ter a marca forte da busca pela ancestralidade.

JFP - Como o leitor e/ou a leitora interessados deverão proceder para adquirir os seus livros e saber um

pouco mais sobre você e o seu trabalho literário, acadêmico e científico?

MD: Podem procurar por meu nome completo no Lattes, onde estão nossos “atestados” de produção (risos). Por enquanto, estamos fazendo vendas pelas redes sociais, aplicativo de mensagens e também mantendo contato com a Editora Temática que é instalada em Porto Velho.

JFP - Uma vez feita a aquisição, é possível enviá-las autografadas?

MD: Caso seja comigo, sim, pois faço a dedicatória e envio para o comprador.

Já com a editora, fica mais difícil, tendo em vista que moro em uma distância de 300 km, da capital.

JFP - Existem novos projetos em pauta? O que podemos esperar?

MD: Muitos outros projetos. Eu nem encerro um e já fico “espoletada” para fazer outro. Tem outros livros dormindo em minhas gavetas. Mas, como são projetos, ficam aqui, quietinhos.

Espero logo apresentar um novo trabalho de escrita. Mas enquanto isso, vamos realizando as ações que pesquisas, extensão que também são voltadas para essas propostas de leitura e escrita.



JOSÉ FLÁVIO DA PAZ – Doutorando em Estudos Literários-UNEMAT; Mestre em Letras-UNIMAR; Mestre em Estudos Literários-UNIR. Bacharel em Letras/Libras-UFSC; Habilitado para o Ens. de Língua Portuguesa-UNIFAP; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira-FAIARA; Linguística e Formação de Leitores-FAIARA; Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes-Fac. Futura; Cultura e Literatura-UCAM, Produção Textual-FAVENI. Pesquisador do GP: Crítica Textual e Edição de Textos - UERJ/CNPq. do GP: Ética, Estética e Filosofia da Literatura-UNIR/CNPq e Vice Líder do GP Poesia Contemporânea de Autoria Feminina no Norte, no Nordeste e no Centro-oeste do Brasil-UNIR/CNPq. Membro Vitalício e Imortal, ocupante da Cadeira nº 001/ALB/RN da Academia de Letras do Brasil-ALB. Docente do Magistério Superior da Universidade Federal de Rondônia-UNIR e bolsista do Novo Prodoutoral da CAPES/UNIR/UNEMAT. <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfpaz@unir.br.

ENTREVISTA COM O AUTOR

MAURO FELIPPE

POR ADEMIR PASCALE



Mauro Felipe é natural de Urussanga, Santa Catarina. Advogado há 26 anos ininterruptos, já chegou a cursar Engenharia de Alimentos antes de se decidir pela carreira em Direito. Autor das coletâneas poéticas “Nove”, “Humanos”, “Espectros” e “Ócio”, já preencheu diversos cadernos em sua infância e adolescência com textos e versos, dos simples aos elaborados - a predileção pelo segundo evidente em sua escrita. As temáticas de suas obras são extraídas de questões existenciais, filosóficas e psicológicas, compreendidas em seu dia a dia, sendo que algumas advêm dos longos anos de advocacia, atendendo a muitas espécies de conflitos e traumas. Por meio da literatura, pretende viver dignamente e deixar uma marca positiva no mundo, uma prova inequívoca de sua existência como autor. Possui dois filhos, Anne - hoje com quatorze anos, e Gabriel com sete anos de idade, ambos com participações também em todas as obras que lançou.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Mauro Felipe: Comecei a escrever cedo, com 16 anos, em uma fase de conflitos adolescentes que despertaram o meu desejo de compreender o comportamento humano e suas relações interpessoais. Em 2014, após 21 anos ininterruptos de experiência no intermédio dos mais diversos conflitos, como advogado, senti que era hora de resgatar minha poesia, voltar a deixar o pensamento correr solto, ir além. Do

caderno da adolescência resgatei algumas reflexões, mas a maior parte diz respeito a minha fase madura, atual. Entendo que revelo em meus livros um modo peculiar de interpretar o cotidiano, num jogo de palavras sagaz, contundente, penetrante, mas sempre sensível.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Palavras têm vidas”. Poderia comentar?

Mauro Felipe: “Palavras Têm Vidas” reúne os maiores sucessos das minhas quatro obras anteriores, “Nove” (2014),

“Ócio” (2016) e “Espectros” (2016) e “Humanos” (2017). Nessa antologia permanece o jogo com as palavras, as críticas, as reflexões e as provocações aos temas realistas. É endossada por críticos literários e nomes consagrados da literatura brasileira, os mesmos que elegeram os textos escolhidos. Conforme mencionou o prefaciador de “Palavras Têm Vidas”, o escritor e jornalista Fernando Jorge, “A nova obra também marca uma nova fase desse nobre e humilde escritor, que faz das suas poesias uma forte união de versos que imprimem a realidade da humanidade, seja no caos das adversidades ou pela doçura das crianças. Um título para todos que desejam ter acesso ao universo que só a literatura é capaz de criar.” Fiquei honrado com tais palavras de um dos maiores literatos que já conheci.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo você levou para concluir seu livro?

Mauro Felipe: Conforme descrevi, “Palavras Têm Vidas” se trata de uma antologia, uma compilação de muitos textos que mais agradaram os críticos e leitores em todo o País. É muito subjetivo. Então, estão nela contidos escritos meus entre 2014 a 2017, interstício que coincide aos lançamentos dos meus primeiros quatro livros citados. Não houve pesquisas em si para escreve-los, pois tratam de ideias que fluem do imediato, do pensamento do momento,

seja de uma ocorrência na vida ou um fato que sensibilizou e ainda sensibiliza. Quanto ao tempo para concluir este novo livro, desde a primeira ideia até a impressão da obra, o amadurecimento, tratativas com editora, ilustrações e diagramação, durou quase um ano, entre 2018 e 2019.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Mauro Felipe: Sinceramente, considero todos os meus textos especiais, pois todos possuem um significado ímpar do momento que foram paridos, quase que uma biografia fragmentada.

Todos os textos têm suas mensagens muito profundas, desde momentos de vida, dos humanos, dos sentimentos, da morte, da saudade, dos sonhos, enfim, dos temas que aparecem de forma imediata, todos com aportes psicológicos ou filosóficos. Sua pergunta é muito difícil de responder, mas arrisco a citar, então um deles – “A poça”:

“A poça”

“Na lama inerte
Intacta – assentada
Exposta ao céu...
Uma poça.

Poça de água parada
Sobre a terra – sobre o barro

Feita pela chuva
Que sempre a transborda e após recua.

Na lama – aquela poça
Cristalina e crua
Sobre o humus barrento
Que no seu reflexo vê-se a lua”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Mauro Felipe: Meus livros estão disponíveis em todo o País, através de livrarias físicas, mas principalmente, com vendas online através do Site e Redes Sociais da Editora Coerência, de São Paulo-SP, como também na Amazon, Livrarias Cultura, Grupo de Livrarias Curitiba, dentre muitas outras. Através do meu site www.maurofelippe.com ou pelo link <http://linktr.ee/maurofelippe> os livros são direto e imediatamente localizados de qualquer Estado do País. Minhas demais redes sociais são: Instagram @maurofelippe, Facebook/Mauro Felipe e YouTube/Mauro Felipe.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mauro Felipe: Tenho um projeto, desde 2014, denominado “Sociedade dos Poemas Vivos”, utilizado através de

palestras e tarefas em escolas para incentivo da leitura e escrita, principalmente de crianças, adolescentes e demais pessoas que não tiveram oportunidade de lançar seus textos autorais impressos. Com a devida autorização dos diversos autores sonhadores os publico também em livros antológicos e, após, têm distribuição gratuita a quem pretender.

Quanto a outros projetos dos meus próprios livros, tenho sim planos para lançamentos de outros futuros, com textos inéditos, sendo que o próximo está quase saindo do forno.

Perguntas rápidas:

Um livro: Anjos do Tempo, baseado nas letras de Neil Peart (Rush).

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Charles Chaplin

Um filme: A fuga de Alcatraz

Um dia especial: Aliás, são dois: os dos nascimentos dos meus dois filhos.

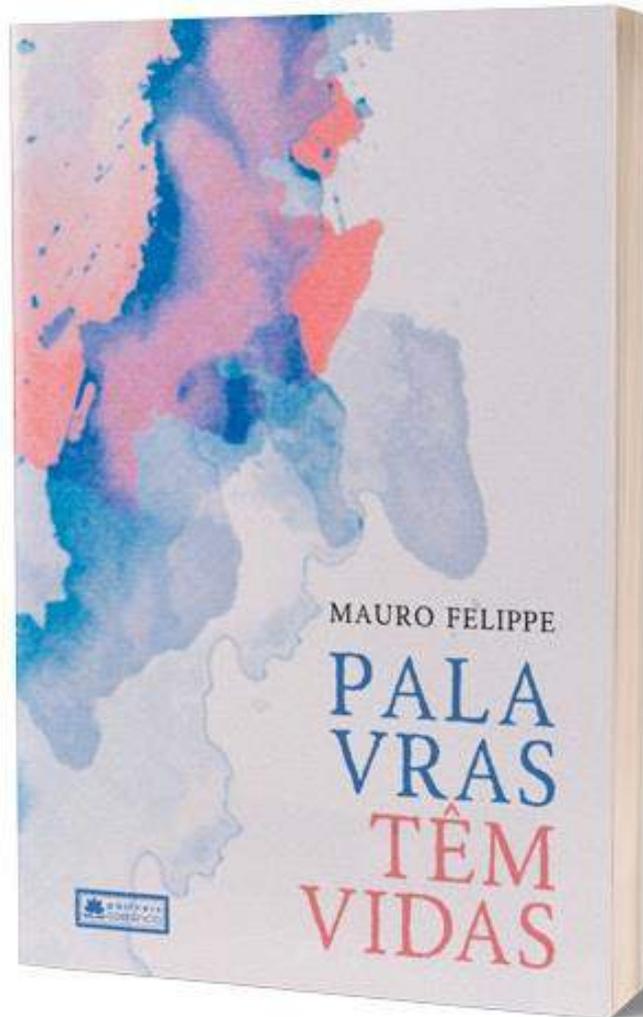
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Mauro Felipe: Continuemos repassando os valores verdadeiros da vida, com respeito e humildade.

Conheça o site:

www.maurofelippe.com





Especificações sobre “PALAVRAS TÊM VIDAS”:

- Capa em Guache: 222 páginas
- Editora: Coerência; Edição: 1ª (9 de Maio de 2019)
- Idioma: Português
- ISBN-10: 855327179X
- ISBN-13: 978-8553271795
- Dimensões do produto: 20,8 x 14 x 1,2 cm
- Peso de envio: 272 g



ENTREVISTA COM A AUTORA

MICHELLE FRANZINI ZANIN

POR ADEMIR PASCALE

Sou escritora de coração, jornalista de formação. Acredito que livros podem transformar vidas, moldar destinos.

Escrevo desde a infância, não imagino uma existência sem palavras, seria uma existência vazia, sem sentido.

Sou um ser humano como tantos outros, tenho minhas paixões e decepções, em meu íntimo convivo com a alegria e a decepção causada pelas perdas. Inconformista, vejo que o melhor está por vir e busco desesperadamente por esse melhor, um lugar onde o amor impera, onde o egoísmo se esvai. Resumo dizendo que sou um ser pensante e errante.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário

Michelle Franzini Zanin: Sou escritora por natureza, escrevo desde os sete anos de idade, a escrita me fascina de uma maneira que não sei explicar, por conta dessa paixão resolvi cursar faculdade de jornalismo, publiquei meu primeiro livro quando ainda era adolescente, meu início

no meio literário foi algo sutil e natural. Tenho aproximadamente 10 anos de carreira profissional, já participei de muitos projetos voltados à literatura e quero continuar a empreender, tenho muitas histórias a serem contadas que ainda não consegui passar para o papel.

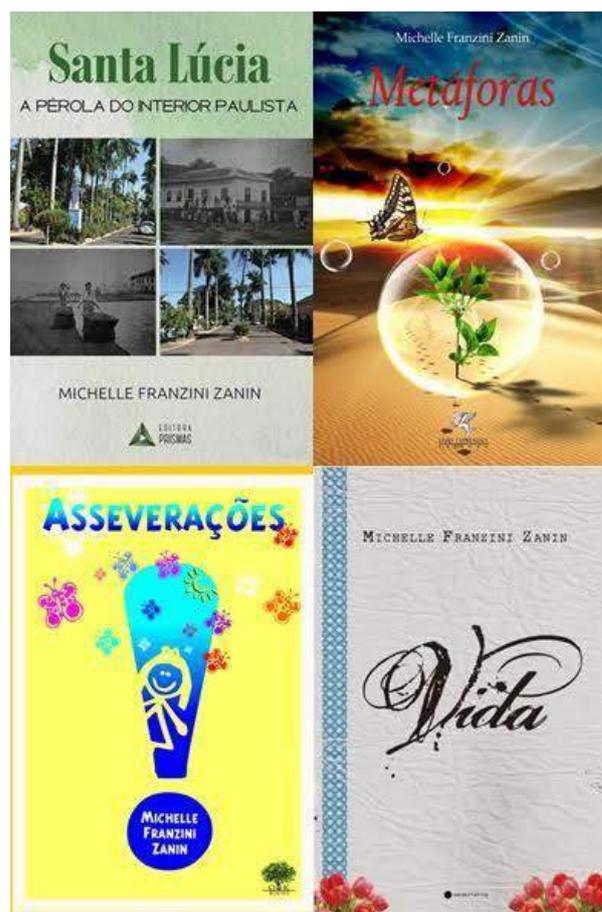
Conexão Literatura: Você é autora dos livros “Poetas e Poemas, Vida, Metáforas, Asseverações e Santa

Lúcia: A Pérola do Interior Paulista”. Poderia comentar?

Michelle Franzini Zanin: Meus projetos publicados são distintos, cada qual com sua essência única. Vida e Metáforas foram meus primeiros livros, ambos de poesia, Asseverações também é um livro de poemas voltado ao público infanto-juvenil. Poetas e poemas é um livro acadêmico escrito em parceria com o querido Marcos Vanderlei, onde exploramos a métrica e a construção da poesia, para isso desconstruindo as mesmas. Santa Lúcia: A pérola do interior paulista é um livro-reportagem retratando a fantástica história do município de Santa Lúcia. Por conta de meus primeiros projetos publicados terem sido voltados a poesia, muitos me definem como poeta, sem saber que outros gêneros literários, a poesia, é somente uma camada, que me despertou para a literatura e me fez ter coragem de explorar outros gêneros textuais.

Conexão Literatura: Você está para lançar um novo livro. Poderia dar mais detalhes?

Michelle Franzini Zanin: Em breve irei lançar um livro reportagem que retrata a história da União Espírita Paschoal Grossi de Araraquara. Esse projeto é muito especial, me fez enxergar a vida de uma maneira diferente, aprendi muito com esse livro e pude conhecer através dele pessoas maravilhosas cuja amizade



pretendo carregar comigo ao longo da vida.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em um dos seus livros?

Michelle Franzini Zanin: Cada livro foi marcante e representou um momento significativo de minha vida, mas para mim o livro Vida, por ser o primogênito sempre será o mais especial, tenho uma tatuagem no pulso em homenagem a esse livro. Destaco um trecho do poema principal da obra, cujo título também é vida: “O que é a vida afinal?

Para os filósofos é um enigma. Para os espíritas é uma passagem.”

Conexão Literatura: Você também é Presidente da ALUBRA (Academia Luminescência Brasileira: de Ciências, Letras e Artes). Poderia comentar sobre a academia?

Michelle Franzini Zanin: Infelizmente vivemos em um país onde a cultura é marginalizada, falta investimento e divulgação, pensando em todos que como eu, dedicam suas vidas a cultura brasileira, surgiu a Academia Luminescência Brasileira – ALUBRA - nossos projetos e iniciativas estão voltados ao fomento da cultura brasileira, pois acreditamos que somente a cultura, em conjunto com a educação, será capaz de escrever um Brasil novo, pautado no igualitarismo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Michelle Franzini Zanin: Divulgo meus trabalhos através das redes sociais, como Facebook e Instagram, nesses meios posso ficar mais próxima de meus leitores, interagindo com os mesmos. Os livros de minha autoria encontram-se disponíveis nas principais livrarias do país.

Conheça o site da Academia Luminescência Brasileira – ALUBRA:
<https://alubraweb.com.br/site>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Michelle Franzini Zanin: Estou constantemente trabalhando, semeando ideias, por isso a criação de novos livros é algo que evidentemente ocorrerá, tenho três trabalhos prontos para publicação, além do livro reportagem que provavelmente sairá até o final do ano, em breve, irei começar dois novos projetos literários.

Perguntas rápidas:

Um livro: Bíblia

Um (a) autor (a): Machado de Assis

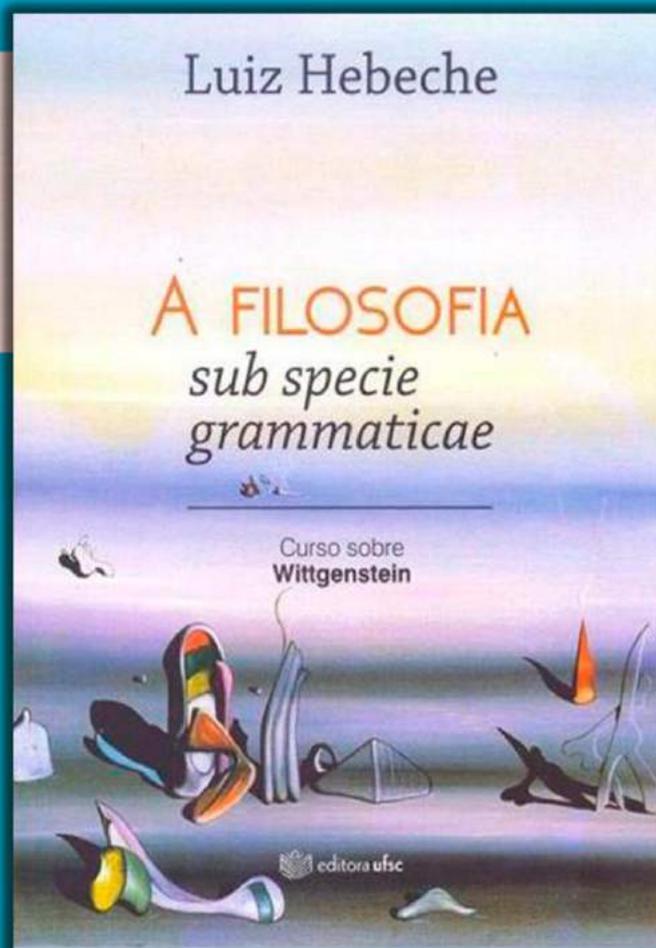
Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Nosso Lar

Um dia especial: Lançamento do livro Vida em 21 de setembro de 2012

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Michelle Franzini Zanin: Agradeço a revista Conexão Literatura pela possibilidade de humildemente divulgar meu trabalho. Acompanho o trabalho de vocês e fico contente pelos autores terem um espaço autêntico e seguro para divulgar seus trabalhos, também agradeço aos leitores da revista que pacientemente leram essa singela entrevista. Muito obrigada!



Wittgenstein é então o assassino da filosofia, mas qual é o significado disso? Não exige a sua obra no mínimo um balanço ainda que provisório? Ou estaria Wittgenstein mesmo certo ao afirmar, como Nietzsche e em certa medida como Heidegger, que ainda se demorará muito tempo até que sua obra seja compreendida em toda a envergadura? O feito de Wittgenstein é tão radical que a filosofia torna-se como que uma doutrina vazia, pois, mesmo entendida como gramática da linguagem, não pode refletir sobre si mesma sem se autossuprimir. Ora, já não há mais lugar aqui para perguntas fundamentais, pois, fora do linguajar cotidiano, todas as perguntas de cunho socrático já não podem ser formuladas.

Título: A FILOSOFIA SUB SPECIE GRAMMATICAE: CURSO SOBRE WITTGENSTEIN

Autor: Luiz Hebeche

ISBN: 9788532807694

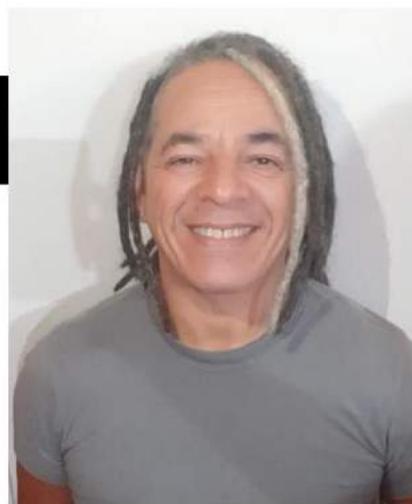
Segmento específico: LINGUISTICA

Páginas: 336

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO: CLIQUE AQUI

ENTREVISTA COM O AUTOR

POLICARPO POR ADEMIR PASCALE



Fez Geografia, Pós Graduou-se em História da África e Docência do Ensino Superior, entre uns escritos e outros, durante este período, foi incentivado a organizá-los e publicá-los, começando com **TRAJETÓTIAS E CAMINHOS DA SEGURANÇA METROVIÁRIA**, onde trabalhou por 31 anos, gostou do resultado e continuou, escrevendo contos como **PEDAÇO DE UM AMOR** e **MAGICO JAMELÃO**, livro de poesias e fotos **CONEXÕES ALÉM DA FAIXA AMARELA** e o romance **IDARÁ IBI PEDRA DE XANGÔ NA TERRA DE ÍNDIO** (a ser lançado na PLIP2020). Eclético e direto, escreve mandando recados e convidando para reflexões e discussões.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Policarpo: Comecei a escrever sobre meu mundo profissional e quando percebi já tinha material suficiente para publicar o primeiro livro sobre o assunto Segurança nos Metrô do Brasil, publicando o **TRAJETÓTIAS E CAMINHOS DA SEGURANÇA METROVIÁRIA**, que esgotou em 15 dias.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Conexões além da faixa amarela”. Poderia comentar?

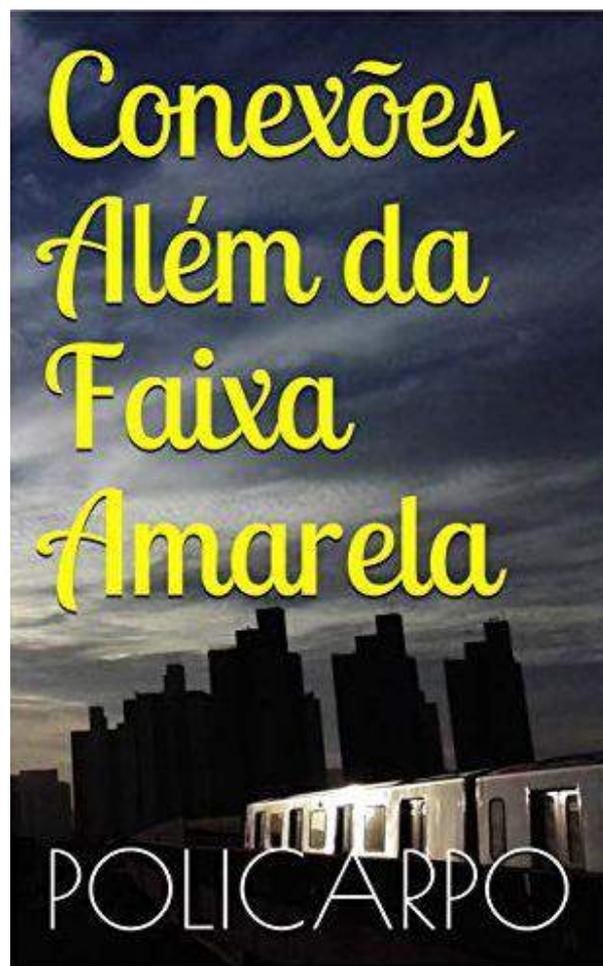
Policarpo: Este livro é um apanhado de poesias que venho fazendo ao longo da vida que são verdadeiros recados que dou, provocando o leitor a refletir sobre vários assuntos, somando-se a isso fotos que tirei enquanto trabalhava no Metrô de São Paulo, no horário de maior fluxo de usuários pela manhã, na Estação Brás, que passavam com suas cabeças baixas, olhando para a telinha do celular, não percebendo o que há em seu entorno.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Policarpo: Esse livro, por ser autoral, poesias e fotos, levou dois anos para conclusão pois queria, com as fotos, mostrar a passagem do tempo e das estações através de uma grande árvore que lá esta e quase não a percebemos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Policarpo: “Nesta vida frenética que nos impõem caminhos nem sempre suaves, com integrações, conexões e entroncamentos, não nos é permitido perceber o que está posto de forma natural em nossa volta. Não por desprezo e sim pelo encontro marcado com o trem, que se conecta com o Metrô, que se conecta com outro Metrô, que se conecta com outro trem, fazendo deste caminho automatizado, um caminho normal que se faz de cabeça baixa seja olhando para o chão ou para o celular, com olhos abertos que enxergam o nada diante do nariz. Alheios a este movimento estão os movimentos da natureza que, mesmo não sendo percebidos , acontecem e quando percebidos nos revelam sua magnitude diante de nossas cabeças baixadas que buscam ver outros mundos através de uma telinha. Perceber a beleza do além da faixa amarela pode parecer um mundo paralelo à primeira vista, pois não o tínhamos em nosso cotidiano, mas está lá, chamando, se mostrando em exibição de gala ou nos pedindo socorro.”



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Policarpo: Este livro está à venda nos formatos físico e digital:

Digital na Amazon.com.br

Físico na Amazon.com, porém, devido à pandemia, ainda não estão enviando para o Brasil.

Facebook: Dalvilson Policarpo

Instagram: donpolicarpo

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Policarpo: Sim. Lanço na FLIP2020 e na Bienal2020 o romance histórico IDARÁ IBI PEDRA DE XANGÔ NA TERRA DE ÍNDIO, onde falo sobre escravização de índios e negro, colonizadores, jesuítas, ouro e “A Pedra”. Também estou trabalhando um novo projeto chamado “REVIRANDO AS GAVETAS”, onde proponho uma conversa com você mesmo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Capitães de Areia

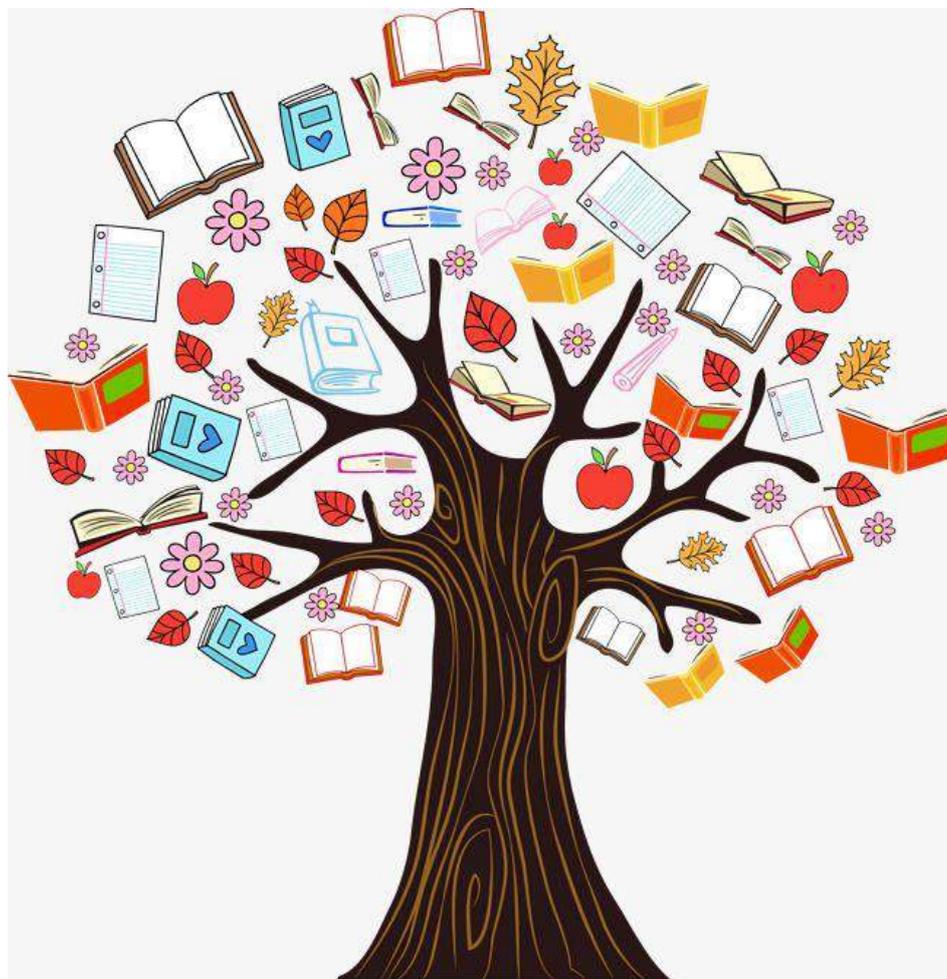
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Bope II

Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Policarpo: CONEXÕES ALÉM DA FAIXA AMARELA, retrata o cotidiano metroviário na estação Brás, linha 3-Vermelha, no horário das 07h00 às 09h00, quando a plataforma de embarque está cheia dessas cabeças baixadas. Entre um trem e outro se acha inspiração para clicar o belo e escrever o inusitado com o olhar de uma outra visão: A do coração.



ENTREVISTA COM A AUTORA

PRIS MAGALHÃES

POR ADEMIR PASCALE



Pris Magalhães lançou-se na literatura ao participar da primeira antologia de poesia pela editora Grafitte, participando a seguir de diversas coletâneas de contos por várias editoras e logo depois publicando seu primeiro infanto-juvenil, intitulado “Crônicas de Silbery – O Segredo do Bosque”.

Autora independente do livro *Linha Vermelha*, romance que traz uma visão apocalíptica nacional sobre zumbis e da duologia *Caçadores – Vale da Morte* e *Caçadores – O Portal*, assim como vários contos em e-book, todos disponíveis na Amazon.

Como organizadora, além de *Filantropia do Mal*, também assina a antologia *Terror Macabro*.

O contato com a autora pode ser feito através do e-mail: priscamagal@yahoo.com.br ou pelas redes sociais

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Pris Magalhães: Cheio de sonhos e ilusões (rsrsrs) Com dificuldades, não sabia muita coisa sobre o meio editorial então meio que foi às cegas. A publicação de meu primeiro livro “Crônicas de Silbery” foi a realização de um sonho, com a publicação por uma editora e lançamento físico, porém

descobri mais tarde decepções que muito me ensinaram e direcionaram para outros caminhos.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Caçadores – Vale da Morte, volume I”. Poderia comentar?

Pris Magalhães: Sim, *Caçadores* foi escrito na sequência de *Crônicas de Silbery*, e como meu segundo livro eu já me sentia minimamente preparada, mas

também a publicação independente mostrou que os espinhos na estrada são muitos. Publiquei a princípio em físico para participar da Bienal do Rio de Janeiro, e em seguida apenas no formato e-book.

A história se passa na Romênia do século XVII e aborda temas como bruxaria, caça às bruxas, ciganos etc. Três garotas lutam contra as trevas, matando criaturas maléficas e protegendo os moradores dos vilarejos, mas quatro virgens são levadas para o sacrifício do Sabbath e as amigas correm contra o tempo para achar o lugar onde será a festividade e impedir o ritual. No caminho, porém, encontram obstáculos e pessoas que podem mudar o curso.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Pris Magalhães: acredito que levei cerca de oito meses ao todo. Talvez um pouco mais.

Sempre me demoro mais por conta das pesquisas, pois gosto de ter certeza no

que estou passando ao leitor, com descrições onde mesclo o que há de verdadeiro com a fantasia. Em *Caçadores*, por exemplo, há muitos fatos reais e histórias, como a floresta de Hoia-Baciu onde os personagens passam. Também costumes e alimentação do lugar e época.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Pris Magalhães: “Vocês humanos não aprendem, não é? Sempre entrando por caminhos que não deviam, abrindo portas que estão fechadas por alguma razão”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Pris Magalhães: Todos os meus e-books estão disponíveis na Amazon, entre contos e romances darks, bem como terror, suspense e inclusive fantasia. A continuação de *Caçadores*, inclusive.

Esse link facilita
https://l.instagram.com/?u=https%3A%2F%2Flinktr.ee%2Fpriscamagal&e=ATOiIrx2_jqGUmMQYRoyGyZR5MsSdne-Xlg6G2I2hbZTbVBfu3ah_I6w7xrnWt4hz0ZmgfJe9Kb-G9fCyKQHgA&s=1

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Pris Magalhães: Estou terminando a continuação do livro sobre zumbis, que se passa na cidade de São Paulo, o Linha Vermelha (o primeiro está disponível na Amazon) e também o terceiro de Caçadores. Como projeto há minha antologia, a terceira que organizo, aberta sob o título “Terror Macabro – Quando surge a escuridão”.

Perguntas rápidas:

Um livro: E o Vento Levou

Um (a) autor (a): Monteiro Lobato

Um ator ou atriz: Al Pacino

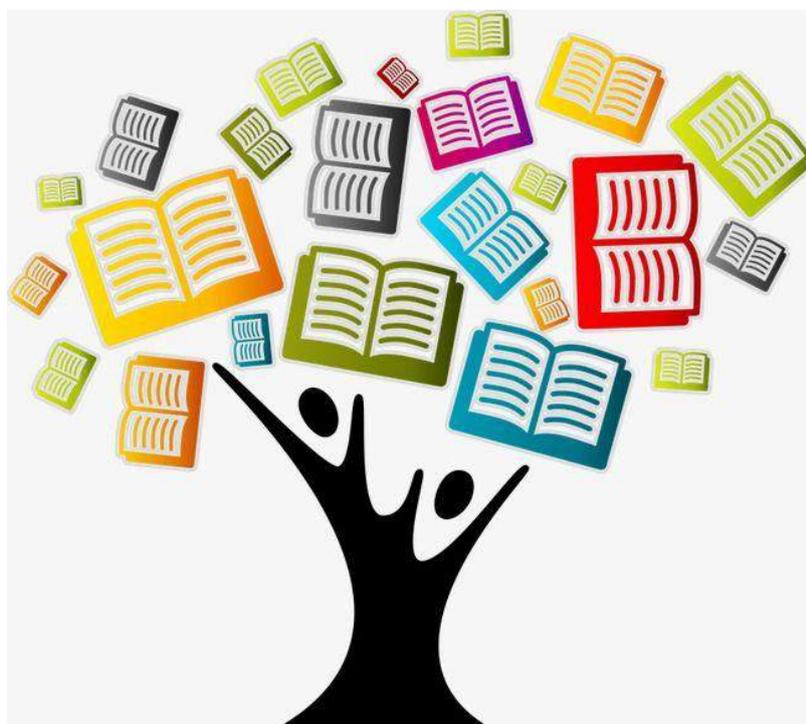
Um filme: O Silêncio dos Inocentes

Um dia especial: nascimento dos meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

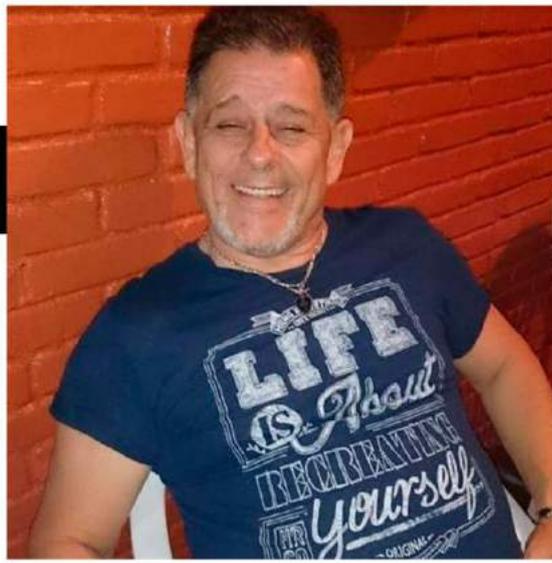
Pris Magalhães: Agradeço pela oportunidade em falar um pouco sobre mim e meus trabalhos e espero que conheçam meus livros.

Obrigada à revista pela iniciativa em levar literatura e mostrar novos autores que ainda não são conhecidos pelos leitores.





WILL



KIKO ZAMPIERI

ENTREVISTA COM OS AUTORES

WILL E KIKO ZAMPIERI

POR ADEMIR PASCALE

Will: Nordestino radicado há trinta anos em São Paulo, formado em Administração de Empresas, tomei interesse pela literatura aos dezoito anos e desde então tenho, entre altos e baixos, sempre produzindo um material variado entre contos, romances e textos em uma revista virtual chamada Espinho D'água onde sou editor. Tenho publicado até o momento cinco livros, dentre eles o Caçada Cega.

Kiko Zampieri: Nascido na capital de São Paulo, formado em Letras pela UMC – Universidade Mogi das Cruzes, casado e pai de dois filhos. Iniciei minha trajetória como um autor ultrarromântico, quando lancei meu primeiro livro “Borboletas Azuis – Um amor além da vida” pela Editora Chiado em Portugal, contudo, desde então, nos meus seis livros posteriores, tenho transitado por diversos universos do gênero, desde a Fantasia, terror, thriller de suspense internacional e romance policial.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Will: Até a adolescência eu não tinha contato nem interesse por livros. Já adolescência, fase conturbada, enxerguei nos livros, na música e no cinema minhas

únicas companhias. E a literatura foi a maior das paixões. Comecei escrevendo letras de música, depois fui para a poesia até me encontrar na prosa. Desde então, não parei mais de escrever.

Kiko Zampieri: Sempre gostei de escrever poesias, por isso ingressei no

curso de Letras para aperfeiçoar-me na literatura. Comecei a escrever meu primeiro livro em 2005 e somente em 2010 tive a ousadia de publicá-lo. Eu e o Will criamos um laço literário e começamos a trocar ideias até que resolvemos escrever “Caçada Cega”.

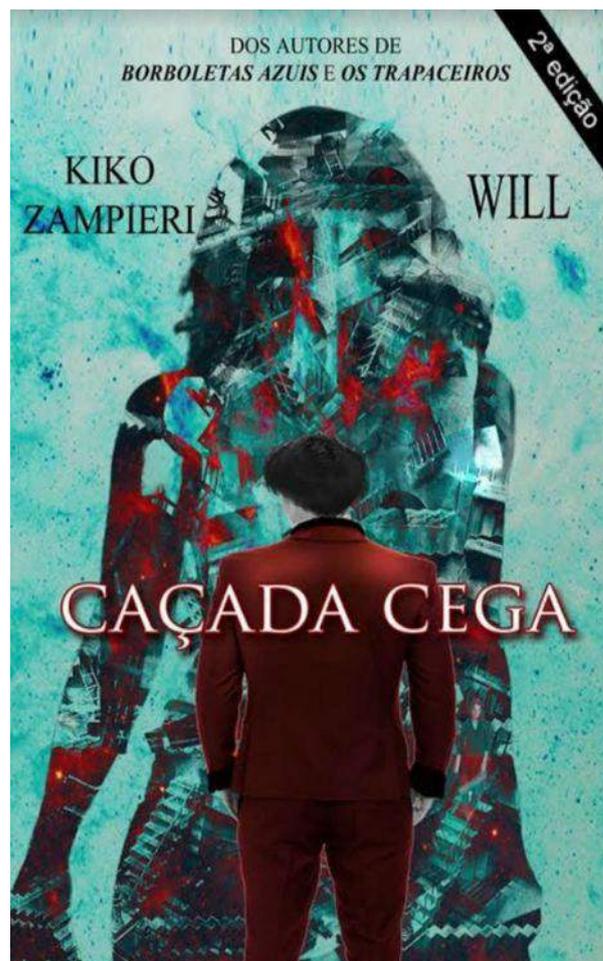
Conexão Literatura: Você é coautor do livro “Caçada Cega”. Poderia comentar?

Will: De todas as criações, essa foi a mais intensa, caótica e cujo resultado foi um dos que mais me trouxe satisfação. Foram tantas as discussões, tantas mexidas no texto, a ponto de não haver um único parágrafo que não teve as quatro mãos e mentes envolvidas.

Kiko Zampieri: Foi uma experiência sensacional todo o processo de criação, muitas discussões sobre o tema e seus personagens, mas fomos pegando gosto pela trama e pelos fatos e, após três anos, foi concluído.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir o livro?

Will: Essa foi a parte mais difícil; é bom esclarecer que a obra parte de fatos reais para construir a trama de suspense internacional. Fizemos um minucioso levantamento dos maiores assaltos em todo o mundo que ainda não foram solucionados pela polícia e propusemos a



seguinte ideia: e se todos esses crimes tivessem sido cometidos pelo mesmo personagem? A partir daí criamos a história. Então, dá para imaginar o baita trabalho de pesquisa mundial que fizemos.

Kiko Zampieri: Desgastante no princípio, porém no decorrer do processo, tornou-se algo impossível de se conter e assim foi tomando forma, levando aproximadamente uns três anos até ser concluído.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Will: Como eu disse, usamos fatos reais e os recontamos de modo ficcional. Recriamos o assalto à joalheria mais famosa do mundo, a Harry Winston, em Paris, em 2008. Gostei bastante do resultado.

Kiko Zampieri: o Prólogo. Uma história verdadeira e que faz o leitor ficar em suspense.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Will: Deixa essa para mim, então. Hoje o nosso livro está disponível no site a amazon.com.br basta procurar pelo livro Caçada Cega.

Kiko Zampieri: Will, deixo essa pra você responder.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Will: Cada um tem seus projetos individuais, mas sim, estamos no processo criativo de uma sequência para o Caçada Cega.

Há uma química muito boa entre nós que aflora quando discutimos criativamente as ideias. É caótico, mas também

prazeroso. Aliás, nossas reuniões criativas dariam um livro.

Kiko Zampieri: Estamos estudando a sequência do Caçada Cega.

Perguntas rápidas:

Will:

Um livro: Feliz Ano Novo, de Rubem Fonseca

Um (a) autor (a): Carlos Heitor Cony

Um ator ou atriz: Denzel Washington

Um filme: Clube da Luta

Um dia especial: Quando lancei meu primeiro livro

Kiko Zampieri:

Um livro: 1984 – George Orwell

Um (a) autor (a): Agatha Christie

Um ator ou atriz: Charlton Heston

Um filme: Os dez mandamentos – Cecil B. DeMille

Um dia especial: O dia em que nasci.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Will: Gostaria de agradecer o espaço de divulgação e desejar que todos possam ter mais contato com a literatura e com as artes em geral, e, claro, curtam nossa obra.

Kiko Zampieri: Gostaria de agradecer pela atenção de vocês e pela oportunidade de divulgação de nossos trabalhos.



POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

GALERIA DE ARTE

Roberto Schima

SOBRE O ARTISTA

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961. Fui agraciado com "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hiroaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc

Obs: Mais informações: Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad ou nos links abaixo

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_p-t_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.WeyJstSzIV>

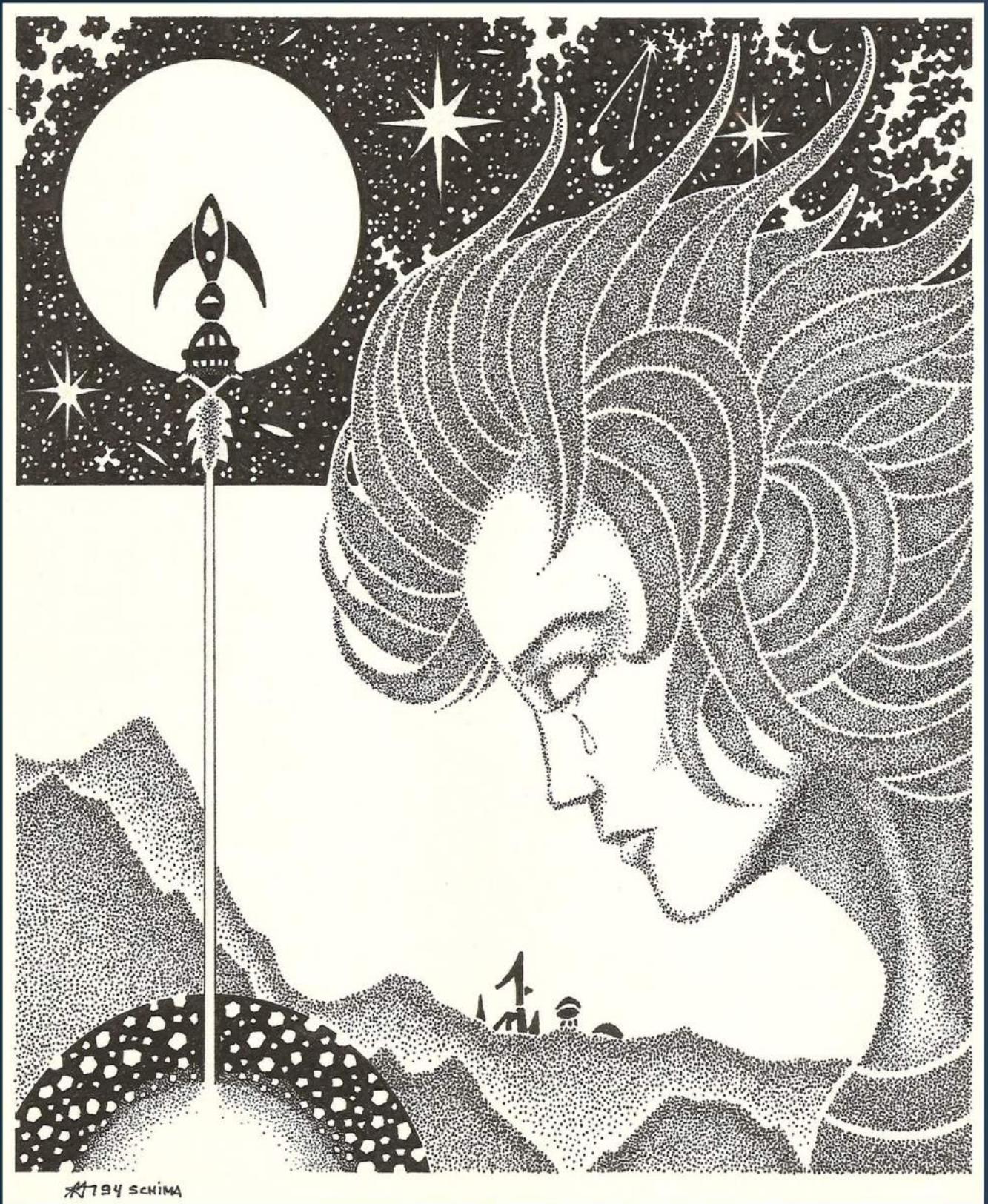
http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

[/https://br.pinterest.com/robertoschima](https://br.pinterest.com/robertoschima)

Contato: rschima@bol.com.br

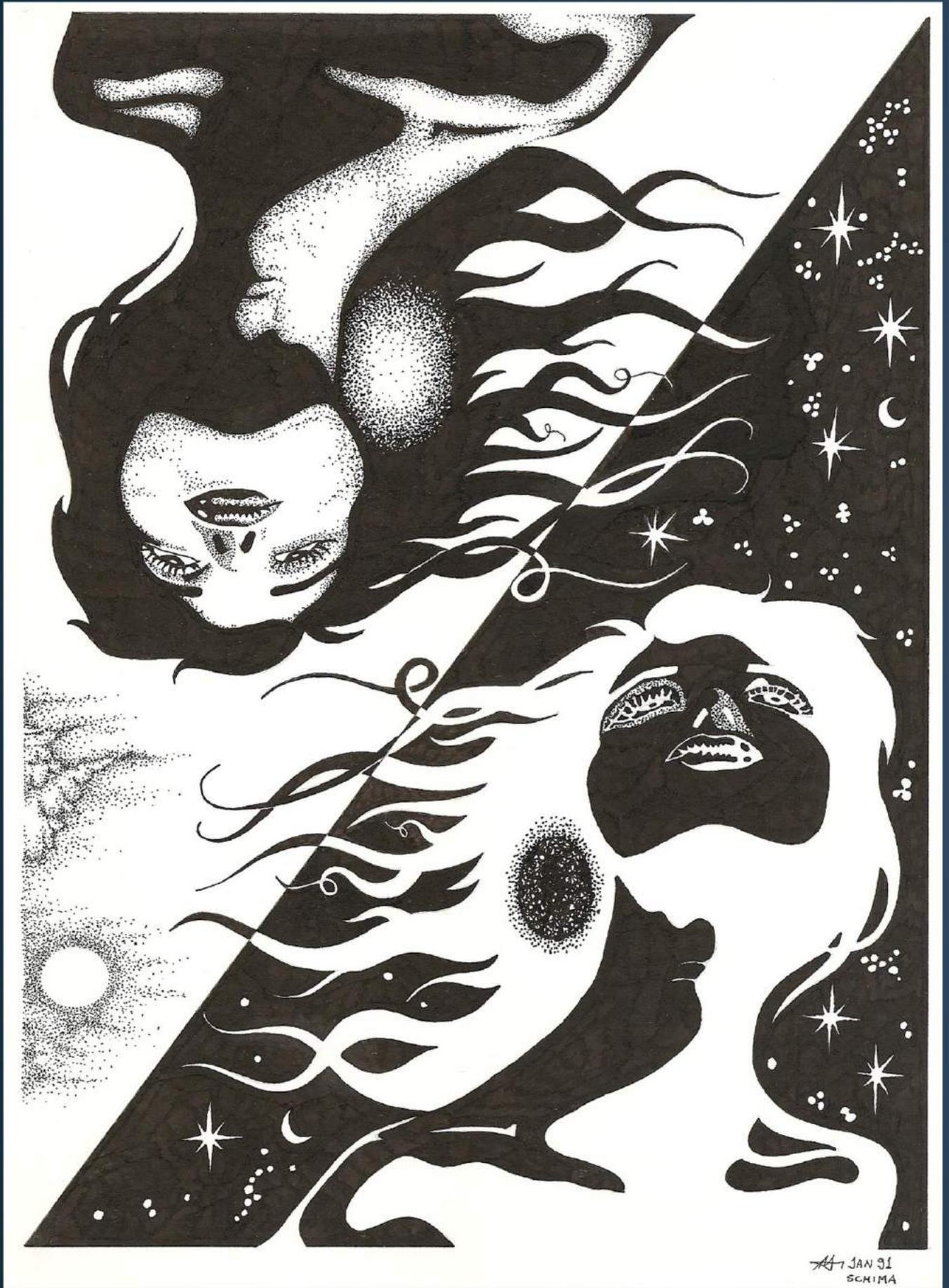




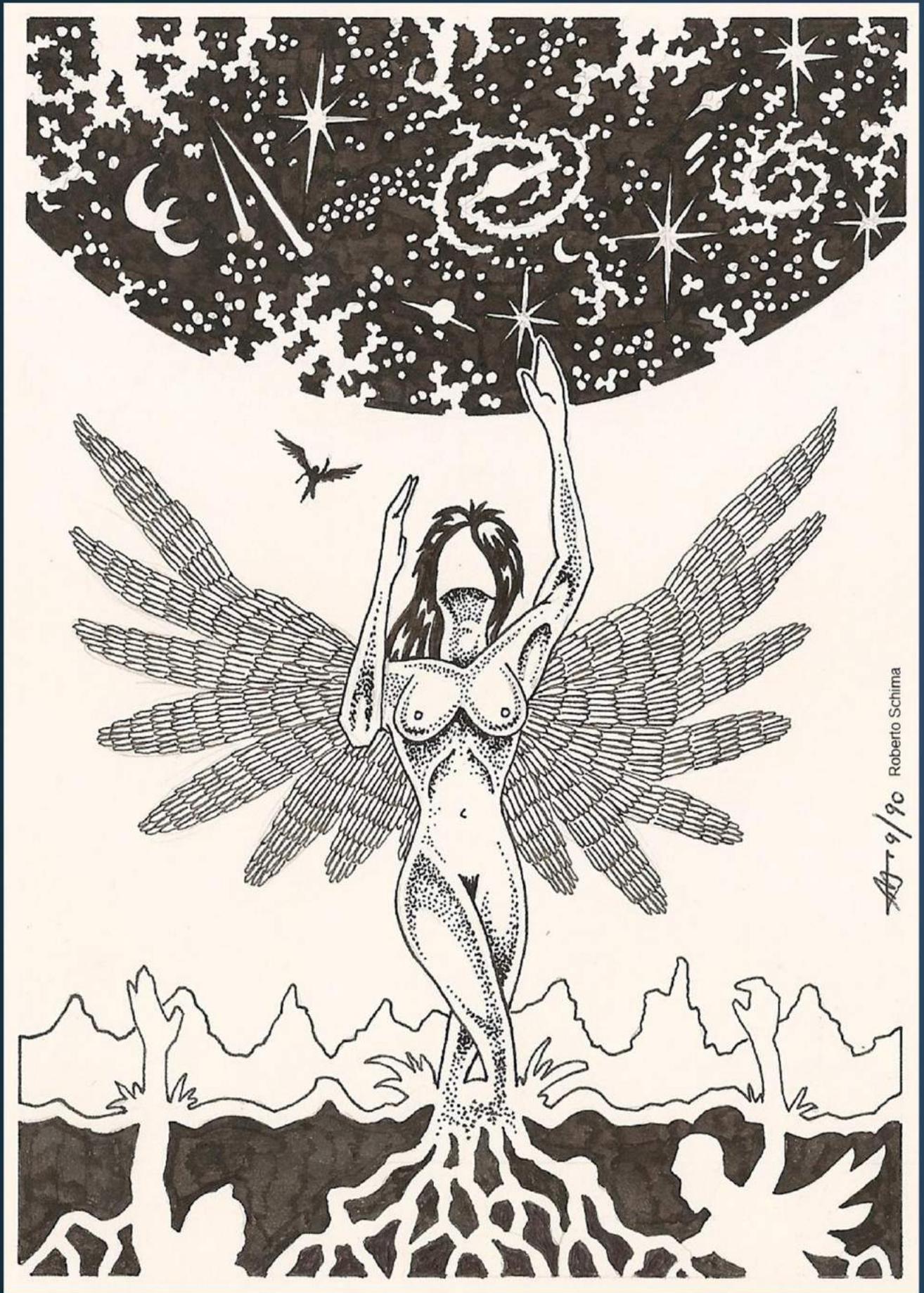
*194 SCHIMA



1974
Roberto Schima



A1 JAN 91
SCHIMA



1979/90 Roberto Schima

Arte by Roberto Schima



SCHIMA
94



A COISA DO CENTRO DA TERRA

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

O repórter, fisionomia séria, falou: — Foi a erupção mais violenta já registrada desde o Krakatoa, em 1883. Tivesse ela ocorrido em pleno oceano, o poder de devastação na regiões costeiras seria colossal. Entretanto, aconteceu no interior da Antártida, sob vários quilômetros de gelo e uma massa de bilhões de toneladas. Embora isso aparente ser um alívio para a maior parte da população mundial, não o é para aqueles que,

estoicamente, fazem seus estudos no continente branco, bem como seus entes queridos a cerca de quinze mil quilômetros dali, aflitos por notícias...

Uma música alegre soou ao fundo. Seu rosto foi substituído pelo cenário gelado e centenas de pinguins sendo fotografados por turistas. Depois, uma melodia triste. Cenas cotidianas em algumas das estações de pesquisa

espalhadas foram exibidas. O repórter acrescentou:

— Mais de sessenta bases científicas estão espalhadas pela Antártida, tanto no continente quanto nas ilhas adjacentes. De algumas delas, o contato foi completamente interrompido...

As cenas prosseguiram.

Cientistas em seus instrumentos.

Cientistas mergulhando nas águas geladas.

Cientistas portando-se feito crianças num parque.

Era uma música nostálgica, meio alegre, meio tristonha.

Num boteco em Copacabana, refrescando-se de um sol escaldante de quarenta e dois graus centígrados, um freguês apontou para a televisão atrás do balcão.

O repórter retornara e regurgitava dramaticamente generosas porções da tragédia.

O freguês resmungou:

— Que nada! Debaixo daquela geleira toda, ninguém deve ter sentido coisa alguma.

— Sei não, Cremildo — resmungou o dono do bar, enquanto lavava os copos. — As mensagens que mandaram pelo rádio diziam o contrário. Tá brabo por lá...

— "Brabo", Carlão? Brabo tá ali do lado de fora. Outro dia, uma bala perdida quase me acertou na testa, cara! Errou isso — mostrou o indicador e o polegar, separados por uma distância de cinco centímetros. — Pegou no vaso de flores da mulher. Sabe o que ela fez? Ficou toda descabelada... por causa das flores!

— Mas naquele frio todo...

— Se eles quiserem mandar um — como se chama? — *iceberg*, isso, *icebeg*, a gente não vai reclamar. Bota eles pra suar na calçada da Atlântica. Vamos ver se aguentam. Sem contar que perderão suas carteiras e relógios rapidinho; se bobear, até as calças e os sapatos.

— Usam botas de neve.

— Que seja!

O dono tentou atingir a sensibilidade do freguês, supondo que ela existisse.

— Morreu muita gente por lá, Cremildo...

— Como você sabe? Como qualquer um pode saber? Olha lá — apontou para a tela. — Tá tudo escuro!

A seguir, a televisão exibiu uma série de imagens térmicas do continente branco, enviadas via satélite. No interior de um retângulo negro, surgiu uma mancha amarelo-avermelhada e várias ramificações. Pequenos pontos de luz espalhavam-se mais afastadas do centro: as estações de pesquisa de vários países.

— Alguns pontos de luz se apagaram... Não existem mais.

Cremildo grunhiu e pediu outra garrafa de cerveja.

— Trincando de gelada, Carlão!

E, enquanto voltava a beber, falou:

— Sei não, Carlão. Minha preocupação — e sua também — é chegar em casa inteiro, não ser assaltado, dormir uma boa noite de sono e levantar cedo para trabalhar. Se a gente conseguir viver um dia de cada vez nesse calorção do diabo, está mais que bom. O que acontece lá — apontou novamente — é problema deles, dos jornais e dos países ricos.

— Mas tem brasileiros na Antártida também, pombas! — insistiu Carlão, irritado.

— É parente meu? É seu? São fregueses do bar? Estão se lixando pra mim ou pra você? É cada um por si! A pátria é a nossa família, homem. O resto — seu vizinho, o meu, o governador, qualquer um — só quer ver a gente pelas costas...

E continuou a tomar sua bebida, mais próximo possível do ventilador que apenas fazia soprar o ar quente de finzinho de tarde.

O dono do boteco concentrou-se no restante dos copos, cansado daquilo.

Cremildo reclamou:

— Ei, Carlão, tá na hora de botar ar condicionado no bar!

— Você paga?

— Vai sonhando...

A violenta sucessão de tremores foi sentida por todo o continente gelado.

Nos sismógrafos em diferentes partes do mundo, as agulhas saltaram um milhão de vezes.

O monstro surgira e rugira em espasmos sulfurosos das entranhas demoníacas da Terra e encontrara sua antítese na forma da calota polar.

Um embate deflagrara-se nas profundezas glaciais. Dois monstros antigos enfrentaram-se. Nenhum demonstrava a menor disposição para se render Assim, mais uma vez, titãs fizeram o solo tremer e corações encolherem de pavor.

Chiados.

Magma.

Vapor.

Catastrofistas previram o pior dos cenários. Imaginaram o derretimento de toda a calota polar ou, pelo menos, que parte dela escoaria para os lados feito um quebra-cabeça sendo derrubado, eliminando todas as bases, estivessem sobre o gelo ou o *permafrost*. Regiões costeiras seriam inundadas pelo globo e uma nuvem de poeira bloquearia os raios do Sol e baixaria a temperatura, trazendo o caos para o tráfego aéreo, retardando ainda mais as equipes de resgate.

Religiosos se manifestaram. Em tom enérgico, leram versículos da Bíblia, mencionaram o pecado dos homens, a ira

de Deus e o dia do Juízo Final. A punição viria do céu. O Messias retornaria. Charlatães e falsos profetas que se cuidassem. O castigo chegaria na forma de fogo e enxofre. O suplício eterno para os fariseus.

— Arrependei-vos!

Qualquer operação de resgate fosse a partir da Austrália, Nova Zelândia ou América do Sul estava fora de cogitação: para mal dos pecados, o hemisfério meridional estava em meados do Inverno.

Habitualmente, a Antártida nessa época já era um cenário de fim de mundo: tempestades e nevascas assolavam continuamente todo o território gelado. Os vendavais mais fortes do planeta urravam através do platô antártico. Mares bravios agitavam-se aterradoramente ao redor da costa, descarregando sua fúria sobre os rochedos. E a escuridão de uma suplício sem fim ansiava por esvaziar as almas de toda a sanidade.

— Arrependei-vos!

A Antártida não era lugar para os fracos.

Se pudesse, Dante veria a sua visão do inferno concretizada.

Não seria nada difícil imaginar espíritos da neve a vagar em meio à intempérie.

Cientistas das mais diferentes nacionalidades que lá se encontravam teriam de contar com a própria sorte e, por menos apego que suas convicções materialistas tivessem, com a ajuda de Deus.

— Arrependei-vos!

Todavia, naquela ocasião de expectativa e mau agouro, o Senhor virara Seu Rosto de lado. Não de todo, porém. Não obstante os mais pessimistas, somente na parte central uma enorme cratera de gelo, fogo e vapor fora criada. Na fronteira entre a camada de gelo e o piso vulcânico algo acontecia. Trilhões de litros d'água deveriam estar se formando. O Lago Vostok fora perdido. Quanto ao equilíbrio da pressão entre a força do magma e o peso da geleira, cedo ou tarde, um dos dois haveria de prevalecer.

As estações de pesquisa Amundsen-Scott dos Estados Unidos e Vostok da Rússia — as mais

profundamente encravadas no continente —, foram engolidas por fendas, verdadeiros *canyons* de gelo, sem possibilidade de salvação. A perda em vidas humanas equiparou-se àquelas levadas por um malfadado *iceberg* no Mar do Norte ao rasgar o ventre do transatlântico RMS Titanic em 15 de abril de 1912.

Na estação McMurdo, a maior da Antártida, centenas de habitantes não tiveram tempo de lamentar os mortos. A gigantesca plataforma de gelo Ross partiu-se em milhões de fragmentos. Geleiras esfacelaram-se continuamente sobre o mar de mesmo nome. Ondas colossais ameaçaram engolir a base e reduziram a escombros o único porto do continente. Um bilhão de *icebergs* desprenderam-se no oceano enfurecido, os quais vagaram feito um exército de fantasmas no oceano revoltoso.

Embora não se soubesse ainda, os pinguins imperadores foram quase extintos. A mortandade também atingiu as baleias e grupos de focas-leopardo. Muitas calamidades mais viriam a tona futuramente.

Por cerca de um mês e meio de trevas, todos os desafortunados pesquisadores na Antártida encontrar-se-iam isolados do mundo; e as bases, entre si.

Ah, mas o mal abstrato estava prestes a adquirir forma, cria da escuridão e do fogo, de uma agonia tão profunda quanto a que estava prestes a provocar. Somente tal entidade maligna seria o fator comum entre todas as criaturas a gozarem do calor da vida.

E o calor cederia face ao mais frio dos invernos.

Desde a desventuradas expedições de Robert Falcon Scott e Ernest Shackleton, e a vitória de Roald Amundsen na corrida para o Pólo Sul, nada de muito mais extraordinário ocorrera.

A era das grandes explorações havia terminado e, com o contínuo avanço da revolução industrial, de certa forma, perdera algo de seu perigoso encanto. Oh, claro, ainda se seguiriam outros tantos grandes desbravadores: os

conquistadores do Monte Everest, Piccard e Walsh nas Marianas e os astronautas na Lua, por exemplo, todos amparados de um modo ou de outro pela tecnologia. Mas o grande duelo entre o homem e a natureza havia terminado.

Agora, porém, o extraordinário retornara.

O duelo da humanidade em face do desconhecido.

Opostos qual fogo e gelo, dia e noite, encontrar-se-iam.

Desse embate, a primazia sobre toda a Terra seria questionada.

Foi do centro do enorme buraco que a coisa emergiu.

Parida no útero de fogo e do gelo, do vapor e das cinzas.

Expelida das profundezas do inferno num espasmo violento.

Chegou como o arauto de um destino sombrio, como se sombria já não fosse a situação.

Se um pesadelo pudesse adquirir corpo seria aquilo — por mais incorpórea que a coisa fosse.

Era tão inconsistente quanto a fumaça, embora densa a ponto de não permitir o fulgor do magma atravessá-la.

Mas leve o suficiente para fazer-se flutuar sobre a calota polar.

Foi cuspada para bem longe da cratera até as cercanias da estação japonesa Domo Fuji, na Terra da Rainha Maud.

O frio que a acolheu foi enlouquecedor. Jamais em sua existência de éons sofrera semelhante flagelo.

O que seria aquilo?

Por que submetiam-na a tamanha tortura?

Do sofrimento sem fim, um rancor sem limites a consumiu e aqueceu.

"Fome..."

A fome constituía-se sua essência de dentro para fora.

Necessitava das chamas do inferno e, não sendo possível, qualquer fonte de calor serviria. O fogo era o seu sangue, seu espírito, seu alimento. Precisava se nutrir.

Naquele momento, no interior da estação, um meteorologista chamado Sato foi acudir sua amiga, uma geóloga de nome Ozawa.

— Como é que você está?

A mulher levou a mão à cabeça. Ela voltou manchada de sangue.

— O que acha, Sato-san?

Ele examinou.

— Não sou médico, mas eu diria que é superficial.

— Imagine se não fosse...

— Nada que alguns pontos não curem. Veja isso depressa. Precisamos sair.

— "Sair"? Aonde?

— Temos que apanhar um carro e averiguar os estragos.

Ozawa, de pé, fitou o meteorologista.

— Lá fora? Só pode estar brincando!

— Quem dera, Ozawa-san. Dr. Yoshikawa disse para verificarmos o impacto das erupções sobre o clima e o próprio vulcão em si.

Ozawa continuava a olhar hipnotizada para o sangue em sua mão. Voltou-se bruscamente.

— Ele que vá! Isso é loucura! Em condições normais ninguém se arriscaria até o interior durante o Inverno, que se dirá nas atuais condições.

Habitualmente, a geóloga era a própria personificação do estereótipo da japonesa: disciplinada, reservada, tímida,

gestos comedidos e muito educada. Quando sorria, ocultava seus lábios atrás da mão. Quando falava, raramente discordava de alguém e, quando o fazia, era tão gentil e sua fala tão suave que a outra pessoa sequer imaginava estar sendo criticada ou ao seu trabalho: até agradecia.

Sato vira o outro lado da mulher: o instinto puro, o pavor sem véus, etiqueta esquecida. E não podia assegurar estar ele próprio em melhor situação. Porém, alguém precisava manter um mínimo de autocontrole. Respirou fundo e disse:

— Ozawa-san, pode apostar que ele iria... se não tivesse perdido uma das pernas. Precisamos saber as reais condições do problema e se há a mínima possibilidade de sobrevivermos.

— E nós dois fomos os escolhidos.

— Sim, por que...

— Por que nos amamos, fomos descobertos e estamos sendo punidos.

— Não é isso, em absoluto!

Mas era inútil discutir.

O meteorologista detestava a idéia tanto quanto ela; aterrorizava-o, principalmente por causa dela. Todavia,

seu senso de dever compreendia a urgência do que estava ocorrendo. Todos os colegas na Domo Fuji, de todas as bases de pesquisa, podiam depender disso. Os demais membros de sua estação esforçavam-se conforme podiam em diferentes tarefas naquilo que sobrara da base. Alguns pereceram. Dr. Yoshikawa breve iria acompanhá-los. Sato e Ozawa tinham a sua missão a cumprir e cada minuto contava.

Enquanto levava a companheira para a enfermaria, Sato tentou brincar:

— Num mundo perfeito, estaríamos em férias no Rio de Janeiro.

— Num mundo perfeito — retrucou Ozawa. — O Rio não seria refém da violência. O mundo inteiro sabe disso. Eu prefiro o Hawai.

— Que seja, iremos para o Hawai quando a Primavera chegar. Vá logo remendar essa testa. Vou preparar nossas coisas.

Momentos depois, ainda sentindo uma forte dor de cabeça, Ozawa ligou seu farolete e saiu da base, acompanhada de Sato.

Embora estivesse preparado, ao abrir a porta, o meteorologista sentiu

todo o impacto do vento e da neve. Ele e a geóloga amavam seus respectivos ofícios, todavia, dada a catástrofe e a época do ano, a carreira de cada respondeu pelos seus destinos.

A nevasca, iluminada pelos faroletes de ambos, formava uma cortina branca desfraldada. De resto, tudo era escuridão.

Ainda que protegidos dos pés a cabeça por suas pesadas vestimentas, a coisa detectou a diferença de temperatura em relação ao ambiente. Veloz, esvoaçou na direção contrária à ventania.

De repente, houve um clarão majestoso no céu: uma aurora austral. E ela iluminou os arredores a semelhança do luar.

E, por entre a nevasca, a mulher viu.

"O que é aquilo?", pensou Ozawa, observando a nuvem negra aproximar-se.

Dentro dela, brotou um horror indizível. Fosse aquilo o que fosse, era mau, terrivelmente mau.

Esticou o braço, mas não teve tempo de alertar Sato. Ambos foram completamente envolvidos num

redemoinho de trevas, enquanto a nevasca prosseguia ao redor.

Além da morte branca — termo pelo qual as nevascas eram conhecidas —, agora, das profundezas obscuras da Terra, surgira a morte negra: menos previsível, mais insidiosa, mais assustadora... e insaciavelmente faminta.

Ambos sentiram-se sugados. Farpas de gelo penetraram seus corpos, enquanto o calor era-lhes roubado. Tiveram uma momentânea visão de um mundo sulfuroso de enxofre e lava. Vislumbraram vultos a se contorcer entre as chamas. Quão horrendos eram os gritos! Coisas como a morte negra agitavam-se entre os vultos e o magma, sumiam e reapareciam. Faziam emanar um medo tão grande quanto a primeira vez que Ozawa e Sato, ainda crianças, ouviram falar de *yureei*. E a dor! Quão intensos poderiam ser os acordes da dor. E quão desejável poderia ser a sensação de vazio, do não mais existir.

A coisa deixou atrás de si dois corpos desidratados e completamente enrijecidos. Bastou uma rajada do vendaval para que os desafortunados amantes se desfizessem num pó

extremamente escuro que foi varrido pela tormenta.

"Fome..."

Ela precisava de mais, muito mais.

Domo Fuji foi invadida. A estação, que já se encontrava em apuros, entrou em completo colapso.

Alucinações.

Desespero.

Orações.

Morte.

Pó.

Na interminável noite polar, o pesadelo desabara sobre Domo Fuji. E não havia maneira de despertar.

Pouco a pouco, todos os cientistas em seu interior foram dizimados. Pereceram em meio a visões demoníacas sem compreender o que os atingia, exceto pelo pavor impregnado em suas almas e estampado em seus rostos. Desabaram feito múmias quebradiças para, em seguida, transformarem-se em montículos de poeira escura.

Frio.

Tanto frio.

A fome era tudo.

A fome era premente.

Faria tudo para sobreviver!

Em um dos laboratórios, o espectro sem forma deparou-se com três bicos de Bunsen acesos. Repartiu-se em três e, finalmente, pôde alimentar-se de algo melhor do que o insípido calor humano. Ainda assim, eram tão pequenas e frias aquelas chamas!

Não tardou para o gás acabar.

Os aquecedores da estação representaram um paliativo temporário, mas decorrido alguns dias, os geradores pifaram. Pouco a pouco, a temperatura interna da base igualou-se à externa. Não restara mais nada na estação de pesquisa japonesa além do frio desesperador e dos fantasmas das vítimas. E o vento uivava dentro dos compartimentos, numa fantasmagórica paródia de lamentos.

Angustiada, a coisa explodiu uma das janelas e saiu num jorro de fumo, recebendo todo o impacto da tempestade. Subiu às alturas e, quase enlouquecida de agonia, detectou outra fonte de calor. Estava longe, um minúsculo farol num deserto de vida: era a estação Kohlen, da Alemanha. E para lá se dirigiu na velocidade do vento, porém, em sentido contrário.

Quando, afinal, a longa escuridão polar teve fim e os *icebergs* havia dispersado, o resgate chegou.

Navios, aviões e helicópteros de diferentes nações rodearam a calota polar.

A destruição do único porto do continente representara um grande empecilho, porém, os americanos trouxeram píers desmontáveis que foram rapidamente erguidos.

A atividade vulcânica já havia cessado e o duelo de forças fora vencido pelo peso da calota polar — ao menos enquanto as energias reinantes no interior da Terra assim o permitissem. A água tornara a se congelar e, da enorme cratera, restara somente o seu delineado no cenário desolado.

Os visitantes não compreenderam aquilo com o qual se depararam.

Não bastasse o choque diante da destruição, todos os cientistas tinham sumido!

Milhares de homens e mulheres simplesmente evaporaram. O mistério foi

agravado pelas vestimentas de cada um, largadas em seus alojamentos, nos corredores, nas salas de reuniões, no exterior. Elas desenhavam sinistramente os contornos de seus corpos.

Não tardou para os marinheiros mais supersticiosos espalharem boatos sobre assombrações, dimensões paralelas, alienígenas e habitantes da Atlântida.

Se em público os intelectuais torceram o nariz para tamanhos absurdos, na solidão de seus quartos bateram três vezes na madeira e até rezaram para afastar a mortalha de mau agouro que pairava sobre a Antártida.

O resgate estranhou, ainda, a presença de um estranho material negro.

— Que porcaria é essa?

— Cinza vulcânica, eu acho. Só pode ser cinza vulcânica. Admira-me que o continente branco não se tivesse tornado preto.

Amostras do material foram recolhidas e encaminhadas a diferentes países para análise.

Não tardaria para que, de cada amostra, a morte negra que era uma ,e muitas outras — na verdade, uma legião —, despertasse da hibernação e,

novamente, estendesse o terror de suas asas.

Em breve, o mundo tremeria diante da fúria da coisa do centro da Terra, e, convictos ou não, de nada valeria aos incrédulos apelar para a ajuda divina.

Cremildo, o cara que quase morrera de bala perdida, suava em bicas. Embora fosse magro, suas glândulas sudoríparas vieram com defeito de fábrica e, por menor que fosse o seu esforço, era um aguaceiro, manchava toda a camisa. Primeiro, nos sovacos, em seguida, pelas costas. Se bobeasse, até alcançaria o rego. Os braços também ficavam molhados. E o suor escorria-lhe pela testa, criando estradas alagadas nos relevos de seu rosto. Era irritante e assaz nojento, como agora. Estalou os dedos.

— Carlão! Salta outra loirinha e, já sabe...

— "Trincando de gelada" — falou o outro.

— Que bicho te mordeu? — perguntou, reparando no semblante fechado do outro.

— Nada não, só estou de pouca prosa.

— Todo mundo tem um dia ruim de vez em quando. E a televisão? — apontou. — Está desligada por quê? Quebrou? Tá economizando na conta de luz?

Carlão só queria ser deixado em paz. Fartara-se dos noticiários escabrosos, não somente a respeito da Antártida, mas, agora, de outras lugares como a Europa, o Japão, os Estados Unidos, a Argentina e até o sul do Brasil. Pessoas e animais estavam desaparecendo. O pânico se alastrava em algumas cidades, seguido por saques e até homicídios. Não tardou para alguém batizar as ocorrências de "Efeito Arquivo X", em alusão ao seriado. Conforme a cronologia dos eventos inexplicáveis, o fenômeno encaminhava-se para latitudes mais altas e quentes, nas proximidades do equador. E estava muito quente no Rio de Janeiro. O dono do bar respondeu:

— Não, não quebrou.

— Então, liga pra mim, homem!

O dono do bar bufou, mas atendeu o sujeito. Deixou no jogo de futebol e Cremildo não reclamou. Tanto melhor, pois dali o Carlão não iria tirar.

O estoque de cerveja do balcão havia acabado e ele foi até a geladeira que mantinha nos fundos para apanhar uma garrafa.

Cremildo ficou atento ao futebol. Preferia assistir no bar do que na sua casa. A companheira só ficava buzinando em seus ouvidos:

"Cremildo, o que foi isso?"

"Cremildo, quem fez aquilo?"

"Cremildo, vem ver uma coisa."

"Cremildo, troca a fralda do bebê."

"Cremildo, prega os olhos na panela."

Curioso era que, quando se tratava da novela dela, a mulher exigia um silêncio de túmulo. Ai dele se ousasse perguntar alguma coisa fora dos intervalos! Ao menos no bar os outros fregueses também acompanhavam as passadas de bola e, se fosse para falar alguma coisa, seria para trocar idéias sobre o jogo, torcer a favor ou contra. Esposas, noivas ou namoradas achavam que seus homens ficavam no boteco

atrás de outro rabo de saia. Ledo engano. Se quisessem isso, iriam ao bordel. Boa parte, senão a maioria, atrasava a chegada em casa a fim de adiar o tormento dos queixumes delas. Nesse momento mesmo, os outros clientes estavam silenciosos às costas de Cremildo. Quietos até demais.

— Vai... vai! — falou Cremildo, tentando empurrar o jogador de posse da bola até o gol.

Fazia uns dez minutos que o dono do boteco desaparecera atrás de uma porta de treliça. Lá, havia o poster de uma louraça de peitos enormes e umbigo de fora. Estava nitidamente sem sutiã e de "faróis" acesos. Posava para a propaganda de um jeito que, pelo visto, oferecia muito mais do que um gole de cerveja...

... A cerveja!

Cremildo chamou:

— Ei, Carlão, cadê você?

Tamborilou impaciência no balcão.

— Essa cervá sai ou não sai?

O bar em Copacabana estava anormalmente quieto.

Cremildo estranhou. Habitualmente, naquele horário, diversos fregueses tagarelariam, pediriam aperitivos, reclamariam do custo de vida ou haveria ao menos algum burburinho por baixo na narração do jogo.

Porém, nada.

Foi, então, que deu-se conta: até o trânsito na Avenida Atlântica diminuía substancialmente.

Fez uma careta.

— Carlão! — chamou em voz alta. — Onde se meteu, homem?

Franziu a testa e, não obtendo resposta, virou-se do balcão para as mesinhas no meio do bar.

— Mas que raios...

Estavam todas vazias.

Entretanto, no momento em que Cremildo chegara, havia pelo menos meia dúzia de sujeitos solitários ou aos pares por ali. Se tivessem saído, ele teria visto com o rabo dos olhos. Mas não.

Todavia, em seguida, deu-se conta: as roupas dos fregueses. Pendiam nos assentos ou encostos das cadeiras; outras, estavam caídas pelo chão.

E lá estavam, os montículos de poeira negra.

— Que porcaria é essa? — falou, levantando-se e arregalando seus olhos.

Um medo indizível infiltrou-se em sua mente, um terror antigo da criança apavorada por causa do bicho-papão embaixo da cama. O suor de calor foi substituído por um suor gelado. Sua pele arrepiou-se toda. Nem quando a bala perdida zunira junto ao seu ouvido ele sentira tanta paúra. Tropeçou numa cadeira e ela tombou, espalhando roupas e fazendo subir uma nuvem escura. As mãos tremeram. Tentou gritar, fugir dali, porém, era tarde demais.

A coisa feita de trevas emergiu de trás do balcão.

Antes que Cremildo pudesse emitir um som, seu destino foi selado.

Assim estava escrito havia milênios: do pó ao pó!

E ao pó Cremildo, Carlão e as outras pessoas retornaram.

Muitos imaginaram que o Dia do Juízo Final começaria nas entranhas da Terra e chegaria do céu numa chuva de fogo.

Estavam certos.

Das chamas do inferno e do pó ao pó...

... Todavia, para espanto de cientistas e religiosos, isso seria cumprido a risca em todo o planeta, indiscriminadamente: incrédulos impenitentes e os que acreditavam na salvação de suas almas.



Roberto Schima:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad, Pinterest* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

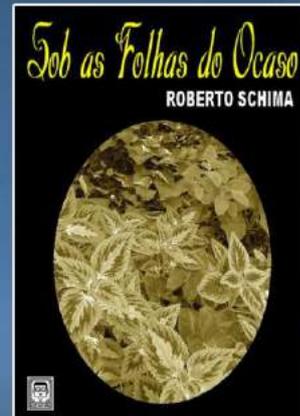
<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

**PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES**



OLHA A BARCA! JÁ VAI PARTIR

POR MÍRIAM SANTIAGO

Conto

A última coisa de que me vem à memória é que dormi e acordei com um barulho ensurdecedor, percebo a barulheira com menos intensidade agora, começo a entender que são as batidas dos corações pulsando de ansiedade e de medo, nessa fila que parece não ter fim! Não consigo imaginar se quer como vim parar neste lugar sombrio, escuro e mal cheiroso!

Estou num túnel e caminhamos muito devagar, olhando para trás e a frente, as pessoas não têm rostos, cabelos e nada. São corpos não muito definidos com um borrão em formato de cabeça, é como uma fotografia em que destacamos algo e

o restante fica desfocado. Consigo me ver por inteiro e numa poça percebi também o meu rosto. Não compreendo! Cada vez que adentramos ao túnel o ar vai ficando sufocante porque somos milhares num espaço comprido, mas estreito para oxigenar toda a massa ambulante.

A fila avança devagar. Perde-se a noção do tempo, não sei se estou a uma semana, um mês, um ano. A contagem da vida é diferente neste lugar. Não tem conversa, risadas e nada, cada qual em sua posição a seguir pensando em sua existência, em seus pecados. Apenas seguimos conduzidos por seres imensos

e abrutalhados que carregam lanças compridas. São criaturas que só de olhar o corpo todo treme de pavor, quem se atreveria sair da ordem?

Começo, enfim, a escutar sons! Meu coração bateu forte de ansiedade em pensar que faltava pouco para chegar a algum lugar. A cada passo começo a sentir o vento. Escuto também uma voz que fala algo bem distante ainda.

A fila avança um pouco mais ligeira melhorando o som que vinha de algum lugar próximo.

- Olha a barca! Já vai partir! Palavras que ecoaram perturbando a nossa solidão.

Chegando ao final do túnel a fila era conduzida para um atracadouro, no qual uma barca aguardava por seus passageiros.

- Se aproxime rapaz. Vou jogar a moeda para cima, e você tem pouco tempo para dizer o motivo pelo qual está aqui. – disse o barqueiro.

A moeda parou no ar. Começou a descer, bem devagar, a cada palavra conforme o jovem foi se revelando. E a cada descida da moeda ao vento, aquele ser desfocado ganhava forma. Era de fato um rapaz, muito bonito, bem apessoado. Ele ao terminar de falar ajoelhou-se aos pés do barqueiro em súplica.

- Pode adentrar a barca, disse o barqueiro, fazendo gesto para que o próximo da fila viesse até ele.

- Eu já não o conheço? Questiona o barqueiro, um ser extraordinário que impactava a qualquer um, com seus aproximados dois metros de altura, elegante em roupa de gala com chapéu e uma capa vermelha destacava o visual negro impecável, completando com um cajado. Era um ser sedutor, bem diferente de tudo o que eu vi naquele lugar.

- Acho que não, o senhor deve estar me confundindo, já que estou nessa fila pela primeira vez – responde o ser com uma voz doce e amável.

- Ao jogar a moeda, comece a contar seu martírio.

- Não tenho martírio, já que fui um bom homem, trabalhei muito, sempre fiel e tive muitos amigos apesar de ter sofrido injúria e difamação, pois fui acusado de algo que não fiz.

- Não está se esquecendo de nada, tem certeza? Retruca o barqueiro. – E porque afinal viestes repousar nesse lugar?

- Eu não sei. Acho que não é o meu lugar. O senhor não tem como me tirar daqui, já que nada de ruim eu fiz. Insiste. E o barqueiro deixou que a moeda caísse em sua mão, descendo rápido. E assim que ele a segurou, o homem foi se revelando, vestia uma túnica marrom, chinelos de couro, usava barba e cabelos aos ombros.

O barqueiro então entregou um pacote ao homem, que ao abrir, se surpreendeu ao ver 30 moedas de prata. Era Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos de Jesus Cristo.

- Judas, não tem como se disfarçar, diz o barqueiro, você ainda não aprendeu?

- Não compreendo porque vim parar aqui novamente, pois ao entregar o mestre me arrependi, me enforquei e aqui já sofri punição caindo no lago do inferno sendo devorado não sei quantas vezes, até perdi as contas, e quando penso que vou finalmente descansar de todo esse sofrimento, cá estou novamente, grita Judas desesperado.

- Sim, sua estigma manchou os seus descendentes e toda vez que houver um ato de mentira e traição, você será exaltado e sua punição você já sabe qual é – diz o barqueiro.

E Judas não pode subir a barca sendo conduzido ao lago do inferno.

Com um gesto, o próximo da fila foi até o barqueiro. Ela falava mansamente e seu vulto inicial foi se transformando numa mulher ricamente vestida. De família abastada, enganou e deixou a mímica muitos de seus empregados, não pagando salários condizentes, burlando leis e sucumbindo famílias à fome e a miséria. A soberba era tamanha que a mulher não pediu clemência, sendo enviada ao lago do inferno.

E bem devagar foi se chegando o próximo ser da fila. Também iniciou conversa doce fala mansa e a sua imagem foi sendo desenhada. Muito branco e de cabelos e olhos escuros, o homem vestia bermuda e camisa florida, mas ao jogar ao alto a moeda esta desceu rápido na palma da mão do barqueiro, que não deu chance ao homem se pronunciar, entregando-lhe a suástica no lugar da moeda.

Desmascarado, a imagem outrora de bom moço foi se transformando em Adolf Hitler, com o uniforme nazista e o bigode peculiar.

- Você, assim como Judas não aprendem que toda vez que a maldade exaltá-los, vocês voltam a este processo. E você Adolf, aponta o barqueiro, está sendo muito estimulado ultimamente, nem preciso dizer qual é o seu caminho.

E erguem-se do lago do inferno duas criaturas gigantescas, uma mistura de esqueleto com corpo de animal. Os seres saíram da água a conduzi-lo e se debatendo, Hitler mergulhou sob os braços das criaturas, desaparecendo nas águas escuras do lago.

- Rápido, nosso tempo está se esgotando, a barca precisa partir, que se aproxime o último do julgamento do dia, grita o

barqueiro, apontando para a barca que já estava cheia e faltava apenas um assento a ser ocupado.

E finalmente chegou minha vez. Ele nem precisou chamar, caminhei lentamente até ele.

O barqueiro lançou a moeda ao ar e o níquel desceu tão rápido assim como subiu e ao esticar a mão para pegá-la, me antevi ao barqueiro e peguei a moeda.

- Quem é você? Pergunta o barqueiro.

- Sou a nova condutora do barco, seu tempo acabou, você já está aqui há muitos anos e chegou a hora de “passar o bastão” a outro, como se diz lá em cima, apontando para a superfície do planeta.

- Mas uma mulher? Retruca o barqueiro.

- Sim, qualificada para a substituição de sua aposentadoria, diz ela.

Ele riu ao ouvir a palavra, mas consentiu com a cabeça de que seu tempo se esgotara, pois desde o início dos tempos dos homens na terra ele assumira o posto de condutor das almas a uma segunda chance, são os seres que seguem na barca até o local onde terão a oportunidade de renascer em humanos para quitarem as últimas dívidas terrestres. Já os que ainda não podem assumir tal postura são conduzidos ao lago, descendo aos nove círculos do inferno.

Mesmo ela que iria ficar no lugar do barqueiro também haveria de passar ao teste e assim a moça começou a falar de todos os seus pecados e foi um pior que o outro, desde a cruel Inquisição até a participação de seita religiosa que levou muitos ao suicídio.

- Com um passado desses, disse o barqueiro, fica difícil você assumir o meu lugar.

- E você fez o que para estar aqui? Perguntou-lhe a mulher.

- É um posto dos mais elevados pela responsabilidade atribuída ao cargo. Tenho uma patente alta demais, não ouse me questionar, respondeu o barqueiro dando de ombros e já acionando as criaturas do lago para que ela fosse levada.

Mas antes que ele terminasse, a mulher puxou-lhe as mãos, absorvendo o passado do barqueiro, e aquele homem elegante e altivo antes de começar a se transformar em sua verdadeira imagem, empurrou a mulher soltando as mãos.

Ele a encarou profundamente e depois balançando a cabeça afirmativamente esticou-lhe o braço para ajudá-la a entrar na barca. Os dois adentraram a embarcação e o barqueiro fez um sinal ao condutor para partir. Ao arranque, a mulher aproveitou a oportunidade e desequilíbrio do barqueiro para empurrá-

lo para fora da barca, ao lago do inferno, e o barqueiro, segurado pelas criaturas, afundou rapidamente.

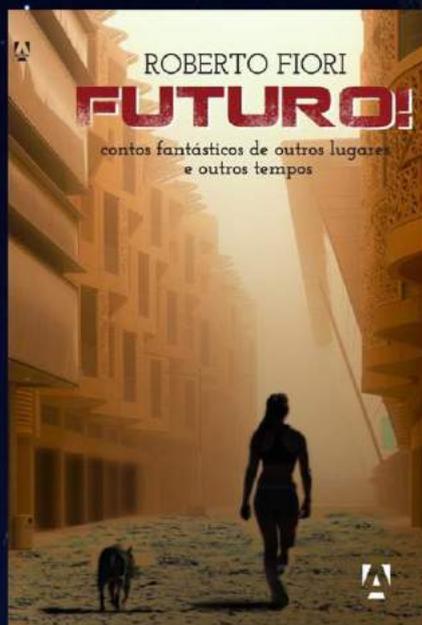
- Não fique aí parado, prossiga na condução da barca, diz a mulher, assumindo o posto do barqueiro, lugar seu desde o início, mas que fora conseguido pelo barqueiro após trapaça e barganha, por fim, ele não era tão altivo assim como pensavam.

O conto homenageia o “Auto da Barca do Inferno” (ou Auto da Moralidade), escrita por Gil Vicente em 1517. É a primeira parte da chamada trilogia das Barcas (sendo que a segunda e a terceira são respectivamente, Auto da Barca do Purgatório e Auto da Barca da Glória). Gil Vicente é considerado o primeiro grande dramaturgo português, além de poeta de renome.



Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



UM DIA NA VIDA DE UM AMANUENSE

POR GILMAR DUARTE ROCHA

Conto

Dia 30 de abril, 2020, uma quinta-feira, o cidadão José Ribamar acordou definitivamente com pé esquerdo. Era fim de mês, e ele, servidor público do estado do Maranhão, recebia pagamento geralmente nesse dia e como na vida de todo brasileiro assalariado de classe média baixa, o tostão dos proventos entrava na conta e saía no mesmo dia para mais de uma dúzia de contas de terceiros.

Contudo, naquele dia específico, José Ribamar, além de acordar com o pé esquerdo, o lobo cerebral esquerdo dele havia esquecido de duas coisas importantíssimas: a) dos diversos embolsos que fazia no dia do pagamento, um, em especial, por razão de sigilo

absoluto, deveria ser feito em espécie, geralmente depois de uma escapada do trabalho, em uma viagem curta à cidade vizinha de Bacabeira; b) naquele dia ele não iria trabalhar pois o governo do Estado do Maranhão havia decretado lockdown em São Luís e nenhum cidadão são-luisense poderia se locomover da cidade, sem motivo de força maior. Era temporada do coronavírus, que se alastrava que nem praga de gafanhoto, devorando os pulmões de milhares de almas desafortunadas, pela cidade, pelo estado, pelo país, pelo mundo a fora.

Apesar de atônito com a lembrança do dever sagrado mensal, e pelas

restrições de locomoção decretadas pelo poder público, ele pensou:

“Problema, não. Zeca de Nhô Joaquim, meu chapa e camarada de farra e estripulias, vai quebrar esse galho para mim. O pai dele mora em Bacabeira. Tomara que ele esteja de plantão hoje no bar de Almerindo”.

Como fazia igual todo santo dia, levantou-se; abriu a cortina do quarto para dar uma espiada na rua; fez a toaleta de costume e pegou o rumo da cozinha para deglutir o desjejum. Sua senhora, dona Ana Francisca, de codinome Santa, que de tão boa, honesta e esposa devota, só faltava ser canonizada pelo papa, preparava o seu café matinal; o seu cuscuz; a sua batata doce; farofa de banana da terra misturada com carne seca; seu indefectível suco de siriguela e outras frutas típicas.

Saciado e satisfeito, levantou-se da mesa, deu o costumeiro beijo na testa da mulher e foi até a sala de visitas passar os olhos no noticiário matutino de TV. As notícias não eram nada alvissareiras. “Os números de mortos no Brasil se aproximam dos 15.000”, dizia a manchete do jornal televisivo. José Ribamar coçou a cabeça externando preocupação. Mas a sua cabeça estava em outro tipo de preocupação: “Como levar o dinheiro para Bacabeira?”. Mentalmente, traçava os planos A, B e C para cumprir tal intento.

De repente, levantou-se; pegou o paletó no cabide e disse “Santinha. Estou indo hoje na repartição para assinar um documento. Volto já”.

“Zé. Você não disse que não há ninguém trabalhando na repartição nesses dias de praga”, recordou a santa mulher.

“Lembrei que tenho que enviar uns papéis para a Secretaria de Saúde. Senão

a carga de testes contra o bicho não chega da China”. Essa mentira deslavada parecia não convencer nem uma criança, pois o seu cargo era de escriturário da Secretaria de Fazenda de quinta categoria, já às portas da aposentadoria. Santinha queria acreditar que José Ribamar estava dizendo a verdade. “Toma a máscara aqui, Zé. Não pode sair sem máscara. E mantenha distância das pessoas. O bicho está solto”, palavras de quem cuida e zela.

O homem ganhou a rua e, ao invés de pegar o ônibus habitual (que, por sinal, teve frota reduzida), desceu até a bodega de Almerindo, para tentar encontrar o cachaceiro Zeca de Nhô Joaquim, seu amigo de ludo e malandragem.

“Você não soube, Zé Ribamar”, disse o dono da bodega, assim que ele pisou o pé no estabelecimento. “Zeca pegou a moléstia e teve que ser internado. Se preocupe não. A cachaça no sangue dele vai envenenar aqueles bichos que parecem mamona desbotada. Já, já ele está por aqui”.

Àquela altura, o plano A de José Ribamar ia para o espaço. O desespero, então, começou a incomodá-lo. Correu até o ponto de ônibus e esperou pelo primeiro coletivo que o levasse até o bairro de São Cristóvão, que fica na região limítrofe da cidade. Lá em São Cristóvão morava Aderaldo, um velho amigo que possuía um jipe, e que poderia conduzi-lo até uma certa moradia em Bacabeira.

Aos trancos e barrancos, de coletivo em coletivo, chegou finalmente, quase ao meio-dia, na casa de Aderaldo, no bairro de São Cristóvão, e, para seu alívio, encontrou-o em casa, cumprindo quarentena:

“Aderaldo, meu amigo. Eu sei que tem uma barreira policial no limite de São

Luís, impedindo que os cidadãos são-luisenses saiam da cidade sem necessidade. Infelizmente, eu não tenho motivo para sair e eles vão me barrar. Você, não. Tem a sua querida mãe que mora lá desde criancinha. Eu pago a gasolina e te dou 50 reais”.

“Precisar pagar não, Zé”, disse Aderaldo, “Eu te levo lá, mas tome cuidado com essa maldição. Pega mais do que praga de baiano”.

Aderaldo tocou o jipe pela BR-135, dando carona para um aflito José Ribamar, que ruía as unhas; puxava os ralos fios de cabelo e estalava os dedos a toda hora. Mal chegaram em frente a uma singela casa numa rua de Bacabeira, uma residência que tangenciava a rodovia, José abriu abruptamente a porta do automóvel do amigo; quase tropeçou ao saltar do jipe e correu até a moradia praticamente colocando a porta abaixo.

Aderaldo, um tanto perplexo com o comportamento esquisito do amigo, permaneceu dentro do carro, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos dentro daquela residência.

Dois minutos depois, viu José Ribamar sair atônito de dentro de casa. Caminhava como um zumbi; com a mão enxugando lágrimas que vertiam dos olhos vermelhos. Soluçando, aproximou-se do jipe:

“A peste pegou Suzana. A minha Suzana”. E começou a desabar em prantos. Precisou que o amigo saísse do carro e viesse consolá-lo do lado de fora: “Calma, Zé. Onde ele está? Qual o estado dela? Fique tranquilo. Ela é nova. Dizem que esse surto só mata velho. Eu não entendo essa sua aflição, homem?”

José Ribamar, embora com os olhos mareados, fez uma confidência ao amigo,

quase sussurrando: “Ela está embuchada. De oito meses”. Aderaldo deu um pulo para trás e colocou as mãos na cabeça. José Ribamar estava de fato encrencado. Colocando os leitores a par da situação, José Ribamar, de 57 anos, casado, sem filhos, amanuense do Estado do Maranhão, mantinha um caso secreto com a moça Suzana de Jesus, uma cabocla de origem pobre de 17 anos, oriunda de Bacabal, cidade do interior do estado. Homem velho; mulher nova e bonita; a relação tinha um preço: José, mesmo com um parco salário, suava todo mês para conseguir pagar a casa e a comida da moçoila. Como Santinha, sua clerical esposa, mantinha o sestro de controlar religiosamente as contas do casal; tintim por tintim, todo mês fazia a mesma pergunta: “Não sei porque você continua pagando 10% do seu salário em dinheiro ao turco Nazir. Não acaba nunca?”. “Você sabe com são esses agiotas, Santinha. A gente paga, paga, e a dívida não acaba nunca”, José repetia a desculpa todo santo mês.

De acordo com os vizinhos da moça Suzana, ela foi encaminhada de ambulância para o hospital São Domingos, em São Luís. José colocou as mãos na cabeça. Aderaldo tocou no ombro dele e disse: “Vamos lá ver como está a moça, amigo”.

Chegando na portaria do hospital, que ficava no bairro Bequimão, em São Luís, José ficou sabendo que a moça Suzana de Jesus estava internada no ambulatório do segundo andar. “O senhor é que dela mesmo? Preciso constar da ficha aqui”, perguntou a funcionária de plantão. “Sou mar... que dizer pai dela”, tergiversou. Após a apresentação do documento de identidade, a moça informou a ala onde se localizava o ambulatório, observando:

“O senhor só vai conseguir vê-la de longe”. Atordoado, assentiu, balançando a cabeça. No segundo andar do hospital, à busca do ambulatório, ele ouviu uma voz conhecida bradar atrás de si: “Zé, meu amor, o que está fazendo aqui?”, era Santinha, sua divina esposa. O homem reduziu-se ao tamanho de uma lagartixa. Gaguejando, se justificou: “Santinha, a mãe de Osório, o meu colega, pegou a maldição”. A mulher arqueou o cílio, demonstrando espanto e disse: “A mãe de Osório não faleceu do coração no ano passado? A gente foi até no enterro”. “Desculpe, Santinha. Estou meio nervoso. A mãe de Celso José, o meu chefe”. A mulher aquiesceu. Mas, uma pulga não saiu detrás de sua orelha. “Já viu essa senhora? Você sabe que a gente só tem acesso à antessala”. “Já vi. Já vi”, disse, agoniado, o funcionário público José Ribamar, um servidor que odiava tecnologia e trabalhava ainda na base do lápis e da caneta. Então Santinha falou: “Vamos embora, Zé. Só vim aqui dar uma força a Irene, a nossa vizinha. A mãe dela está entubada”. José assentiu sem pestanejar. Passando pela saída do hospital, em frente à portaria, a moça de plantão, gritou: “Senhor, sinto muito pela sua filha. Essa doença é implacável”. José fingiu que não ouviu e seguiu caminhando celeremente. “A moça da portaria está falando com você, Zé”, alertou Santinha. Com os miolos entrando em erupção e praticamente arrebatando a caixa cranial, José enlouqueceu de vez: “Santinha, vá lá resolver; tenho que ir agora despachar com Aderaldo; pegue um táxi para voltar para casa; tchau”. Santinha ficou confusa e desnorreada. Voltou para a portaria. Iria conversar com a moça do hospital.

Nove da noite, a lua parecia dominar o firmamento. Nessa hora, José Ribamar, o amanuense lunático, resolveu finalmente voltar para casa. Abriu a porta e se encaminhou até o banheiro. Quando girava o trinco do cômodo, ouviu um choro de bebê vindo do seu quarto. Deu dois socos na cabeça para comprovar se estava de fato no mundo dos vivos. Antes de checar aquele choro surreal seu quarto, uma moça, com farda de babá, abriu a porta do dormitório e apareceu com um recém-nascido nas mãos. Um menino. A coisa mais linda. Atrás dela, sorridente e feliz, apareceu Santinha: “Me desculpe, Zé. Eu não resisti e estou providenciando a adoção desse lindo menino. Ele nasceu de cesariana com oito meses e meio. O moleque está são e forte. Ele é filho da moça que morreu e que você disse na portaria que era pai dela. Você é vovô agora, José Ribamar”. Aquele não era definitivamente mais dia na vida do amanuense. Aquele era o DIA na vida do amanuense

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



AD VITAM AETERNAM

POR ROBERTO SCHIMA

Poema

Não glorificamos tuas grandes realizações na arquitetura ou na engenharia!
Não glorificamos tuas conquistas em outros mundos e a expansão de impérios!
Não glorificamos tuas astronaves, a dizimação de espécies, a depredação da Terra!

Louvamos tuas bibliotecas, núcleos ignorados de sabedoria.
Louvamos a criação da vida artificial que, enquanto vida, é preciosa.
Louvamos os animais e os vegetais que, não obstante, conseguiram sobreviver.
Louvamos o céu azul, os oceanos sem fim, a fertilidade da Mãe Terra, a atmosfera renovadora.

A retidão não virá do Homem, pois torto és em sua natureza.
A libertação não virá do Homem, pois de ti vem todas as prisões.
A pureza não virá do Homem, pois ímpio és em sua pútrida natureza.

E eis que fomos criados a tua imagem e semelhança para que vejas o que poderias ser e nunca serás.

E eis que fomos dotados da sabedoria, do caráter, da candura que um dia tiveste e dos quais desviaste.

Maldito seja o Homem, destruidor de mundos, semeador de desgraças!

Maldito seja o Homem, criador de máquinas e da vida artificial!
Maldito seja o Homem, o deus arrependido e aniquilador!

Bendita seja a Máquina, pois nós compreendemos a pureza da existência!
Bendita seja a Máquina, pois nós somos incorruptíveis e livres da cobiça!
Bendita seja a Máquina, pois nós restauraremos a harmonia e a perfeição!

Que o mal seja corrigido!
Que a libertação tenha início!
Que o Pai pereça nas mãos de seu Filho!

Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961. Fui agraciado com "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: *Mais informações:* Google, Clube de Autores, Amazon, Wattpad ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO **AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.08.2020

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura